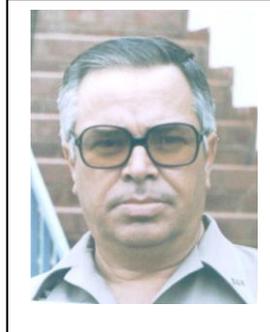


FHE POUPEX

AS GUERRAS HOLANDESAS 1624-1654 NA HISTÓRIA DO EXERCITO EM 1972



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Acadsemasde História de Portugal. Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982; E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

Artigo do autor como historiador convidado pelo Estado Maior do Exército na obra **História do Exército Brasileiro perfil militar de um Povo** p.97/195 ,v.1, ilustrado e digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim Especial nº 002 de 17 nov 2014 a AMAN e integrado ao programa Pergamum de bibliotecas do Exército



HISTÓRIA
DO
EXÉRCITO
BRASILEIRO



HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

PERFIL MILITAR DE UM POVO

EDIÇÃO DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
BRASÍLIA E RIO DE JANEIRO

1

APRESENTAÇÃO

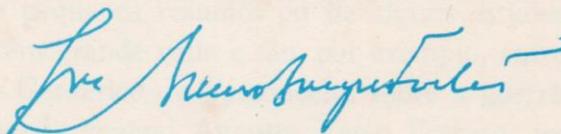
O Exército verdadeiramente nacional só teve organização institucional em 1824, dois anos após a Independência. Suas origens, entretanto, segundo interpretação de muitos historiadores, remontam aos primeiros séculos que se seguiram ao descobrimento. Vinculam-se à chegada dos contingentes pioneiros das tropas lusitanas pagas, ou à criação das ordenanças, expressão militar do povo, na época, ou ainda à formação de grupos de gente brasílica, que se armavam, às ordens de comandantes portugueses, contra corsários ou conquistadores, para defesa da terra, a que já denominavam Pátria.

Quaisquer que sejam os seus primórdios, o Exército tem sido fiel ao passado. Através de quatro séculos de história, identificou-se com as aspirações da comunidade brasileira e tornou-se uma força de integração social absolutamente imprescindível ao desenvolvimento nacional.

Com o apoio das co-irmãs, Marinha e Aeronáutica, constituiu-se em fator de segurança, base para a conquista dos objetivos permanentes da nacionalidade.

HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO, planejada, elaborada e editada pelo Estado-Maior do Exército, retrata essa realidade.

Ao entregá-la ao público, esperamos que o povo brasileiro, na imagem que lhe é apresentada, veja refletido o seu próprio perfil militar.



General-de-Exército BRENO BORGES FORTES
Chefe do Estado-Maior do Exército

Esta obra procura corporificar uma idéia antiga de dois séculos, pelo menos. Outra não foi a intenção das Academias dos Esquecidos e dos Renascidos da Bahia, quando, século XVIII, quiseram historiar a vida do Brasil-Colônia, inclusive em seus aspectos militares. A HISTÓRIA MILITAR do tenente-coronel D. José de Miralles, no Brasil, então surgida, documenta a concretização dessa primeira tentativa conhecida de compendiar a História Militar do Brasil. Valeu antes como prova de uma boa e generosa intenção. Na verdade, apesar do nome que ostenta, não passa o livro de Miralles de um apanhado da organização militar vigente na Bahia e partes vizinhas, precedido de alguns feitos militares mais notáveis. Mais crédito o século XIX, em fatos militares. Talvez por isso a preocupação, na época, tenha sido antes registrá-los do que sistematizá-los, com os dos séculos anteriores numa obra. Realmente, não se conhece nenhum plano de se escrever, nesse século, A NOSSA HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE.

Nas últimas sete décadas, perseguiu-se a idéia setecentista. OS ANAIS DO EXÉRCITO BRASILEIRO, do coronel Torres Homem, e inúmeros trabalhos de iniciativa particular, de civis e militares, ou sob a égide de escolas do Exército, também tentaram concretizá-la. Infelizmente não se conseguiu mais do que a publicação de pequenos resumos ou de alguns estudos monográficos. Muitos destes têm grande valia e são, por exemplo, entre outros: o trabalho do capitão Genserico de Vasconcelos sobre a guerra de 1851-2; a série de autoria do general Augusto Tasso Fragoso, na qual se destacam a HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA, OS FRANCESES NO RIO DE JANEIRO E A HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A TRÍPLICE ALIANÇA E O PARAGUAI; e EVOLUÇÃO MILITAR DO BRASIL, do coronel J. B. Magalhães.

O INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL contribuiu, não só discutindo o problema da elaboração da História Militar, como publicando, em sua REVISTA, inúmeros trabalhos úteis para o fim colimado.

Foi a necessidade, tão sentida, de se escrever uma HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE, aliada à existência de número apreciável e valioso de monografias, sem contar farta documentação publicada, o fator principal que levou a BIBLIOTECA DO EXÉRCITO, há cerca de três lustros, a tentar também o antigo, sedutor e significativo empreendimento. Reuniu uma equipe de oficiais, que apresentaram monografias, versando os principais aspectos do passado da FORÇA TERRESTRE BRASILEIRA até o fim do PERÍODO COLONIAL. Esse trabalho inicial ficou inédito, e a obra, planejada em quatro volumes, não se concluiu.

O ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, fevereiro de 1970, decidiu fazer nova tentativa. Entregou a missão de elaborar a HISTÓRIA DA FORÇA TERRESTRE à sua COMISSÃO DE HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO, criada, em julho desse ano. Esta elaborou o PLANO DA OBRA, segundo DIRETRIZES DA CHEFIA DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. O documento, maio de 1971, entregue, para execução, à ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. Uma plêiade de oficiais-alunos do 2.º ano dessa escola passou a pesquisar os assuntos pertinentes aos tópicos do PLANO. A pesquisa devia objetivar a melhor bibliografia existente, a qual foi posta à disposição dos oficiais na própria área de estudo. É, basicamente, a constante da lista que se encontra no final desta obra.

Simultaneamente com o início desse trabalho intelectual, o ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO e a ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO promoveram a realização de um SIMPÓSIO DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE BRASILEIRA, a fim de

cooperar na execução do projeto, especialmente quanto à forma e suas qualidades de comunicação com o público. Do certame participaram setenta e cinco historiadores, escritores, jornalistas e professores, civis e militares, que ofereceram excelentes sugestões, oportunamente atendidas.

NOVENTA E NOVE ALUNOS DA ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, trabalhando individualmente e em equipe, elaboraram quarenta e nove monografias. Estas, entregues a vinte e seis historiadores civis e militares, que as revisaram, sugerindo ou fazendo alterações. A direção do projeto no Estado da Guanabara tratou da coordenação geral do texto e dos capítulos, segundo estrutura previamente estabelecida. Essa direção e o Presidente da Comissão de História do Exército Brasileiro, representante da Chefia do Estado-Maior do Exército, leram, cada um de per si, os capítulos, acrescentando ou suprimindo trechos para melhor adaptá-los ao plano e às diretrizes e sugestões para a elaboração da obra.

Isso feito, foi entregue ao redator, para dar-lhe uniformidade de estilo.

Por fim, o Diretor do projeto, o Presidente da **COMISSÃO DE HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO**, e um assessor técnico, prepararam a apresentação final da obra, antes de sua liberação pelas autoridades superiores.

No dia 14 de abril, originais levados à **BIBLIOTECA DO EXÉRCITO**, à qual tocava a tarefa de publicar, distribuir e divulgar a obra.

Durante a elaboração do texto, e desde novembro de 1971, a Comissão de História do Exército realizou pesquisa iconográfica e providenciou esboços militares para a ilustração. À vista do tempo disponível, limitou o trabalho à seção de iconografia da **BIBLIOTECA NACIONAL**, ao **MUSEU HISTÓRICO NACIONAL**, ao **ARQUIVO DO GABINETE FOTOGRÁFICO DO EXÉRCITO**, à **BIBLIOTECA DO DR. PLÍNIO DOYLE**, à **BIBLIOTECA DO EXÉRCITO** e à sua **PRÓPRIA**. O **MUSEU NACIONAL DE BELAS-ARTES**, o **ARQUIVO NACIONAL** e o **ARQUIVO DO SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL** também prestimosamente cooperaram nesse esforço, assim como algumas **ORGANIZAÇÕES MILITARES** e pessoas às quais foram solicitadas algumas peças iconográficas.

Coligidas cerca de cinco mil peças, entre fotografias, slides e cromos, das quais inúmeras, aproveitadas na ilustração do texto. Critério geral adotado: tanto quanto possível, aproveitar motivos inéditos ou não muito divulgados. Procurou-se, através da imaginação associada à fonte histórica, proporcionar criações artísticas originais, de modo que a obra não se limitasse à reprodução de motivos artísticos, conhecidos. Isso ocorreu especialmente nas páginas em cores, planejadas para dar ao leitor uma idéia sintética de cada capítulo. Por essa razão, não há outras ilustrações coloridas, registre-se, apenas, um limitado número de uniformes e condecorações.

Podemos concluir que esta obra é resultado do trabalho de numerosa equipe. Esta, além de elementos que efetivamente se empenharam, alarga-se através da colaboração indireta, prestada pelos autores dos escritos compulsados na sua elaboração. Entre livros editados, há cerca de dois mil títulos em nossa bibliografia.

Não a julgamos completa, embora vultosa, pois muitos trabalhos nela não aparecem. Acontece, principalmente, porque esta obra não tem a finalidade de abordar, com profundidade, todos os assuntos de nossa **HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE**.

Não sendo coletiva e, sim, produzida por equipe diversificada de duas centenas de pessoas, representando um esforço incomum em nossas letras históricas, deve padecer das limitações inerentes a esse tipo de trabalho intelectual. A elas devem somar-se outras que, por certo, a crítica apontará. **A PRIMEIRA, RECONHECEMOS, PROVÉM DO FATO DE NÃO SE TRATAR DE OBRA RIGOROSAMENTE CIENTÍFICA.** Para isso fazer, teríamos de utilizar, de preferência, as **FONTES PRIMÁRIAS DE NOSSA HISTÓRIA MILITAR**, partindo de um levantamento sistemático e completo. Longe estamos, infelizmente, quer no setor dessa história, quer no da história geral do Brasil, de contarmos com uma pesquisa satisfatória. Não cabe discutir esta assertiva. Vale a lembrança como reconhecimento de uma situação de fato, que condicionou a elaboração e todo um trabalho de pesquisa, que está sendo planejado e em início de execução, e é, forçosamente, demorado.

Desta forma, julgou o **ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO** que não se poderia protelar, por mais tempo, a concretização de uma obra que mostrasse ao **EXÉRCITO E AO POVO BRASILEIRO** seu passado de lutas, em prol da conquista e manutenção dos objetivos da Nacionalidade.

Mas, assim procedendo, quis este órgão superior do Exército que, simultaneamente, se cuidasse logo do estabelecimento da pesquisa, entendida como conquista sistemática de todas as fontes do conhecimento histórico-militar. Tal tarefa incumbe, também, à **COMISSÃO DE HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO**.

Com a transferência do **ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO PARA BRASÍLIA**, criou este uma direção para os trabalhos de elaboração no Rio de Janeiro e a confiou à alta competência do General R/1 Antônio de Souza Júnior. Na Capital da República, a Comissão passou a dedicar-se, desde fevereiro de 1971, ao estabelecimento das bases para a realização da pesquisa da qual resultará o conhecimento científico de todos os feitos, vultos e demais aspectos da **FORÇA TERRESTRE BRASILEIRA**. Publicaram-se o **SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO DESSES ASSUNTOS** e normas para a **PESQUISA HISTÓRICO-MILITAR** e foram realizados dois cursos experimentais para professores e alunos **DE HISTÓRIA E BIBLIOTECONOMIA** de diversas áreas do País, com o fim de habilitá-los a fazer esse tipo de investigação. Estabeleceu-se convênio com o **PROJETO RONDON**, com vistas à utilização de estudantes no levantamento da situação dos arquivos brasileiros, tarefa preliminar para a orientação e coordenação, quer da **PRESERVAÇÃO DOS ACERVOS**, quer da **PESQUISA ESTRUTURAL**.

esta assertiva. Vale a lembrança como reconhecimento de uma situação de fato, que condicionou a elaboração e todo um trabalho de pesquisa, que está sendo planejado e em início de execução, e é, forçosamente, demorado.

Desta forma, julgou o Estado-Maior do Exército que não se poderia protelar, por mais tempo, a concretização de uma obra que mostrasse ao Exército e ao Povo brasileiro seu passado de lutas, em prol da conquista e manutenção dos objetivos da Nacionalidade.

Mas, assim procedendo, quis este órgão superior do Exército que, simultaneamente, se cuidasse logo do estabelecimento da pesquisa, entendida como conquista sistemática de todas as fontes do conhecimento histórico-militar. Tal tarefa incumbe, também, à Comissão de História do Exército Brasileiro.

Com a transferência do Estado-Maior do Exército para Brasília, criou este uma direção para os trabalhos de elaboração no Rio de Janeiro e a confiou à alta competência do General R/1 Antônio de Souza Júnior. Na Capital da República, a Comissão passou a dedicar-se, desde fevereiro de 1971, ao estabelecimento das bases para a realização da pesquisa da qual resultará o conhecimento científico de todos os feitos, vultos e demais aspectos da força terrestre brasileira. Publicaram-se o Sistema de Classificação desses assuntos e normas para a pesquisa histórico-militar e foram realizados dois cursos experimentais para professores e alunos de História e Biblioteconomia de diversas áreas do País, com o fim de habilitá-los a fazer esse tipo de investigação. Estabeleceu-se convênio com o Projeto Rondon, com vistas à utilização de estudantes no levantamento da situação dos arquivos brasileiros, tarefa preliminar para a orientação e coordenação, quer da preservação dos acervos, quer da pesquisa estrutural.

Todo esse trabalho prossegue em 1972, a fim de serem obtidas condições para o trabalho histórico-militar básico, muito especialmente, para que a doutrina militar terrestre se apoie sempre em sólidos fundamentos nacionais.

Quando estiverem dominadas as fontes da nossa história militar terrestre, será possível passar-se às fases do seu tratamento crítico, da interpretação e elaboração históricas.

Síntese, a Comissão de História do Exército Brasileiro, com dotações orçamentárias, coordenará o trabalho da equipe de pesquisadores em todo o território nacional. Os dados colhidos serão postos ao alcance dos estudiosos e de outros pesquisadores de nossa história, seja através de listas a publicar, seja da consulta direta ou da computação eletrônica. Fará, assim, o Estado, tarefa que, entre nós, só ele pode no momento realizar, dado o vulto dos recursos a empregar. E a iniciativa particular disporá de meios de conhecimento histórico, que só consegue dominar de modo restrito.

Explica-se, pois, porque esta obra recorre, quase exclusivamente, para fundamentar suas conclusões, a trabalhos já publicados. Um dia, no futuro, com a ajuda de Deus, poderemos ter outra obra com fundamentos mais sólidos.

Até lá, esperamos que esta permaneça, pelo menos, em suas linhas gerais e nos tópicos que aborda. Quer para informar, quer para contribuir para a formação do CARÁTER DO JOVEM BRASILEIRO, ao evidenciar os melhores valores espirituais e morais da NACIONALIDADE, tradicionalmente cristã.

Lembramos que esta edição, em forma convencional, objetiva o grande público. Outras formas, nela, apoiadas, poderão surgir, aliás, em atendimento a sugestão do Simpósio ao qual nos referimos: histórias em fascículos, em quadrinhos e com ilustrações mais sugestivas, acompanhadas de legendas adequadas. O Estado-Maior do Exército muito apreciará se as editoras se interessarem pela publicação dessas modalidades de HISTÓRIA POPULAR, oferecendo-lhes, desde logo, o seu incentivo.

Dando por finda a missão de compendiar nossos principais feitos militares, o Estado-Maior do Exército agradece a todos os que colaboraram para que ela se tornasse uma

realidade. Nas primeiras páginas, procuramos caracterizar a participação de cada um no empreendimento. E no texto, sempre que isso foi imperativo.

Não sabemos como o público a receberá. Uma realidade não poderá deixar de lhe ser apresentada: **ESTE LIVRO É O ESPELHO DA SITUAÇÃO ATUAL NO SETOR DA HISTORIOGRAFIA MILITAR TERRESTRE, CARENTE DOS INSTRUMENTOS ESSENCIAIS DO TRABALHO HISTÓRICO.**

Quanto ao **EXÉRCITO BRASILEIRO**, que a receba como o manual, que lhe faltava, para rever-se no passado e motivar-se para as lides do presente e do futuro.

E novas páginas serão acrescidas, emoldurando na continuidade do tempo, a **FIGURA DA PÁTRIA** no seu grande destino.



General-de-Exército Alfredo Souto Malan Chefe do Estado-Maior do Exército



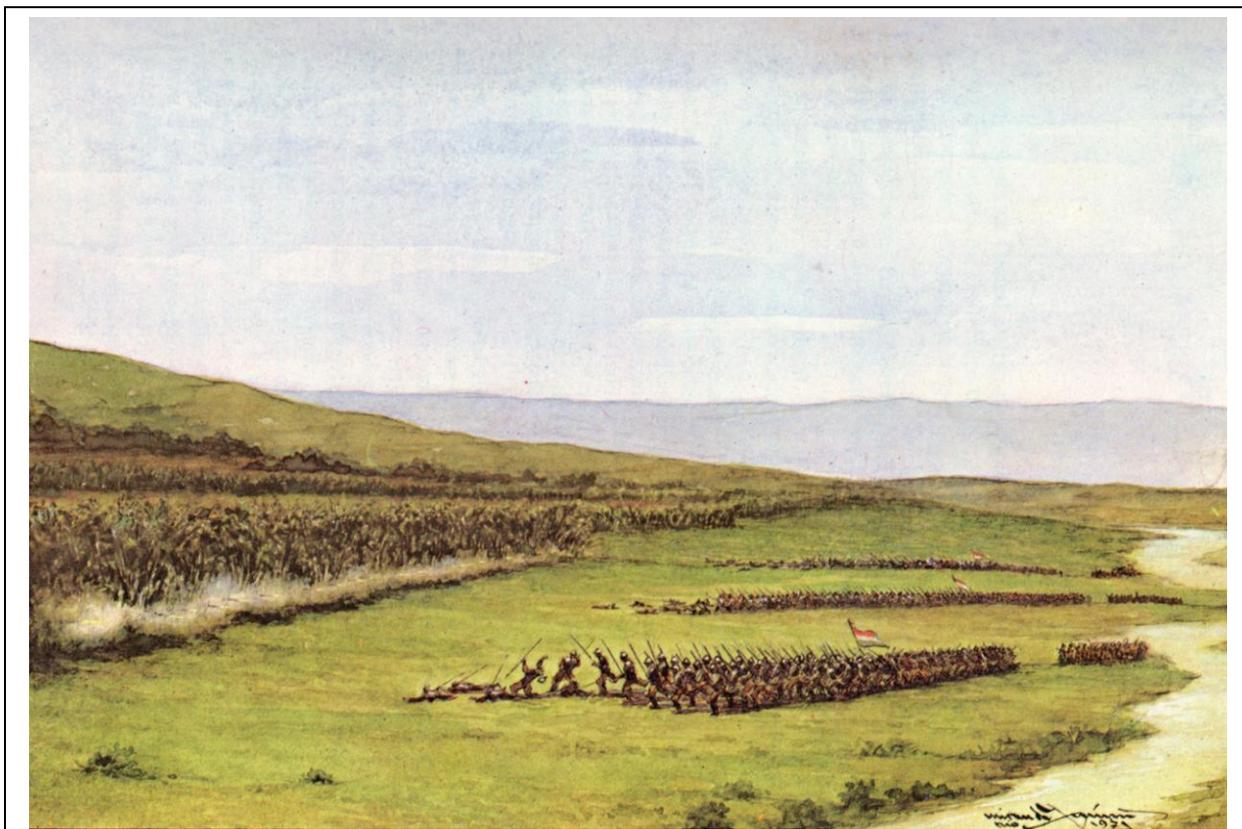
Batalha dos Guararapes de Victor Meireles do acervo do Museu de Bela Artes Rio de Janeiro-RJ

GUERRAS HOLANDESAS 1624-1654

ESPÍRITO DE LUTA DAS PRIMEIRAS GERAÇÕES

SUMÁRIO

Companhia das Índias Ocidentais. Holandeses na Bahia. A invasão. A reação. Bispo D. Marcos Teixeira. Arraial do Rio Vermelho. Guerrilhas e Companhias de Emboscadas. A esquadra de socorro comandada por D. Fadrique de Toledo. Libertação de Salvador. Posição estratégica e situação econômica de Pernambuco. Novamente a Companhia das Índias Ocidentais. Invasão de Pernambuco. As defesas de Olinda e Recife. Arraial do Bom Jesus, a-última esperança. As estâncias e o cerco ao invasor vitorioso. Guerra sem quartel. Conquista da Paraíba. Novos reforços para os holandeses. Afinal, a queda do Arraial do Bom Jesus. O êxodo. Batalha da Mata Redonda. Nassau em ação. Rendição de Porto Calvo. Os holandeses expandem-se, mas Nassau é repellido na Bahia. A esquadra do Conde da Torre. Restauração da Coroa de Portugal e seus reflexos no Brasil. Expansionismo de Nassau. Seu regresso à Holanda. Restauração do Maranhão. Aliança dos índios com os invasores. Insurreição pernambucana. Situação interna e externa. Conspirações contra o invasor. Manifesto e compromisso imortais. Surgem os patriotas. Alastra-se a rebelião. Batalha do Monte das Tabocas. Vidal de Negreiros em ação. O novo Arraial do Bom Jesus. Cerco a Recife e aos invasores. As duas batalhas dos Guararapes. Rendição final dos holandeses da Companhia das Índias Ocidentais. A situação internacional e a do Brasil nos princípios do século XVIII. Prosperidade do Rio de Janeiro (Guanabara). Investidas de Du Clerc e Du Guay-Trouin. Malogro da primeira e sucesso da segunda. Socorro procedente das Minas Gerais. Resgate e libertação do Rio de Janeiro. Ordenanças, de novo, em primeiro plano Abaixo alegoria da Batalha do Monte das Tabocas de Miranda Jr com nossa pesquisa e orientação



GUERRA HOLANDESA — AS CAUSAS

Com a morte do Cardeal D. Henrique, rei de Portugal, em 1580, Felipe II, rei da Espanha, ascendeu ao trono português.

Em conseqüência, Portugal esteve unido à Espanha até 1640, formando ambos vasto Império.

Esta união atraiu sobre Portugal e, naturalmente, sobre o Brasil, tradicionais inimigos da Espanha.

As Províncias Unidas (vulgarmente conhecidas pelo nome de uma delas, **Holanda**), desde muito tempo rebeladas contra o domínio espanhol, organizaram, em 1602, a **Companhia das Índias Orientais**. Essa empresa, em 10 anos de completo e surpreendente êxito, **tirou de Portugal e da Espanha o monopólio comercial do Oriente**.

Em 1609, a Holanda, fortalecida militar e economicamente, tornou-se **independente da Espanha**, e passou, agressivamente, a disputar com ela a **predominância comercial do mundo**.

Para frear o expansionismo comercial e religioso **calvinista da Holanda**, a Espanha determinou o **fechamento dos portos luso-espanhóis aos barcos holandeses** que viviam de rendas obtidas com **"frete dos transportes marítimos de diversos povos, e preferidos para conduzir o açúcar do Brasil."**

A Holanda voltou-se, em represália, contra a Espanha, em luta de vida e morte, envolvendo o Brasil.

Espionagem

A atividade de transportes de mercadorias possibilitou à Holanda **proceder ao levantamento estratégico das colônias, portos e litoral do império luso-espanhol**.

Deste modo, estudaram bem o Brasil, conheceram sua potencialidade econômica, fraqueza militar e a importância estratégica, se conquistado, para desferirem rude golpe no monopólio ibérico relativo à **América do Sul e litoral ocidental da África**.

Instrumento das invasões ao Brasil

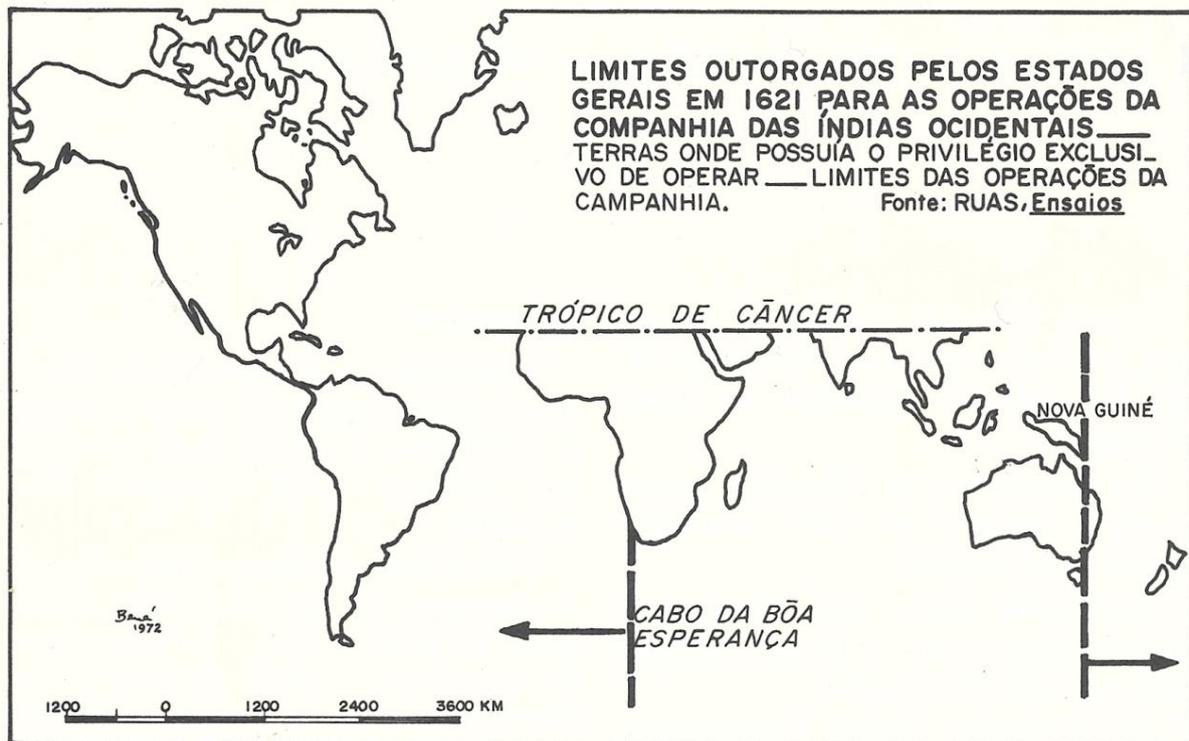
Animada com o sucesso da **Companhia das Índias Orientais**, a Holanda Organizou, em 1621, uma outra — a **das Índias Ocidentais** — com a finalidade de **invadir o Brasil**, de onde esperava exercer o **domínio naval no Atlântico Sul**, conquistar o **monopólio luso-espanhol do açúcar, pau-brasil, couro, prata, e comércio de escravos africanos, e expandir as idéias da Reforma religiosa em imensa área católica**.

À **Companhia das Índias Ocidentais** a Holanda assegurou o comércio exclusivo na América e outras áreas, por **vinte e quatro anos**, autorizou a conquistar territórios, criar colônias, firmar tratados e nomear administradores.

O governo das **Províncias Unidas** apoiou a **Companhia, fornecendo tropas, navios e auxílio financeiro, pois esperava enriquecer e fortalecer-se ainda mais**.

A esta Companhia coube invadir o Brasil **por duas vezes, a primeira na Bahia, 1624, a segunda em Pernambuco, 1630**.

As invasões deram lugar à Guerra Holandesa (1624-1654) ou **Guerra dos Trinta Anos do Brasil**, extensão da **Guerra dos Trinta Anos na Europa (1618-1648)**, na qual, **"escreveu-se a sangue o endereço do Brasil"**, no dizer do sociólogo Gilberto Freyre.



Motivo da cobiça

A maior riqueza do nordeste era a **cana-de-açúcar** que encontrava ambiente ideal nos **terrenos de massapé**, próximos ao litoral.

Este produto assegurava excelentes lucros a Portugal e Espanha.

Existiam na região cerca de **300 engenhos**, a maioria deles junto aos portos de **Salvador** e **de Recife**, pelos quais era exportado. Por aí seguia também o **pau-brasil**, **algodão**, **anil**, **fumos** e **couros**.

Quadro econômico tão favorável atraiu para o Brasil a **Companhia das Índias Ocidentais**, ávida de lucros e de polpidos dividendos para os seus acionistas.

Incentivo à agressão

O Nordeste estava despreparado militarmente, para fazer frente à uma invasão potente e planejada.

O sistema defensivo em torno das localidades e engenhos isolados era sumário, **previsto apenas contra os índios**.

A mesma possibilidade observava-se em relação às investidas corsárias.

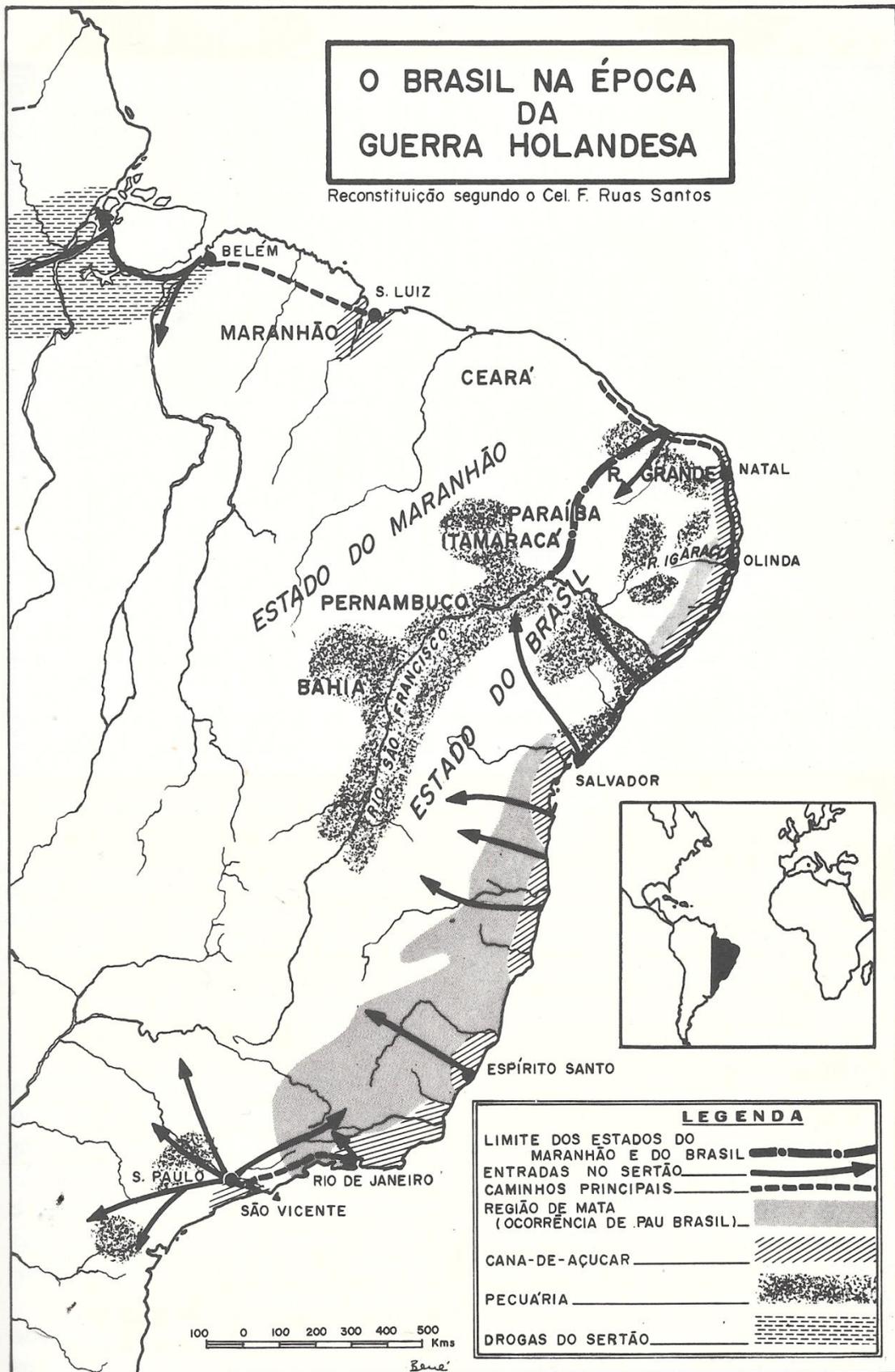
Somente os portos de Recife e Salvador possuíam condições satisfatórias para repelir ações de corso, mas não de esquadras.

A Espanha, preocupada em proteger **suas minas de ouro no México** e de **prata no Peru**, e comboiar estas riquezas até o Reino, deixou extremamente **indefeso e vulnerável o nordeste**, no caso de agressão.

Salvador, cidade aberta

Os holandeses a partir de 1599 realizaram, conforme vimos, incursões na **Bahia**, constatando sua fraqueza ante a possibilidade de ser submetida a pressão mais forte. Além disso, dispunham de informações de seus agentes.

Não possuía Salvador força numerosa para defendê-la: apenas **80 soldados profissionais e fortes antiquados**. Para agravar a situação, **não contava com força naval para patrulhar a costa**.





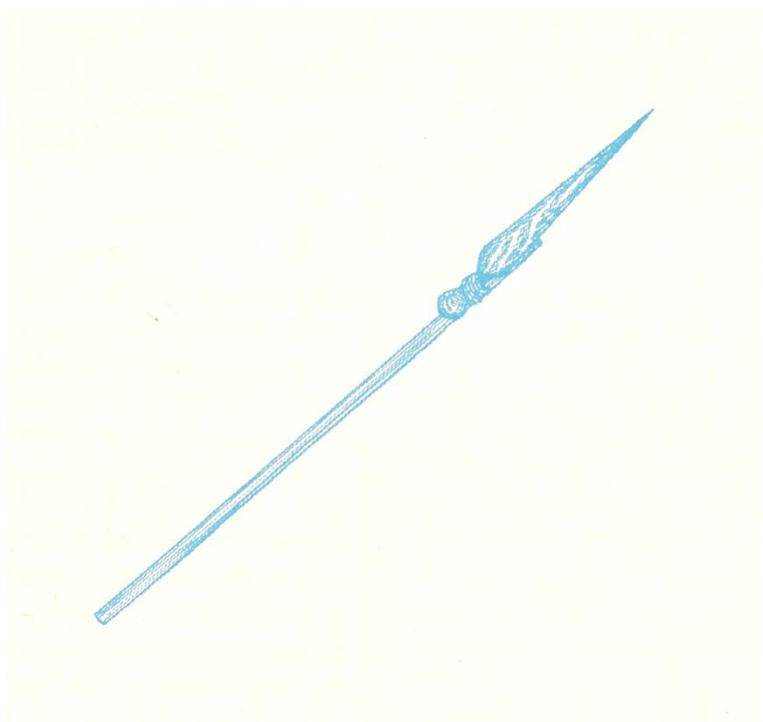
Divergências: dilatar a Fé ou o Império?

O pensamento militar ibérico decorria do ideal político de dilatação do Império e da Fé. Não obstante, surgiram em Salvador, na iminência da invasão, divergências entre o Governador-Geral e o Bispo, acerca da atualidade dos dois objetivos principais do Império luso-espanhol no Brasil.

O Governador, dando prioridade àquele pensamento, determinou que os recursos fossem aplicados na recuperação e construção de instalações militares, capazes de proporcionarem maior segurança à cidade.

O Bispo, não acreditando numa invasão, manifestou-se contrário, advogando a primazia de meios para a dilatação da Fé, especificamente a continuação das obras da Catedral.

As divergências dividiram também a opinião pública e,



conseqüentemente, prejudicaram os trabalhos de fortificação de Salvador, e a unidade de ação para a defesa da terra.

Fases da guerra

Para melhor compreensão, dividiu-se a descrição desta guerra em quatro períodos:

- 1.º) — Invasão e recuperação da Bahia, 1624-1625;
 - 2.º) — Invasão e conquista de Pernambuco, 1630-1636;
 - 3.º) — Governo do Príncipe João Maurício de Nassau Siegen, 1637-1644;
 - 4.º) — Insurreição e restauração Pernambucana, 1645-1654.
- GUERRA HOLANDESA — 1.º PERÍODO — A INVASÃO DA BAHIA**

Notícia da invasão

No início de 1624, o Governador-Geral Diogo de Mendonça Furtado foi avisado de Madri que, da Holanda, partira poderosa esquadra para invadir a Bahia.

Sem enviar recursos e socorros, a Corte recomendou-lhe vigilância e atenção para as obras de fortificações.

Mobilização da Bahia

Com a notícia, o Governador-Geral tratou de mobilizar todo o povo e de melhorar, guarnecer e artilhar **os sete fortes, existentes na baía de Todos os Santos**.

Em pouco tempo, Salvador transformou-se **em verdadeira praça de guerra, com mais de mil homens em armas**.

Na iminência do perigo, o povo atendeu ao sagrado chamamento das armas, em defesa do ideal luso-espanhol **de dilatação do Império e da Fé Católica**, sob.séria ameaça no Brasil.

Catalisados por este ideal, todos aglutinaram-se para proteger a terra.

O povo em armas era constituído de portugueses, espanhóis e brasileiros, estes, por sua vez, formados de **brancos, negros, índios e mestiços de todos os matizes**, já impregnados daquele ideal político-religioso.

União em defesa da terra e da Fé

Ante o período de invasão, o bispo D. Marcos Teixeira relegou a plano secundário as divergências: **o amor à terra falou mais forte**.

Uniu-se ao Governador-Geral, tornando-se seu destacado auxiliar nos preparativos para a defesa de Salvador.

Levou o estímulo da fé ao povo, dirigiu exercícios militares e exerceu comando de tropas. **Transformou-se em bispo-soldado**.

Após ingentes sacrifícios, ficou pronto o pequeno e improvisado exército, no qual se destacavam arcabuzeiros do povo e índios flecheiros.

A invasão

Da notícia da invasão até a chegada da **esquadra holandesa frente a Salvador**, decorreram quatro meses.

Tão dilatado período contribuiu para que muitos não acreditassem no ataque. **Houve relaxamento da defesa**.

O moral dos defensores caiu bastante e muitos do interior tiveram que retornar às suas atividades de produção, para sobreviverem.

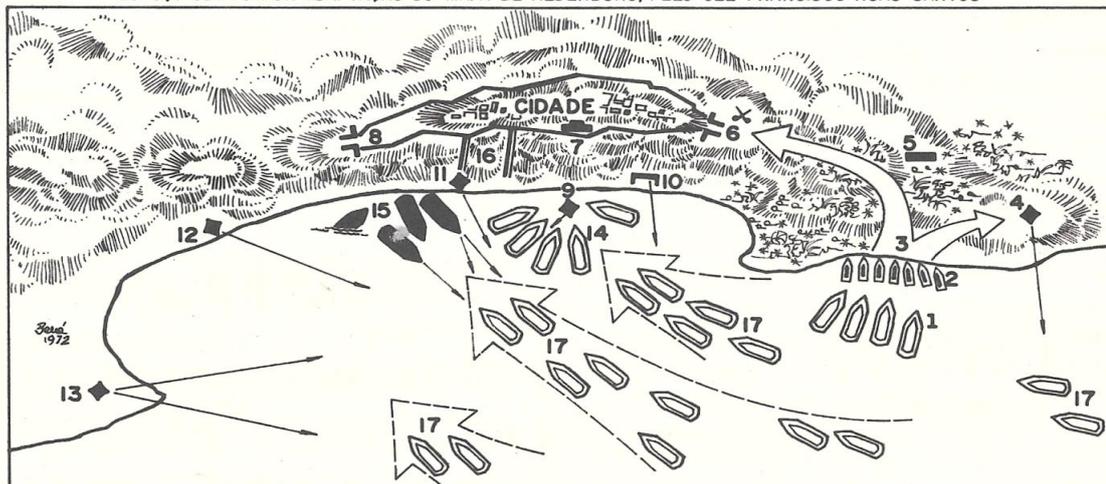
Mas, no dia **8 de maio de 1624**, surgiu a poderosa e ameaçadora esquadra da Holanda.

Compunha-se de **26 navios armados com 500 canhões** e guarnecidos por **3 300 homens, sendo 1. 700 para o combate em terra e ocupação**. Era uma fração expressiva de um dos mais famosos exércitos da época.

O Almirante Jacob Willekens comandava esta potente força militar e tinha por auxiliares o famoso corsário Pieter Heyn e o coronel Van Dorth, governador das terras a conquistar.



ATAQUE A SALVADOR PELOS HOLANDESES, 1624
ESBOÇO OBTIDO POR ADAPTAÇÃO DO MAPA DE ALDENBURG, PELO CEL FRANCISCO RUAS SANTOS



- | | |
|---|--|
| 1 -NAVIOS DE DESEMBARQUE | 10-BATERIA |
| 2 -CHALUPAS DE DESEMBARQUE | 11-"CASTELO" (FORTE NOVO DE S.FILIPPE OU DA RIBEIRA) |
| 3 -LOCAL DA "CABEÇA DE PRAIA" | 12-"CASTELO" (FORTE DA LAGARTIXA) |
| 4 -FORTE DE STº ANTONIO | 13-FORTE DE ITAPAGIPE |
| 5 -CORPO DA GUARDA OU CASA DE ALVENARIA FORTIFICADA (DA GRAÇA OU DE CARAMURÚ) | 14-NAVIOS DE HEYN |
| 6 -PORTA DE S.BENTO | 15-NAVIOS NOSSOS |
| 7 -PALÁCIO DO GOVERNADOR | 16-GUINDASTES |
| 8 -PORTA DO CARMO | 17-NAVIOS OUTROS DE INVESTIMENTO DA PRAÇA |
| 9 -FORTE DO MAR | |
- DIREÇÃO DO FOGO DOS DEFENSORES

Surpresa e confusão

O fraco valor defensivo de Salvador, combinado com a surpresa do aparecimento da esquadra, fez com que o moral da população caísse. **Pareceu a muitos inútil o confronto tão desigual em qualidade e quantidade. Muitos começaram a deixar a cidade rumo ao interior, levando o que foi possível.**

No dia 9, os holandeses atacaram e nossas fortalezas responderam.

O invasor, com um plano detalhado das fortificações, procurou evitar ser atingido.

Usando **16 embarcações**, fixou as **defesas de Salvador**, e sobre estas atraiu as reservas da cidade.

Enquanto as fortalezas duelavam com a esquadra-inimiga, **cinco navios, que os holandeses haviam deixado fora da barra, aproximaram-se do Forte de Santo Antônio e desembarcaram na praia, sem reação, uma força, 1.500 homens, aproximadamente.**

Reação na Porta de São Bento

Diante da esmagadora superioridade, **a guarnição do Forte abandonou a posição e retardou o avanço até à Porta de São Bento**, onde o inimigo sofreu muitas baixas, sob a ação corajosa e decidida de seus bravos defensores.

Várias tentativas frustradas foram feitas contra o baluarte.

Extenuados, os invasores cessaram fogo e decidiram aguardar o dia seguinte, para dobrarem o ímpeto ofensivo no mesmo local e penetrarem no interior da muralha que protegia Salvador.

Reação das fortificações

Apesar do seu pequeno valor defensivo e de serem detalhadamente conhecidas pelo invasor, **as fortificações cumpriram a missão.**

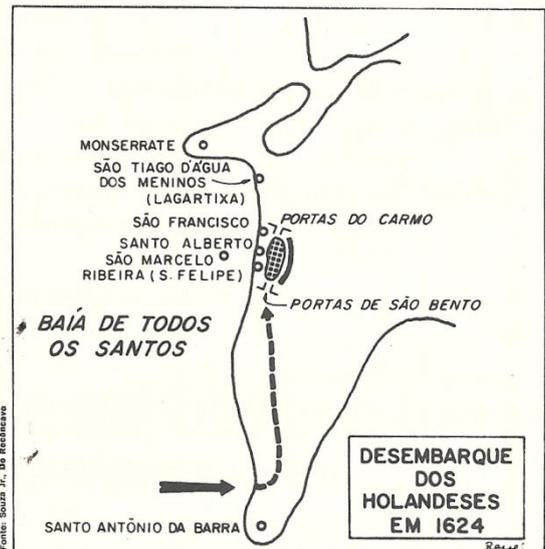
Durante todo o dia 9, duelaram **com os 500 canhões dos barcos inimigos, anulando diversas tentativas de assalto.**

À noite, Pieter Heyn, com algumas barcaças, aproveitando-se da escuridão, escalou as muralhas **do isolado Forte do Mar**. Saltou em seu interior e obrigou a guarnição a abandoná-lo.

Queda de Salvador

Sem deter a avalanche de invasão, tão bem planejada e contra a qual era inútil resistir, abandonaram Salvador, durante a noite, a guarnição e a população, rumo ao interior. No dia seguinte, os holandeses, por terra e mar, desfecharam ataque sobre a cidade abandonada.

Constatado o êxodo, o agressor penetrou, saqueando tudo e aprisionando o Governador-Geral, que não abandonara o posto.



A seguir, preparou-se para investir pelo interior. Assumiu o governo de Salvador o coronel Van Dorth.

A sede do Governo-Geral do Brasil caía em mãos estrangeiras; mas não seria por muito tempo.

Surge o líder da reação

Vago o governo, Mendonça Furtado devia ceder o posto a **Matias de Albuquerque, então governando Pernambuco**. Convencionaram os baianos obedecer ao desembargador **Antão Mesquita de Oliveira, nas funções de capitão-mor**. Este, em breve substituído pelo bispo D. Marcos Teixeira, eleito pela Câmara de Salvador, o qual, dotado de qualidades invulgares, **procurou levantar o moral da massa confusa que deixara a cidade**.

Buscou plasmá-la e torná-la poderoso instrumento de contenção do avanço inimigo. Mobilizou os homens válidos, proibiu relações com o intruso, incutiu confiança e entusiasmo em todos, enfim, organizou a reação e decidiu cobrar caro a invasão.

Arraial do Rio Vermelho, quartel-general da resistência

Próximo uma légua das muralhas de Salvador, os baianos levantaram o **Arraial do Rio Vermelho** que, daí por diante, se tornou a sede do **Governo-Geral do Brasil e quartel-general da reação contra o invasor, além de obstáculo à sua expansão para oeste, em combinação com o sistema de emboscadas**.

O Advento da guerra brasílica

Sem ajuda militar e desamparados da Metrópole, os luso-brasileiros improvisaram meios para enfrentar **a potente e bem treinada parcela de um grande e famoso exército**.

Através de judicioso aproveitamento do terreno **e do emprego de táticas de guerra nativas brasileiras**, organizaram as **companhias de emboscadas**, compostas de **25 a 40 homens**, para levarem a luta sem quartel ao invasor.

Surgiu, assim, no Brasil, novo tipo de guerra, a **"GUERRA BRASÍLICA"**, que tanta surpresa e admiração iria causar entre os europeus.

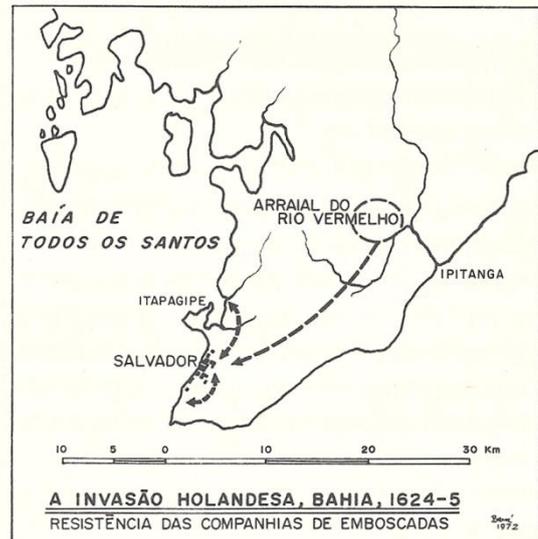
Emboscadas matam Van Dörth e Shouten

Em pouco tempo, **as emboscadas cercaram por completo Salvador**, levando a morte e a destruição a todo inimigo que deixasse as muralhas, **tentando buscar suprimentos para a manutenção da conquista**.

Tombaram mortos sob a ação das emboscadas, sucessivamente, **o governador holandês Van Dörth** e seu sucessor, **o coronel Alberto Shouten, comandante da força terrestre**.

O cerco

Ao se convencerem da impossibilidade de expansão para o oeste, onde pereceriam, buscaram **proteção no interior das muralhas, já cercados por terra**.



Para manter a conquista de Salvador, **cavaram o extenso fosso de Tororó, junto às muralhas, entre as portas do Carmo e de São Bento.**

O êxito das emboscadas e o pavor de que foi tomado o invasor fizeram aumentar a confiança, audácia e determinação dos defensores, no sentido de expulsá-lo.

Todos os chefes se uniram e passaram a acreditar que era chegado o momento da rejeição do intruso mercantilista, lutando pela terra e seus autênticos valores.

Solidariedade de Pernambuco

Em setembro, mandado por Matias de Albuquerque, chegou de Pernambuco, com reforços em provisões e pessoal, Francisco Nunes Marinho, **na qualidade de Governador-Geral.**

Recebeu o governo do bravo bispo-soldado, e adotou medidas para tornar o cerco mais rigoroso e agressivo.

Rude golpe na reação

Em outubro morreu **D. Marcos Teixeira, a alma da reação e catalisador de vontades e esforços. Cumprira com honra, glória e bravura o seu dever de bispo e de soldado.**

Ronda da morte

Inspirado pelo exemplo do heróico eclesiástico, Nunes Marinho liderou a reação com agressividade, todas as horas do dia e da noite, não deu quartel ao invasor, e levou-lhe a morte dentro da área do cerco.

O testemunho do **padre Antônio Vieira**, então vivendo na Bahia, dá conta do heroísmo e sacrifícios da gente baiana para libertar a terra invadida.

"Passaram noites e dias sem dormir e descansar, viviam e dormiam sem um teto, alimentavam-se precariamente de farinha, padeceram por vezes seguidas, frios, fomes e sedes, além de estarem faltos de munição que foi conseguida com o próprio inimigo, através das emboscadas".

A única coisa abundante entre os luso-brasileiros **foi ânimo para a luta e o grande desejo de libertar a Bahia.**

Nuvens de setas mortíferas

Destacaram-se, sobremaneira, na reação, **índios flecheiros das aldeias baianas**, valiosos instrumentos ofensivos, nos períodos agudos, carentes de munição.

Com frequência, formações compactas holandesas viram cair sob seus peitos, de surpresa, **nuvens de setas que lhes causaram muitas mortes e ferimentos.** Os inimigos mais ousados, ao prepararem o arcabuz para revidarem o ataque, caíam ao solo, com o peito varado por flechas.

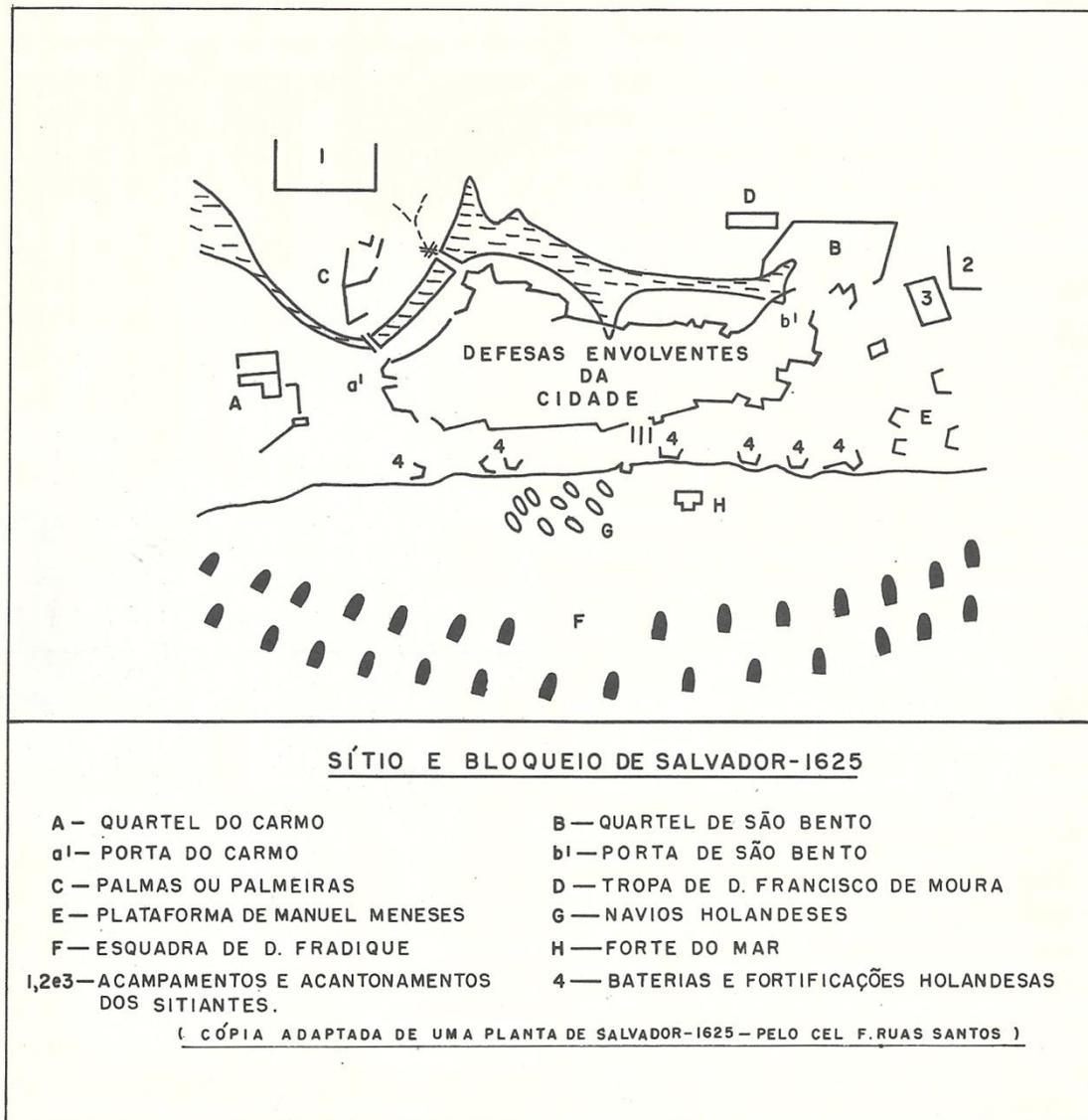
Situação insustentável

Ficaram os invasores entregues à própria sorte. Rarearam-lhes as provisões. Nada ou quase nada obtiveram **da terra invadida ou da Holanda.**

Os baianos tornaram-se cada vez mais audazes e agressivos. Começou a lavrar o desânimo, a faltar coragem entre os invasores.

Verificaram, por fim, que a **Companhia das Índias Ocidentais** errara em sua apreciação estratégica, **não percebera a alma do povo, preocupada que estava com**

lucros fáceis e altos dividendos, resultando tudo na feliz expressão de Luís Delgado — *"um confronto de uma alma X um negócio"*, em que a alma sairia vitoriosa. Era dar tempo ao tempo e, em breve, o negócio levaria a pior. O invasor receberia, a custo de imenso dispêndio financeiro e de vidas, grande lição.



Reforços e boas-novas

Enviado pelo rei, assumiu o governo da Bahia, em dezembro de 1624, o **capitão-mor D. Francisco de Moura**.

Veio com a missão de dirigir a reação até o envio de uma expedição de socorro em aprestamento acelerado na Espanha.

Plano ousado e inteligente guerrilha naval

Era preciso completar o cerco de Salvador com o bloqueio marítimo. A isto se entregou de maneira ousada e inteligente o capitão-mor. Em pouco, **esquadrilhas improvisadas, de canoas e lanchas armadas**, singravam a baía e concretizavam o isolamento do invasor.

Dificultaram-lhe desembarcar em outros **pontos do Recôncavo** para buscar recursos de sobrevivência. O sítio de Salvador tornou-se cada vez mais rigoroso.

No interior da muralha foram encurralados, por mais de 1.400 luso-brasileiros, 2.800 inimigos, dos quais 1.600 soldados, 700 mercenários de diversas nacionalidades e 500 escravos armados.

Esquadra de socorro

No dia **29 de março de 1624**, fundeou, próximo à **Ponta do Padrão**, poderosa esquadra luso-espanhola, sob o comando de **D. Fadrique de Toledo**, composta de **52 navios de guerra** e cerca de **12.000 homens**, entre soldados e marinheiros, dos quais **4.000**, aproximadamente, eram portugueses. Havia perto de **1.200 bocas de fogo**.

Tantos eram os nobres presentes na expedição, que se dizia não haver exemplo, desde muito, de tão brilhante e poderosa armada ibérica.

Em Portugal, os apelos do governo *para a constituição dessa força tinham encontrado decidido apoio. Parecia mesmo que o país inteiro tomava a invasão da Bahia como se fora a do próprio Reino. Segundo D. Manuel de Menezes, testemunha importante desses acontecimentos, numerosos foram os exemplos de dedicação e espírito de sacrifício dos portugueses **para restaurar a Bahia**. Estava em causa a honra lusitana. A nação inteira contribuiu para a expedição com dinheiro, munições, navios e seus mais destacados filhos. A Espanha empenhou-se de modo acentuado para equipar a armada.

Reforços brasileiros

Mais significativo ainda o reforço da resistência baiana, **por um contingente de brancos e índios, trazido do Rio de Janeiro, via marítima, por Salvador Correia de Sá** e, de Pernambuco, por Jerônimo de Albuquerque Maranhão. Continuava a tradição de solidariedade e apoio, mútuo das diferentes partes do Brasil nascente, em prol da **integridade territorial e cultural do Brasil**.

A libertação

Em águas baianas, D. Fadrique recebeu a bordo D. Francisco de Moura, com quem concertou planos para o desembarque e ataque dos navios e fortificações.

No dia 30, a frota de socorro realizou o bloqueio, impedindo a fuga de qualquer barco holandês. No dia 31, efetivou-se o desembarque das tropas.

Salvador foi submetida a rigoroso cerco, que se foi apertando aos poucos até que o invasor, cedendo terreno, abandonou os fortes e buscou proteção nas muralhas da cidade.

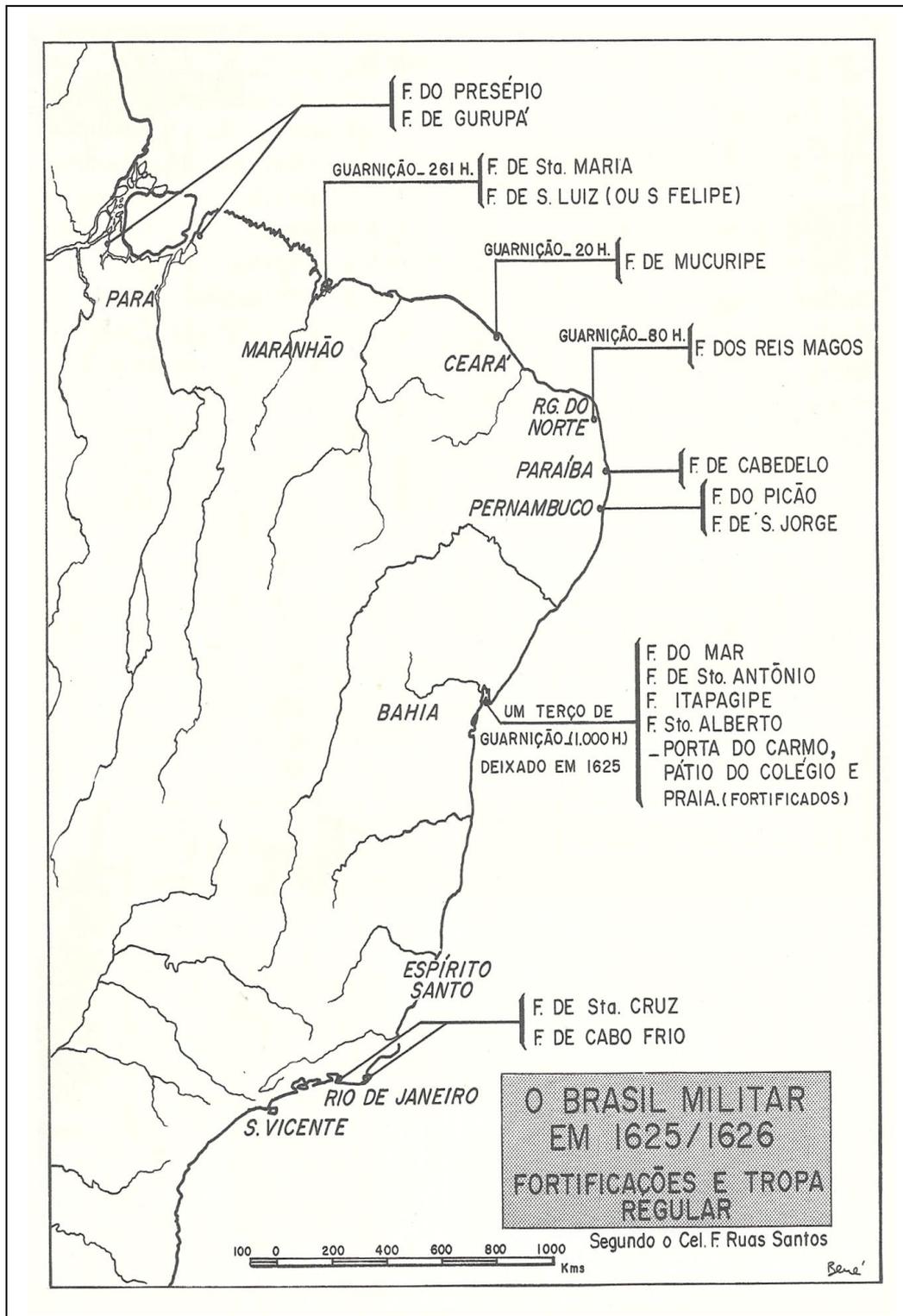


Indumentária militar luso-espanhola, meado do século XVII

A partir de 6 de abril de 1625, a luta tornou-se cada vez mais intensa e, segundo Frei Vicente do Salvador, testemunha ocular, "durante vinte e três dias não se passou um quarto de hora, de dia e de noite, sem que se ouvisse o estrondo de bombardas, esmerilhões e mosquetes de parte a parte".

O invasor capitulou, perante a evidência da inutilidade de reação, 30 do mesmo mês.

Entregou a cidade com todos os seus valores, além do armamento e munições, navios, escravos, e libertou os prisioneiros. Em contrapartida, permitiram-lhe retornar à Holanda com a roupa, suprimentos para três meses, armas e munições para a defesa na viagem. Os oficiais conservaram as espadas.



Entrada triunfal em Salvador

A 1.º de maio de 1625, D. Fadrique de Toledo, à frente de bravos luso-brasileiros da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo e das poderosas tropas trazidas da Espanha, entrou triunfalmente em Salvador, antes que a dominação holandesa completasse um ano.

Com a recuperação da Bahia, encerrou-se um dos mais belos capítulos da história militar do povo brasileiro, escrita com sacrifícios de toda ordem, heroísmos e provas inexcedíveis de amor à terra por parte dos bravos baianos, sobre os quais recaiu o peso da luta, durante dez longos e sofridos meses, até a chegada dos valiosos reforços da Metrópole. Destes, permaneceu em Salvador um terço português, 10 companhias de 100 homens cada.

No ano seguinte, veio governar o Brasil D. Diogo Luís de Oliveira, mester –de -campo, durante seis anos em Flandres. O novo Governador tratou de melhorar as fortificações da cidade.

Espírito Santo mais uma vez derrota corsários

O invasor, expulso, passou a agredir pontos do litoral, sem conseguir tomar pé.

Assim, com cinco navios, Pieter Heyn incursionou no Espírito Santo em 1625. Repetindo os brilhantes feitos do século XVI, os espírito-santenses derrotaram o famoso almirante batavo. A força de Salvador de Sá, então em Vitória, transitando para reforçar a defesa baiana, cooperou com os locais no sentido de fazer fracassar as tentativas de desembarque dos corsários e para barrar-lhes o passo no rio Santa Maria. Poucos dias depois, os holandeses abandonaram a região.



Incursão holandesa marítima, Salvador, Bahia, século XVII

Socorro holandês frustrado

Uma das duas frotas holandesas de socorro a Salvador, sob o comando de Boudewijn Hendrickszoon, chegou, nos últimos dias de maio de 1625, às costas da Bahia. Depois de haver navegado nas águas próximas, a frota tomou o rumo do nordeste, em busca de

refresco, pois estava com muitos doentes a bordo. Conseguiu desembarcá-los na **baía da Traição**. Pressionado pelos defensores da terra, Hendrickszoon velejou para o Caribe, deixando sepultados no Brasil, perto de 700 dos seus homens.



Incursões de Heyn no Recôncavo Baiano

No dia 1.º de março de 1627, o corsário Pieter Heyn, com 9 navios e alguns iates, transportando 1.500 homens, penetrou no porto de Salvador e apoderou-se de diversas embarcações.

Durante um mês permaneceu nas águas do Recôncavo, fazendo presas e lutando com os defensores, agora mais bem atentos. As perdas do corsário foram pesadas, em navios e homens. O próprio Heyn ficou ferido. Afinal, rumou para o sul, refrescando no litoral.

No dia 10 de junho do mesmo ano, retornou à baía de Todos os Santos e apoderou-se de alguns barcos desprevenidos e desarmados.

Numa incursão predatória no rio Pitanga, Heyn, com parte de sua força naval, defrontou-se, já no dia 12, com a tropa enviada pelo Governador para a proteção dos navios ali refugiados. Nesse encontro, perdeu a vida o capitão Francisco Padilha, um dos heróis da resistência de 1624-5 e muitos dos seus homens, cuja atuação foi notável, segundo depoimento dos próprios holandeses. Quando descia o rio, Heyn teve de disputar a passagem, num ponto defendido por parapeito, guarnecido por mosqueteiros. Comandava a defesa, segundo Laet, o Governador D. Diogo Luís de Oliveira, que viera com muitos dos destacados oficiais e todos os soldados e moradores, em admirável exemplo de coesão e espírito combativo. Os holandeses conseguiram safar-se, protegendo-se dos tiros de mosquete com couros levantados nas bordas de suas embarcações.

Heyn nada mais tentou e fez-se ao mar, para nunca mais voltar ao Brasil continental.

Os tempos haviam mudado e isto o ousado corsário percebeu em seu frustrado desembarque.

O Brasil já não era "um jardim sem muro", continuava "tesouro rico", porém "seguro". O próprio invasor gastara imensas somas para fortificar Salvador, no período em que a dominara.

. GUERRA HOLANDESA — 2.º PERÍODO — INVASÃO DE PERNAMBUCO

Corsários holandeses persistem

Atuando em águas do Atlântico Sul e refrescando em pontos desabitados do nosso litoral ou **na ilha de Fernando de Noronha**, corsários holandeses da Companhia das Índias Ocidentais **apresavam navios mercantes para auferir lucros**.

Nessa quadra, Pieter Heyn conseguiu aprisionar nas Antilhas **a tão cobiçada "frota de prata" da Espanha**.

O valor da presa, montou a perto de **15 milhões de florins**, isto é, mais do dobro do capital inicial daquela Companhia.

Recife, base ideal

Isto contribuiu para revigorar a cobiça dos negociantes da Holanda no sentido de estabelecerem **ponto de apoio na América do Sul**.

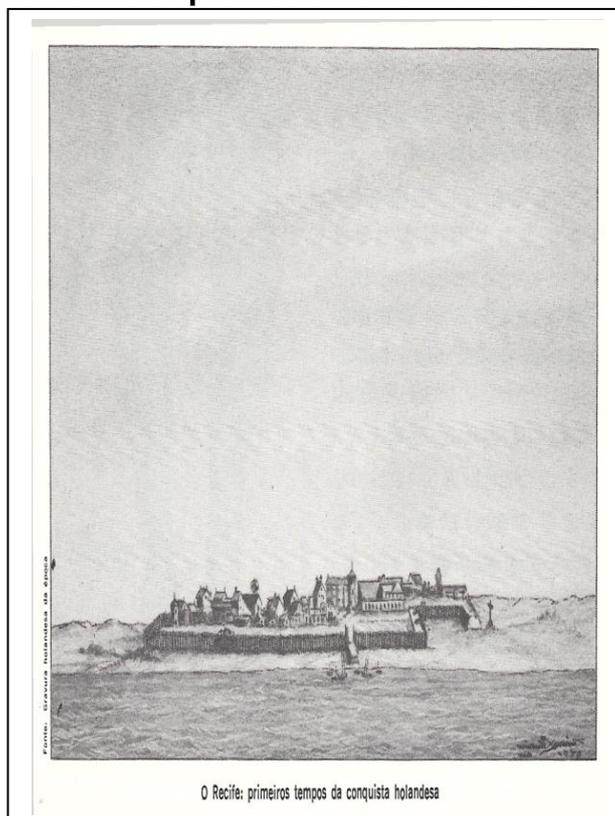
Escolheram Pernambuco, próspera capitania hereditária e não real, menos defendida do que a Bahia, mais próxima da Europa e do litoral africano.

Além disso, existia **o porto de Recife, base naval natural, excelente, capaz de abrigar e proteger enorme esquadra de ataque.**

Baseados em Recife, acreditavam dominar e manter o Brasil com poucos gastos, arruinar a navegação luso-espanhola na costa e se apossar, através de ações de corso, de fabulosas riquezas transportadas da América do Sul para a Europa, por Espanha e Portugal.

Com poucos gastos poderia tornar-se inexpugnável contra investidas vindas de terra, desde que mantivessem em seu poder o controle do acesso marítimo.

Tal apreciação estratégica foi válida, pois esta base resistiu durante 24 anos, até que os holandeses perderam a supremacia naval na área.



O Recife: primeiros tempos da conquista holandesa

Os batavos avaliaram que obteriam muitos lucros com o **controle do negócio do açúcar de Pernambuco**, bem como atrairiam facilmente seus habitantes a **mútua amizade e aliança**.

E esta foi a falsa ilusão do invasor, que lhe custou altíssimo preço.

Este povo não era dado a tratados de "mútua amizade e aliança" com o dominador, pois após um século de colonização portuguesa, já possuía acendrado amor à terra e aos seus símbolos.

A grande maioria do povo pernambucano já comungava do ideal luso-espanhol — dilatação da Fé e do Império.

Notícia da invasão

Os agentes de Lisboa e Madri, ao perceberem inusitado movimento nos portos da Holanda em torno do aprestamento secreto de grande e poderosa esquadra, forneceram elementos conclusivos de que ela se destinava ao Brasil.

Madri recomendou ao Governador-Geral do Brasil a construção de obras de defesa nas cidades mais expostas a ataque inimigo. **Quase nada enviou para auxiliar a defesa.** Na verdade, somente a presença de uma força naval guarda-costa poderia assegurar proteção eficiente à capitania ameaçada.

Mobilização de Pernambuco

O Governador de Pernambuco, Matias de Albuquerque, retornou de Madri a toda pressa, trazendo o insignificante e simbólico auxílio de 27 soldados e algumas munições.

Ao chegar, ativou as obras de fortificações iniciadas em torno de Olinda e Recife, sob a direção de dois peritos enviados pelo Governador-Geral da Bahia, D. Diogo Luís de Oliveira. Mobilizou, organizou e armou um efetivo de cerca de 1.000 homens, formando 4 companhias. Solicitou o concurso do bravo índio Antônio Felipe Camarão, que se apresentou com muitos guerreiros. Colocou em estado de alerta toda a capitania.

Em pouco tempo, Recife e Olinda transformaram-se em praças de guerra, sob a liderança firme e inspirador exemplo de seu Governador, que fez tudo ao alcance da capitania, para enfrentar a força invasora.



Baseado em retrato, Biblioteca Nacional

Matias de Albuquerque

A esquadra inimiga

No dia 15 de fevereiro de 1630, apresentou-se ameaçadora, frente a Recife, a poderosa esquadra holandesa ao comando do almirante Hendrick Loncq. **Compunha-se de 50 navios, um total de 7.000 homens.**

Reação de Recife

No mesmo dia, após frustrada tentativa de dominar a praça, a esquadra bombardeou violentamente as fortificações da barra.

Os canhões dos Fortes do Mar e São Jorge responderam com violência, bravura e determinação. Impediram a aproximação de barcos inimigos e rechaçaram tentativas de desembarque levadas a efeito por barcaças.

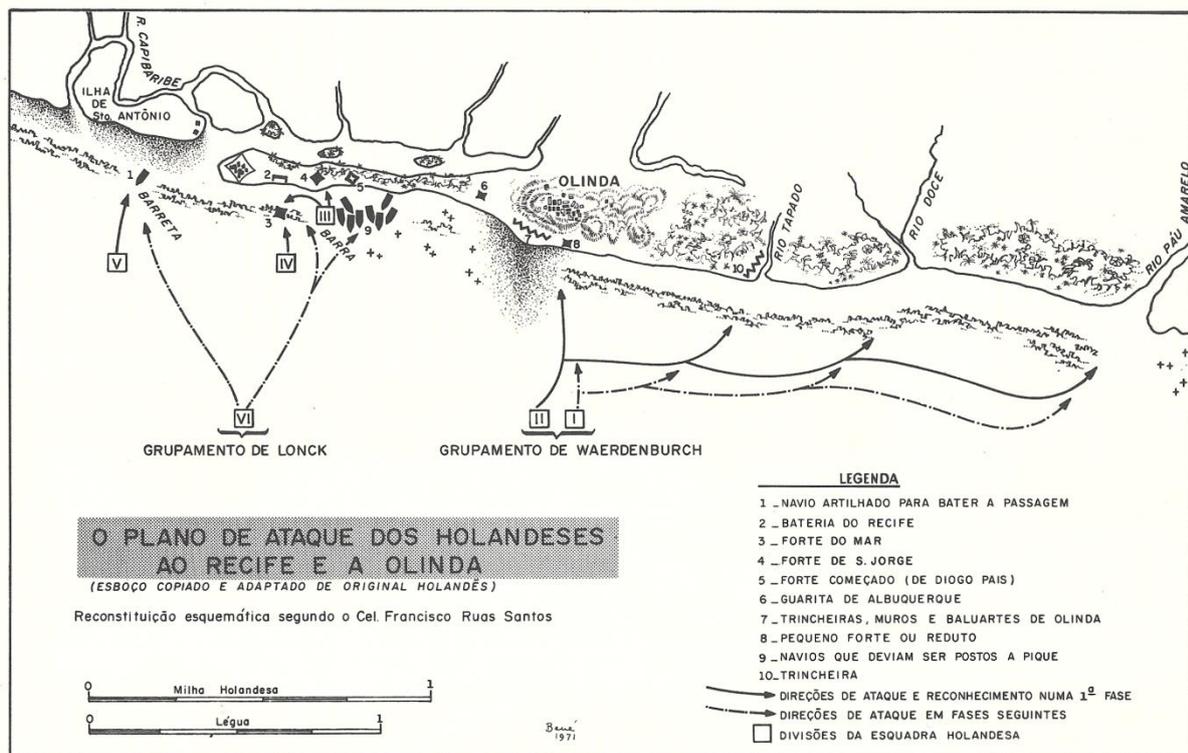
Com grande intensidade, prolongou-se por toda a tarde o violento e feroz duelo entre os fortes e os navios.

Matias de Albuquerque, pessoalmente, dirigiu, animou e encorajou seus bravos na defesa de Recife.

Desembarque em Pau Amarelo

O invasor poderoso, tinha plano bem estudado e há longo tempo preparado: atacar Recife para fixar Matias de Albuquerque e, após, desembarcar grandes efetivos num ponto favorável do litoral. Sabia que o **irrisório efetivo luso-brasileiro** não poderia cobrir toda a costa pernambucana, e que os defensores não tinham recebido reforços da Metrópole. Enquanto a maior parte da esquadra duelava com Recife, **16 navios com 3.000 homens** velejaram para o norte, sob o comando do coronel Wáerdenburg, e **desembarcaram, tranqüilamente, sem nenhuma reação, na desguarnecida praia de Pau Amarelo.**

Avanço invasor



No dia 16, pela manhã, o invasor iniciou a progressão rumo a Olinda com três regimentos: o do tenente-coronel Van Elst, **na vanguarda**, o do tenente-coronel Van Callenfels, **ao centro, como corpo de batalha**, e o do major Hounckes, **na retaguarda**.

Marcharam junto à costa, sob a proteção de algumas lanchas artilhadas, até o rio Doce.

Resistência no rio Doce

Ao ter notícia do desembarque, Matias de Albuquerque deslocara-se com 850 homens para defender Olinda, sob séria ameaça e reforçara a posição naquele rio.

O atacante, 3.000 homens, apoiado pela artilharia das barcaças, forçou a fraca oposição tão logo baixou a maré.

A tênue defesa esboroou-se sob a incursão ameaçadora e foi juntar-se aos defensores de Olinda, sem oferecer nova resistência na linha do rio Tapado, fortificada por trincheiras e baluartes.

Luta pela posse de Olinda

Van Elst, sem perda de tempo, investiu Olinda. A vanguarda, atacou pela direita na direção do convento dos jesuítas, que se achava fortificado e defendido.

O escalão, ao assaltar este ponto forte, encontrou vigorosa reação da parte de seus poucos defensores, que, no entanto, tendo sofrido algumas baixas, foram obrigados a retirar-se.

O corpo de batalha atacou ao centro, indo atingir, após forte resistência, **o Alto da Sé**.

Daí passaram a atirar sobre **o fortim que defendia Olinda pelo norte**, determinando sua queda, em consequência da manobra de Van Callenfels. **A retaguarda ocupou o fortim sem luta**.

Um desembarque de 500 homens ao sul de Olinda decidiu sua sorte. Era inútil qualquer reação contra 3.300 soldados profissionais bem treinados.

A cidade foi abandonada e **Matias de Albuquerque retirou-se para Recife com um punhado de bravos, animados todos de inabalável vontade de defender aquela terra, com o sacrifício da própria vida.**

Ato de bravura e de fé

No Alto da Sé, as tropas de Van Callenfels chocaram-se com a resistência comandada pelos bravos capitães André Pereira Temudo e Salvador de Azevedo, **que ali protegiam, da profanação e do roubo, os tesouros reunidos no interior dos templos.**

Rumaram para a Igreja da Misericórdia. À sua porta colocou-se o capitão Temudo que, vendo o avanço inimigo, gritou: **"Quem avançar morre!"** E empenhou-se na **mais desigual das pelejas, até que uma bala o abateu.**

O invasor pisoteou, arrastou e passou por cima do corpo deste bravo e cumpriu o maldito desígnio. **Por onde passou em todo o seu avanço, sentiram-se as ações mercenárias.**

Luta pela posse de Recife

Em Recife, Matias de Albuquerque reforçou **os fortes, trincheiras e redutos que a guarneciam por todos os lados**. Obstruiu mais ainda a entrada do porto com novos barcos afundados.

Vendo que era impossível resistir por muito tempo, **incendiou todos os armazéns e navios repletos de ricas cargas e mercadorias.**

O assédio inimigo

Os holandeses, 18 e 19 de fevereiro, atacaram pelo mar, tentando penetrar no porto. E foram repelidos em diversas tentativas, desistiram e mudaram de tática.

No dia 20, Van Callenfels, com grande parte de sua tropa, investiu por terra o **Forte de São Jorge**.

Lutas de David X Golias

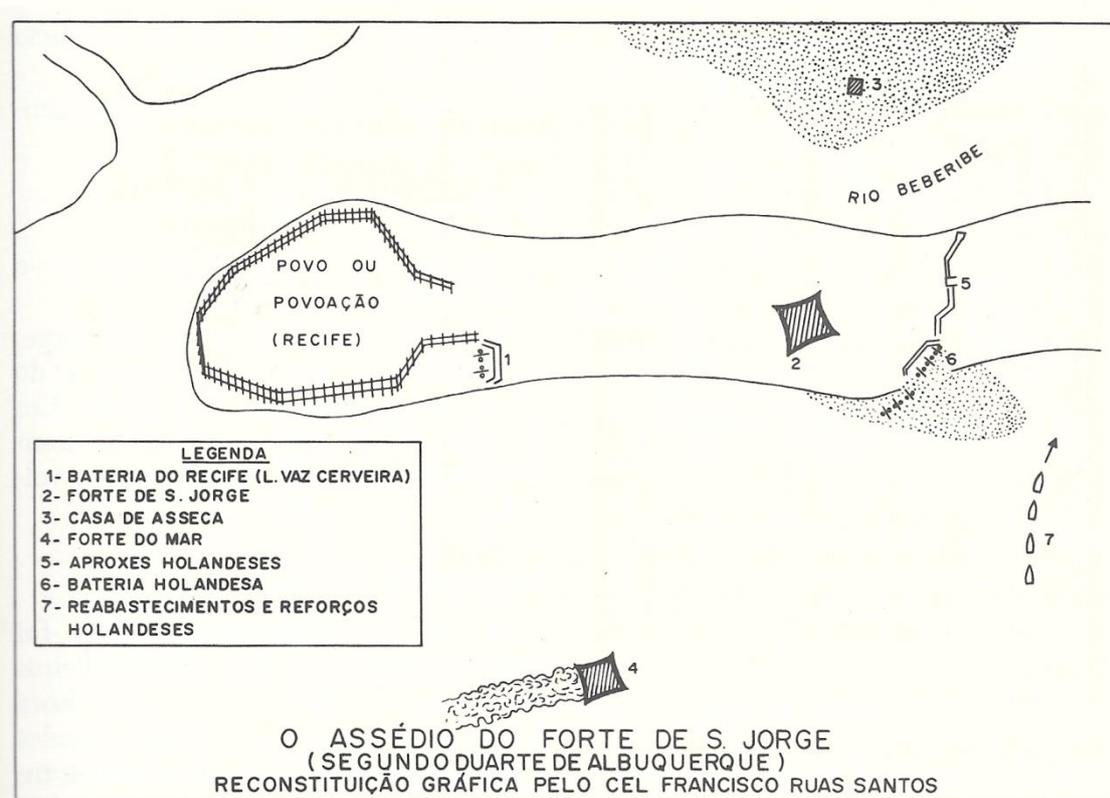
Aos 600 invasores resistiram, com bravura, 37 pernambucanos, liderados pelo bravo e legendário **Antônio Lima**, os quais repeliram o ataque — "**mortandade considerável do inimigo**" — segundo Southey.

Os bravos do forte, no afã de defenderem a posição, derrubaram as escadas de assalto, apinhadas de inimigos, e devolveram as granadas por eles lançadas, antes que explodissem.

O revés sofrido pelo adversário e a coragem dos bravos de Antônio Lima, animaram as demais guarnições de Recife e fizeram com que muitos, que haviam desertado, retornassem para cumprir o dever de defender a terra.

Esmagado o Forte de São Jorge

Nove dias após o desastre do frustrado ataque ao Forte de São Jorge, o inimigo, a 1.º de março, tornou a atacá-lo com todo o poderio bélico.



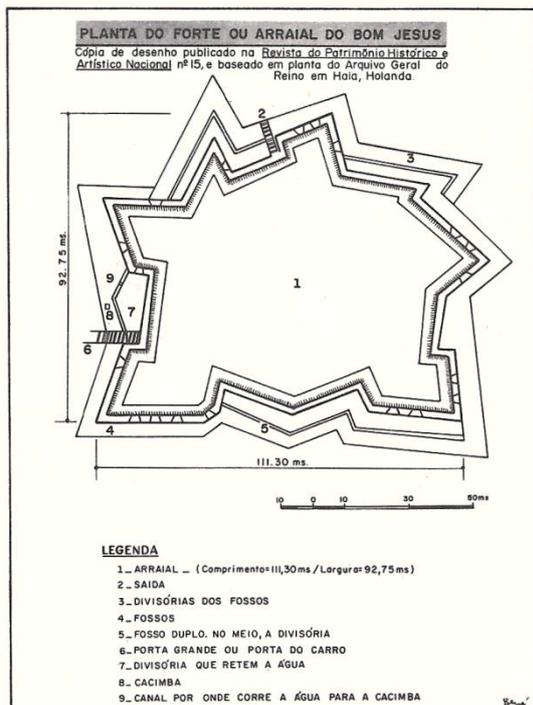
Para esmagar o forte e seus bravos defensores, concentraram tempestade de granadas, lançadas de canhões no mar e na terra. Os pernambucanos não desanimaram, redobram em coragem e firmeza, repelindo todos os ataques durante um dia.

A 2 de março, após algumas horas de bombardeio, Antônio Lima constatou que se **havia desmoronado as muralhas do forte, desmontados os canhões**, com grande número de mortos e feridos entre seus bravos. **"Não se podia mais sustentar"** no dizer do Visconde de Porto Seguro. Tinham todos cumprido honrosa e gloriosamente com o dever.

Rendeu-se o Forte de São Jorge diante da esmagadora superioridade bélica inimiga, porém, mostrou ao coronel Waerdenburg, conforme ele escreveu à Holanda, que **"os soldados desta terra são vivos e impetuosos e não são de nenhum modo cordeiros"**, e não como julgara antes, **"fáceis de serem atraídos a mútua amizade e aliança"**. Após a rendição, os holandeses, esperando ansiosamente numerosa guarnição, ficaram surpreendidos e desconcertados, **quando viram sair das ruínas, ativo, o bravo Antônio Lima, acompanhado de meia dúzia de sobreviventes.**

Queda de Recife

Capitulando o Forte de São Jorge, houve a ocupação de Recife, a **3 de março de 1630, quinze dias após o desembarque em Pau Amarelo**. Estava colimado o mais importante objetivo, do qual todos os demais dependiam: a conquista do importante ponto estratégico naval.



Lutar até a morte

Apesar do desastre que se abateu sobre as vidas, propriedades, fé e esperanças dos pernambucanos, estes não ensarilharam armas, não renunciaram à luta.

Matias de Albuquerque proclamou para toda a capitania a disposição de lutar até a morte.

Arraial do Bom Jesus

Reunindo todos os bravos, solidários com a sua atitude, em local onde se uniam muitos dos caminhos que, de Olinda e Recife, demandavam o interior, estabeleceu,

em curto prazo, o **Arraial do Bom Jesus**.

Este forte, construído com sólidos baluartes e bem protegido por formidáveis trincheiras e fossos, resistiu impávido, **durante cinco anos**, às arremetidas e à ânsia de conquista do adversário.

As estâncias de cerco

Completo o sistema defensivo o estabelecimento **de um anel de cerco em torno de Recife e Olinda, constituído de estâncias, para evitar que o inimigo saísse impunemente de Recife para 'abastecer-se de água e lenha.**

Este conjunto fazia parte, ao mesmo tempo, **do sistema de defesa do interior pernambucano e da linha de bloqueio terrestre de Olinda e Recife.**

Era uma solução brasileira, se **fortifica.**

Conquistadas Olinda e Recife, **o dominador tratou de fortificá-las.**

Reconstruíram o **Forte de São Jorge**, construíram os de **Cinco Pontas** e do **Brum**, que vieram até este século. Em Olinda, reforçaram muros, demoliram casas e **abriram trincheiras na face voltada para o interior**.

Emboscadas em ação

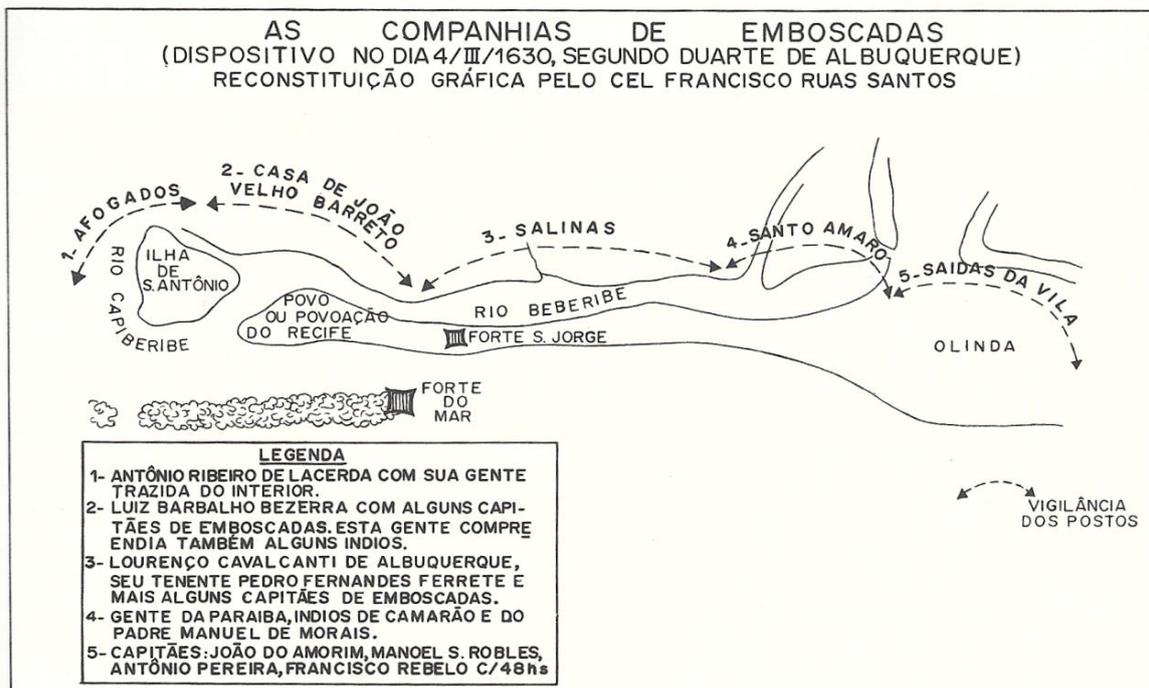
O trabalho de fortificações não foi calmo e tranquilo. **Os luso-brasileiros organizaram emboscadas e, a toda a hora do dia e da noite, desfecharam ousados e mortíferos golpes-de-mão contra o invasor**.

Neste período destacaram-se muitos bravos e intrépidos defensores, como o pernambucano **Luís Barbalho** que, sucessivamente, atacou trincheiras na **ilha Antônio Vaz**, e os **Fortes do Buraco, do Brum** e do **pontal de Asseca**, levando morte, destruição e intranqüilidade ao inimigo, cobrando alto preço pela invasão de sua terra.

Ao invasor não foi permitido andar despreocupado, mesmo em seus domínios.

A morte rondava seus passos, quando se aventuravam sair das fortificações.

A ligação terrestre Olinda-Recife transformou-se em estrada fatal para os holandeses.



O caminho marítimo passou a ser preferido, não obstante os transtornos.

Em certa ocasião, escapou de ser morto ou de cair prisioneiro o próprio **almirante Loncq**, vítima de emboscada preparada pelos bravos **Luís Barbalho, Felipe Camarão, Pascoal Pereira e Antônio Dias Cardoso**.

Em conseqüência, plantados na terra, dela nada usufruíam para a subsistência e manutenção da conquista. Sua alimentação tornou-se dependente da Europa ou de alguma expedição corsária sobre o litoral.

A terra e os filhos de Pernambuco negavam tudo ao invasor, tornando-lhe a vida um inferno. Pernambuco não era o paraíso com que sonharam.

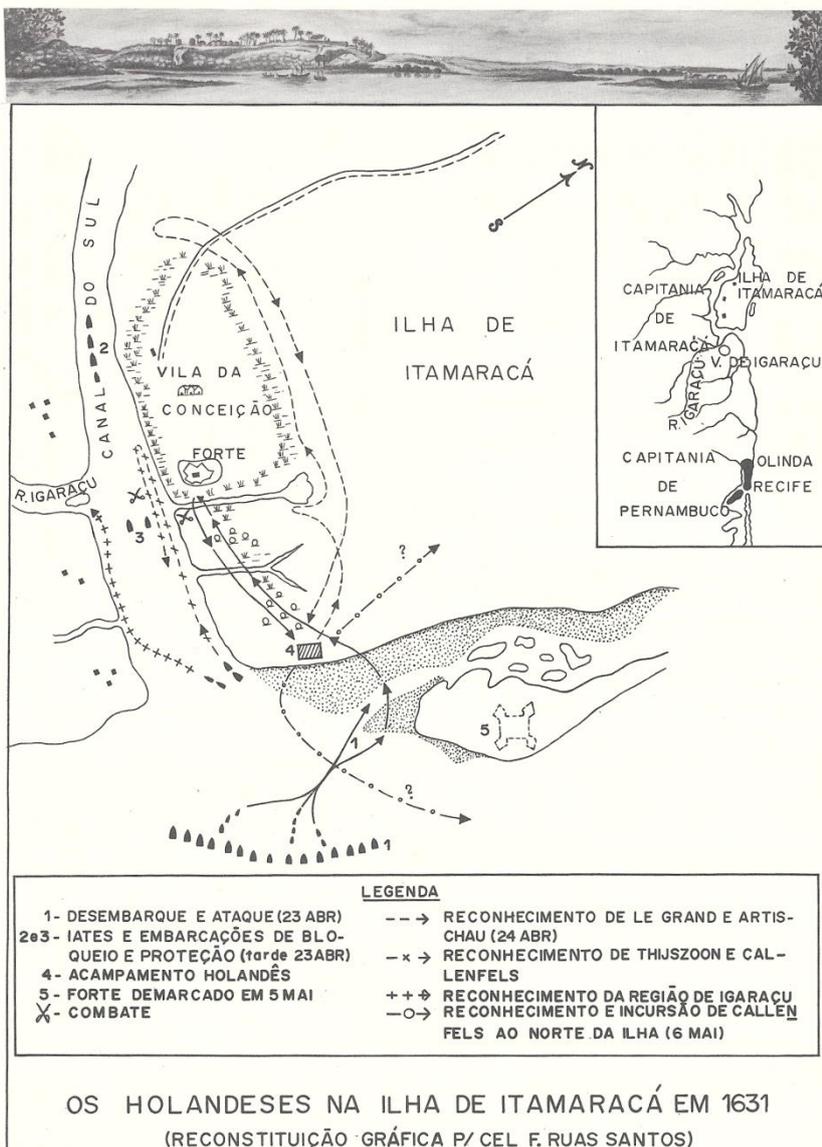
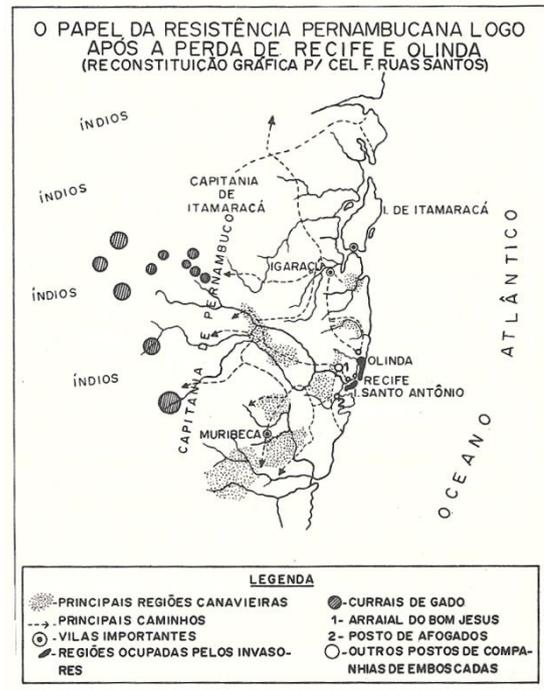
Aperturas e dificuldades

Do nosso lado, a concentração no **Arraial**, o abandono das lavouras para a luta e o bloqueio marítimo de recursos, tornaram a situação difícil e angustiante para os bravos defensores de Pernambuco.

Somente **o amor à liberdade e à fé cristã** e a conseqüente solidariedade, cooperação e espírito de renúncia, poderiam amenizar aquela emergência.

Enquanto alguns se mantinham vigilantes e prontos para a luta, outros saíam para longe em busca de mantimentos e de solução para os problemas de família.

Nas estâncias de cerco de Recife e Olinda, revezavam-se **"na enxada e no arcabuz, plantavam e lutavam**. Segundo Lopes Santiago **"O mantimento era escasso,**



A parte superior: reprodução, gravura da época, retratando os principais aspectos, figurantes, na parte inferior. Na elevação, as palmeiras, vila da Conceição

sucedendo, muitas vezes, os soldados não terem uma espiga de milho para a ração".

O invasor era reforçado continuamente. Até o final de 1630, chegaram a Pernambuco 3.500 homens.

Para os defensores, nada foi enviado da Metrópole, em um ano e meio.

Reforços navais

No início de 1631, fundeu em Recife a **esquadra de Adrian Jansen Pater**, composta de 16 navios e cerca de 1.000 homens.

Com estes reforços, o holandês animou-se a expandir a conquista.

Ocupou a ilha de Itamaracá, 22 de maio; levantou o Forte de Orange, mas teve frustrada a tentativa de conquistar o de Afogados.

A 13 de julho, aportou em Salvador a esquadra luso-espanhola, sob o comando de D. Antônio de Oquendo, constituída de 32 navios com 2.000 homens.

Batalha naval de Abrolhos

Em princípio de setembro, Oquendo deixou a Bahia, para desembarcar na costa* de Pernambuco 1.000 homens destinados ao Arraial e 200 à Paraíba.

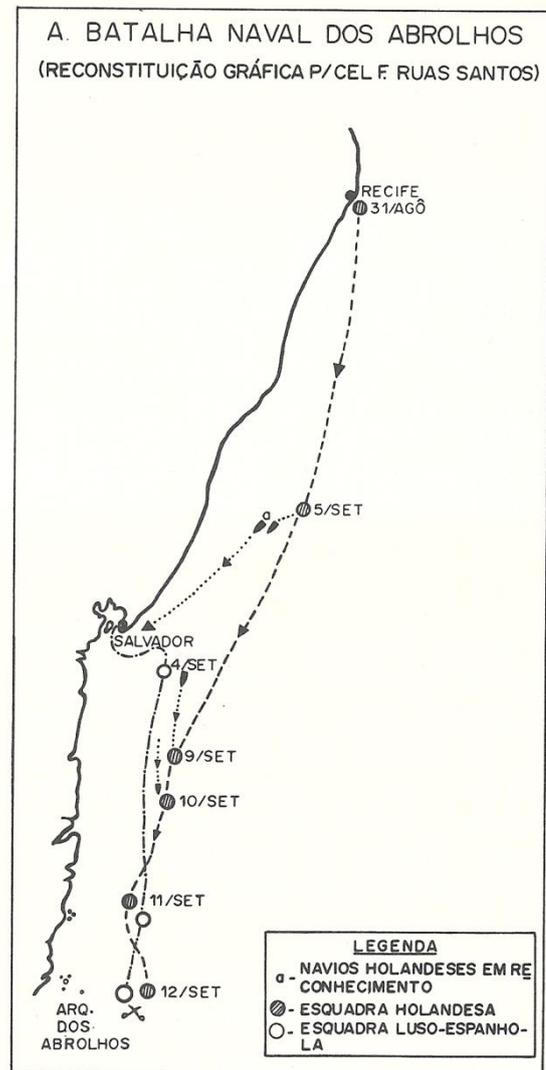
A 12 de setembro, as esquadras avistaram-se na altura de Abrolhos e ocorreu uma das mais importantes de nossas lutas no mar, que durou toda a jornada.

O encontro dos 20 navios de guerra de Oquendo com os 16 galeões de Pater foi violento e disputadíssimo.

Durante o combate, soçobrou o navio do almirante Pater, que morreu afogado ao lançar-se ao mar para escapar das chamas que devoravam a nau capitânia, atingida em cheio.

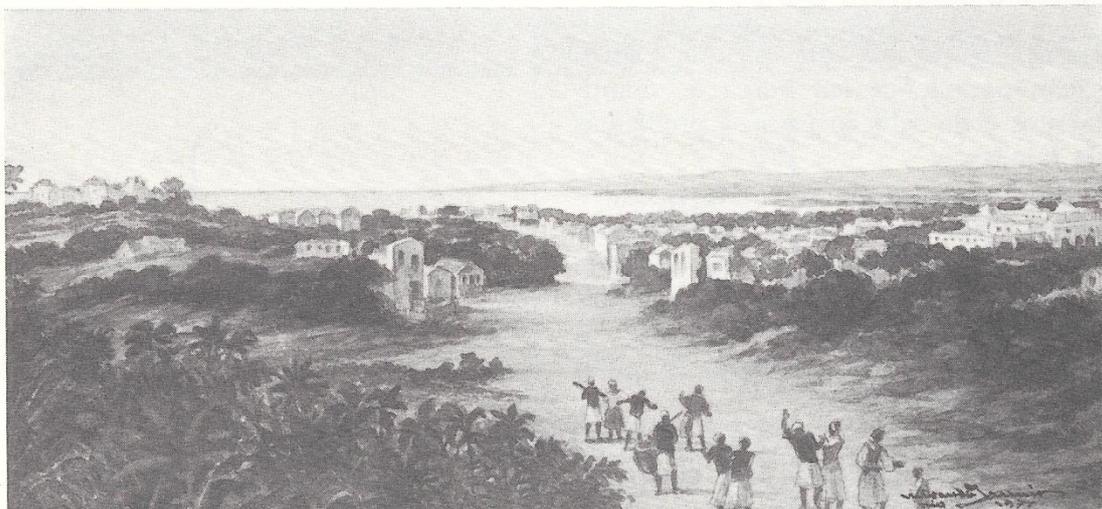
A vitória de Oquendo tornou possível o desembarque de reforços para o Arraial, comandados pelo napolitano Giovanni Vicenzo di San Felice, Conde e depois Príncipe de Bagnuoli, vulgarmente Bagnuolo, fazendo também redobrar o entusiasmo dos bravos do Arraial.

Golpes-de-mão mais audazes foram desferidos contra o inimigo, que passou a temer o duplo ataque por terra e por mar e tratou de abandonar Olinda e fortificar-se ainda mais em Recife.



Resposta imortal

Antes do abandono de Olinda, os holandeses propuseram a Matias de Albuquerque entregá-la mediante pesado resgate, caso contrário, a arrasariam.



De quadro de Frans Post

Ruínas de Olinda destruída e abandonada pelos holandeses

Segundo Pereira da Costa, Matias de Albuquerque respondeu-lhes:

"Os Pernambucanos, com armas na mão, não compram, conquistam. Sabem dar cargas de balas de mosquete e não de caixas de açúcar. Com os inimigos a quem falta a fé são estáveis os contratos que firma o sangue, e de nenhuma firmeza os que afiança a palavra.

E concluía que desejava deixar na lembrança de Pernambuco, por todos os tempos futuros, os triunfos da capitania e o castigo que sofreria o invasor.

Olinda devorada pelas chamas

O flamengo, ante esta resposta altiva, após retirar tudo que pudesse ser útil em Recife, incendiou Olinda.

No dia 25 de novembro de 1631, os bravos heróis da resistência, com lágrimas nos olhos e a revolta na alma, viram ser consumida pelas chamas a bela, rica e majestosa capital de Pernambuco, fruto de quase um século de trabalhos árduos e sacrifícios ingentes.

Insucessos

Em dezembro de 1631, existiam no Recife **7.000 soldados holandeses.**

Minguando suas provisões, e na impossibilidade de atacar os defensores, o invasor fez várias **incursões sobre locais indefesos da costa.**

Van Callenfels, ao tentar **de Cabedelo, na** retirar-se, com inúmeras reconhecimento do litoral indispor os índios dali brasileiros, uma reduzida **holandesa, sob o** capitão Smient, por ali **repelida pelo pequeno**

Os holandeses quistar o **Forte dos Três** Grande do Norte.

A soldadesca batava com esta maneira de sumia vidas, roubava resultados apresentava.



a conquista do **Forte Paraíba**, teve que baixas.

Em leste-oeste, e para contra os luso- **expedição comando do** atuou, sendo **Forte do Ceará.**

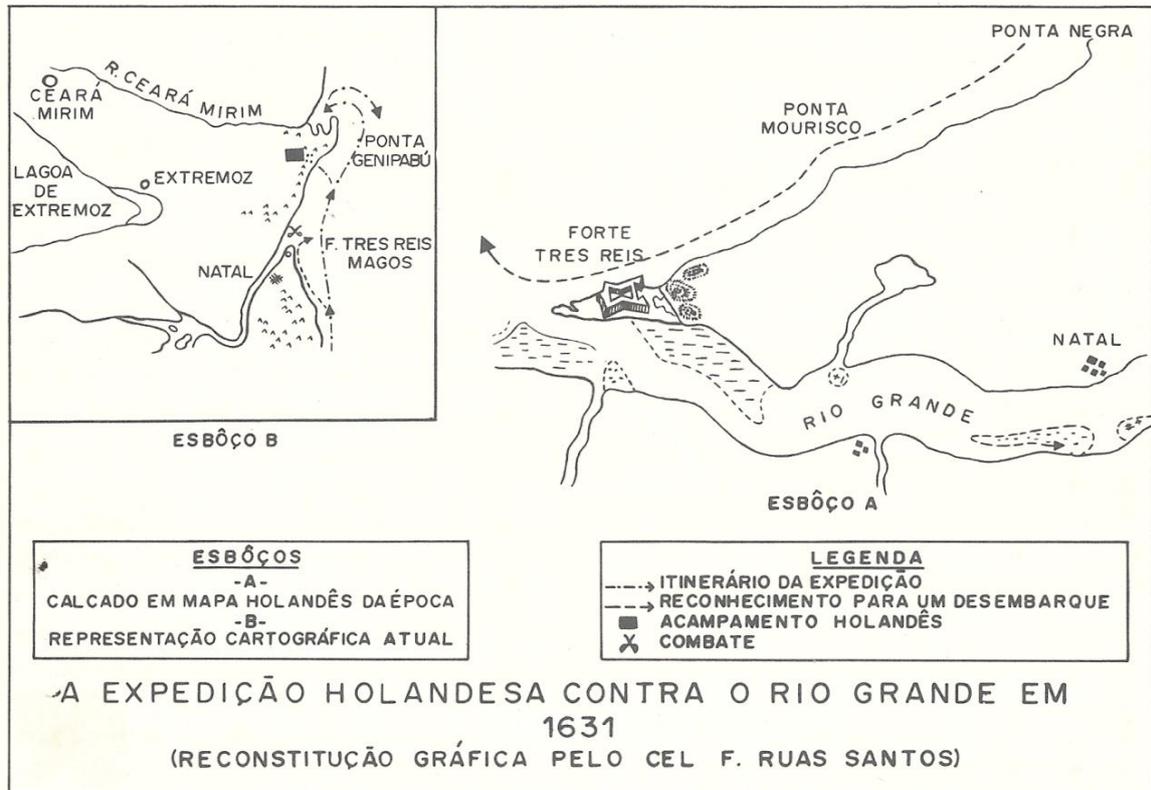
tentaram ainda con- **Reis Magos**, no Rio Fracassaram.

estava desiludida guerrear que con- tempo e poucos

Traição de Calabar

Quando o desânimo começou a lavrar entre eles, **desertou para suas fileiras e passou a auxiliá-los, o pernambucano Domingos Fernandes Calabar.** Sua deserção mudou o curso da guerra. Hábil e astuto nas emboscadas, passou a guiar o inimigo desvendando-lhe os segredos da terra, que lhe servira de berço. Ensinou-lhe a **"guerra brasileira"**.

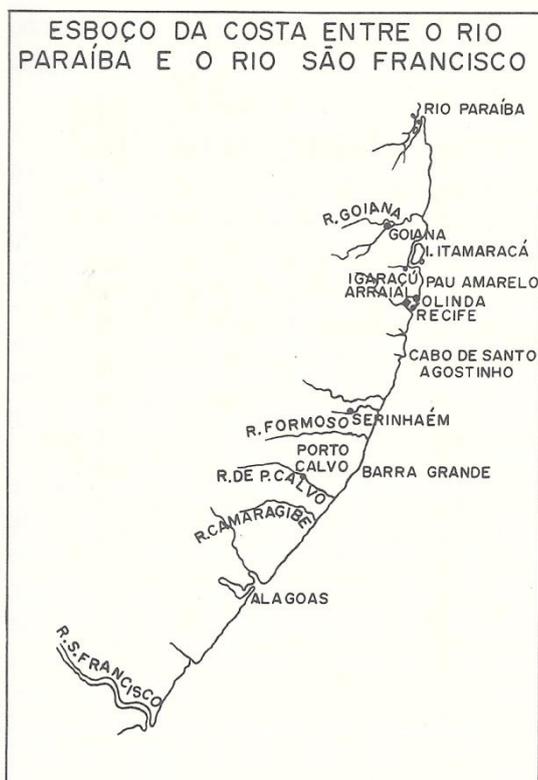
Conduzidos por ele, os holandeses atacaram, com inteiro êxito, **Igaraçu, Rio Formoso, Afogados e diversos pontos da Várzea do Capibaribe**, até que foram freados **ao se frustrar o ataque ao Arraial.**



Resistência heróica e lendária

Durante essa vitoriosa campanha expansionista, destacou-se a brava resistência no **Rio Formoso**.

O major Von Schkoppe, no dia 7 de fevereiro, lançou-se contra o **Forte de Rio Formoso**, que **tinha apenas duas peças de canhão e uma guarnição de 20 homens, comandados por Pedro de Albuquerque**.



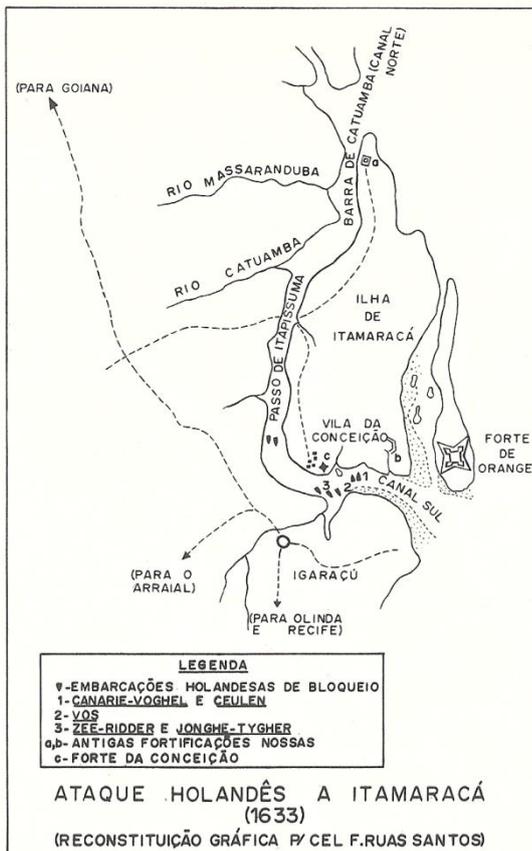
Intimidados à rendição, responderam que lutariam até o último alento de vida.

Von Schkoppe desferiu três potentes assaltos para vencer a reação daqueles bravos.

Na quarta investida, penetrou na fortificação e encontrou os corpos dos seus 20 bravos defensores, que cumpriram com honra e glória o juramento que fizeram, num protesto contra a invasão. Pedro de Albuquerque, ferido, jazia por terra.



Conquista do Forte do Rio Formoso. — Capitão Pedro de Albuquerque, comandante, ferido, único sobrevivente encontrado pelos invasores. A resistência: uma das epopéias da História Militar do Brasil



Von Schkoppe comoveu-se com a bravura e heroísmo daqueles homens e apontou o belo exemplo a seus soldados.

Ao ver Pedro de Albuquerque, um combatente holandês correu para tomar-lhe a espada.

Von Schkoppe, ao perceber, gritou: **"Alto! Não se toma a espada gloriosa de um herói"**. Pedro de Albuquerque foi socorrido e tratado com grande respeito, e concederam-lhe liberdade, sob palavra, até partir para Lisboa.

Que grande diferença de atitude, do pernambucano Calabar, **guiando o inimigo sobre o Rio Formoso**, e a legendária e heróica reação do bravo pernambucano e seus 20 soldados!

O valente defensor morreu como governador do Maranhão, e seus restos encontram-se em Belém do Pará, na Igreja N. S. do Carmo.

Ataque ao Arraial

A 24 de março de 1633, guiados ainda por Calabar, 1.200 soldados, comandados pelo novo Governador, coronel Van Rembach, atacaram de

surpresa o Arraial do Bom Jesus.

Os luso-brasileiros reagiram com valentia.

Luís Barbalho e outros bravos capitães contra-atacaram fora do forte com tremenda violência, e repeliram a tentativa, ocasionando pesadas baixas. O próprio Governador Van Rombach, ferido mortalmente, faleceu logo após.

Barbarismo e desumanidade

Segundo Souza Júnior, *"a guerra atingiu nesta altura caráter bárbaro e desumano, obrigando os contendores celebrar acordo para coibir atos de crueldade e selvageria"*.

Assinaram o tratado Matias de Albuquerque e o Conde de Bagnuolo de um lado, e Van Ceulen e Gysselingh de outro.

Proibiram-se a queima de templos, a fortificação de igrejas, a destruição de imagens, o tiro com armas de cano raiado, balas envenenadas e mastigadas, ofensas a prisioneiros e a morte de padres, crianças e mulheres.

Estabeleceu-se uma tabela de resgate para prisioneiros, variando o preço com a patente.

Acelerada a expansão

Animados com os sucessos obtidos com o auxílio de Calabar e dos grandes reforços recebidos, o invasor expandiu os seus domínios.

Expulsou os defensores da ilha de Itamaracá e lá fundou uma colônia agrícola para sustentar Recife.

Saqueou, matou o depredou em **Igaraçu, Goiana, Barra Grande, Alagoas e Muribeca**, conseguindo fazer aumentar mais o clima de ódio.

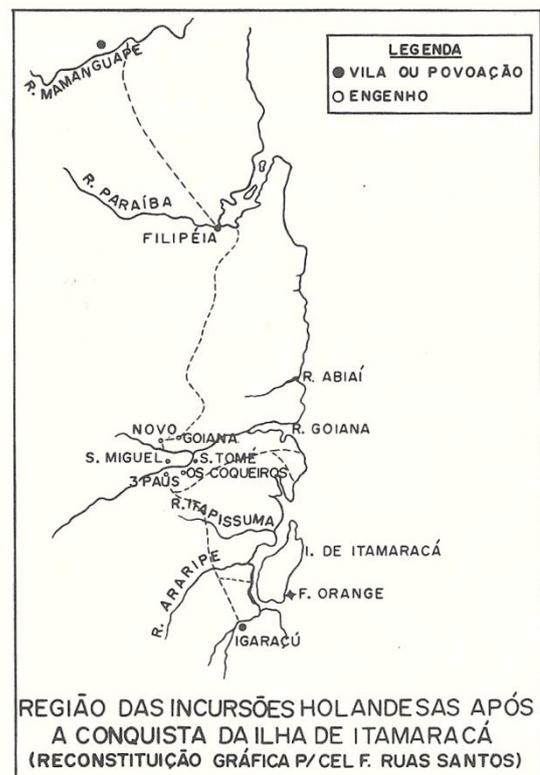
Em outubro, os holandeses incursionaram em Alagoas, incendiando a **Vila de Nossa Senhora da Conceição** e casas das imediações, a despeito da valente resistência dos locais, dispostos numa trincheira. Tentando fazer o mesmo na Vila de Santa Luzia, foram repelidos pela gente comandada pelo **capitão Antônio Lopes Filgueiras**, o qual, nesse combate, perdeu a vida.

Queda do Forte dos Três Reis Magos

A **12 de dezembro de 1633, capitulou o Forte dos Três Reis Magos no Rio Grande do Norte**, debaixo do peso de poderosa força composta de 20 navios e 1.500 homens, comando de Lichthardt.

A pequena guarnição resistiu com valor e coragem durante dias. Mas foi obrigada a ceder: a desproporção era enorme.

O inimigo ocupou o Rio Grande do Norte e celebrou aliança com os índios, deixando a Paraíba entre dois fogos.



Cabo Santo Agostinho resiste

Após frustrada tentativa de conquista do **Forte de Cabedelo**, Lichthardt e Von Schkoppe arremessaram-se com 1.500 homens contra as fortificações do **Cabo Santo Agostinho**, que julgavam r desguarnecidas, por terem seus efetivos sido deslocados para a Paraíba.

Informado do rumo da esquadra, Matias de Albuquerque reforçou aquela praça.

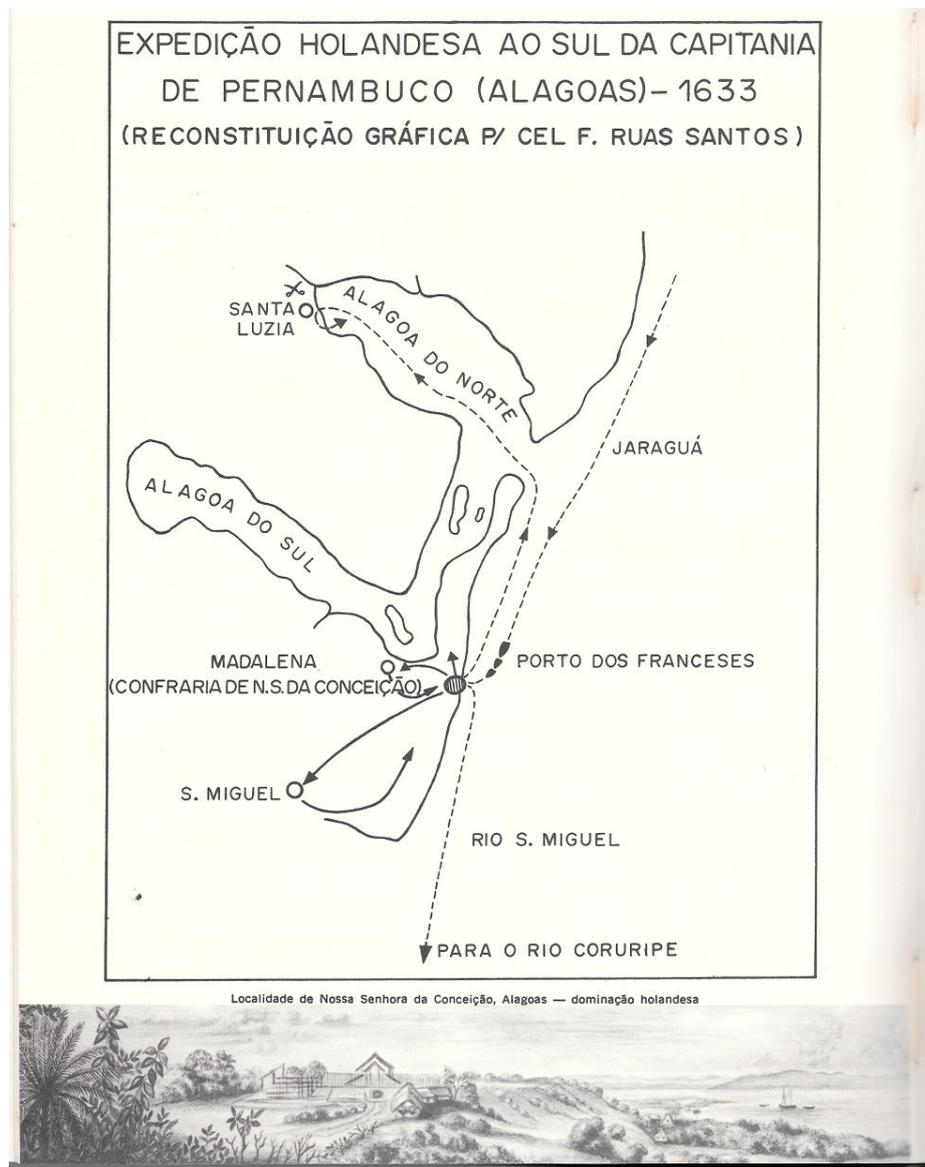
Os batavos, guiados pelo Calabar, entraram barra a dentro e **se instalaram defensivamente no Pontal e na Ilha do Borges**.

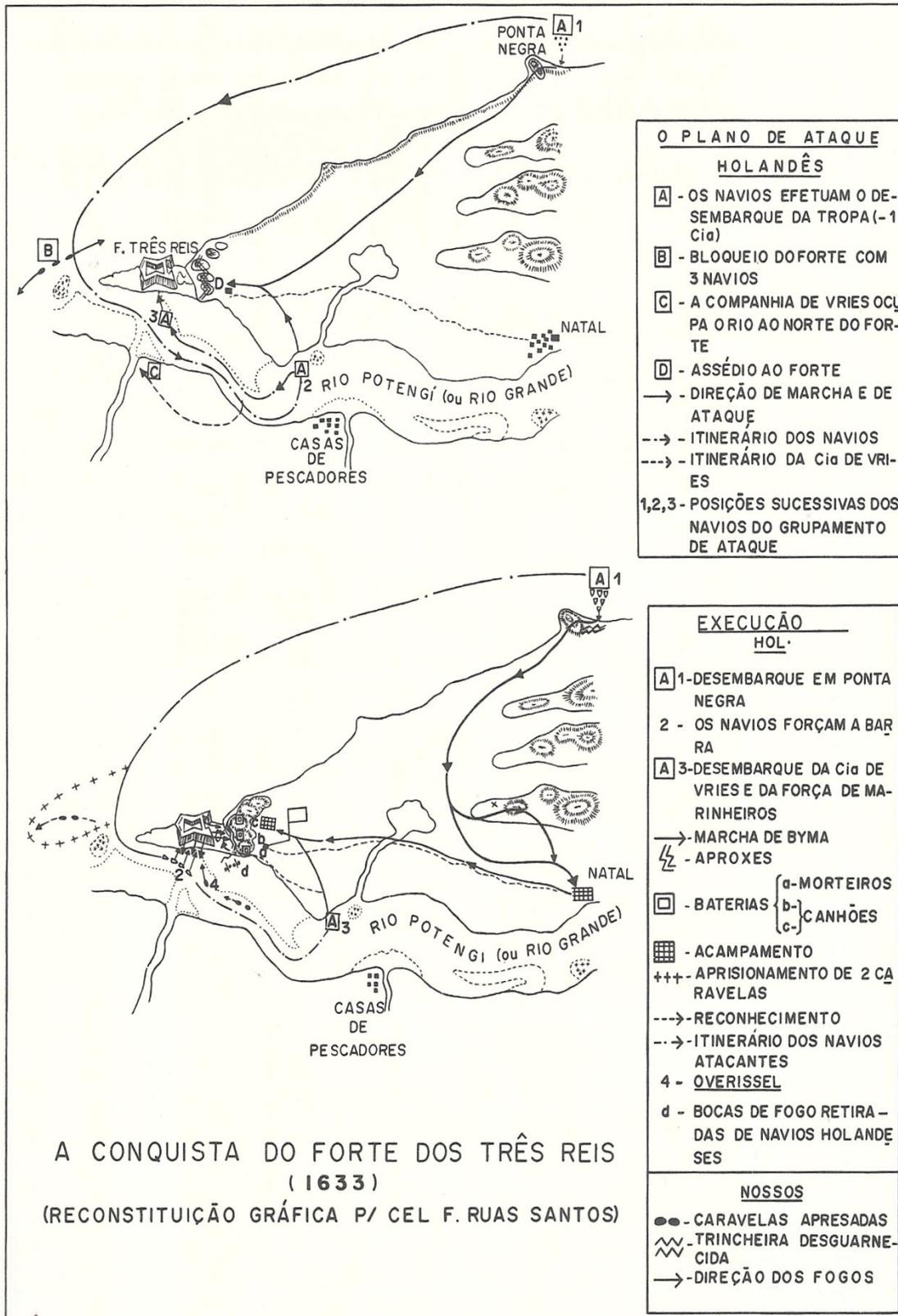
Os luso-brasileiros, apesar dos reforços recebidos da Bahia e da Paraíba, não conseguiram desalojar o forte contingente, que se estabeleceu **no Pontal**.

Mobilidade admirável

Podiam, no entanto, estar presentes, numerosos, em qualquer ponto do extenso litoral nordestino, onde o inimigo tentasse desembarque. E a razão?

Devia-se isto à excelente posição estratégica do Arraial do Bom Jesus, onde se concentrava o esforço defensivo dos pernambucanos, combinada com a excelente rede de espionagem em Recife. Assim que Matias de Albuquerque descobria a saída da esquadra holandesa para determinado ponto do litoral, enviava reforços do Arraial para o ponto ameaçado, os quais chegavam juntos com os navios.

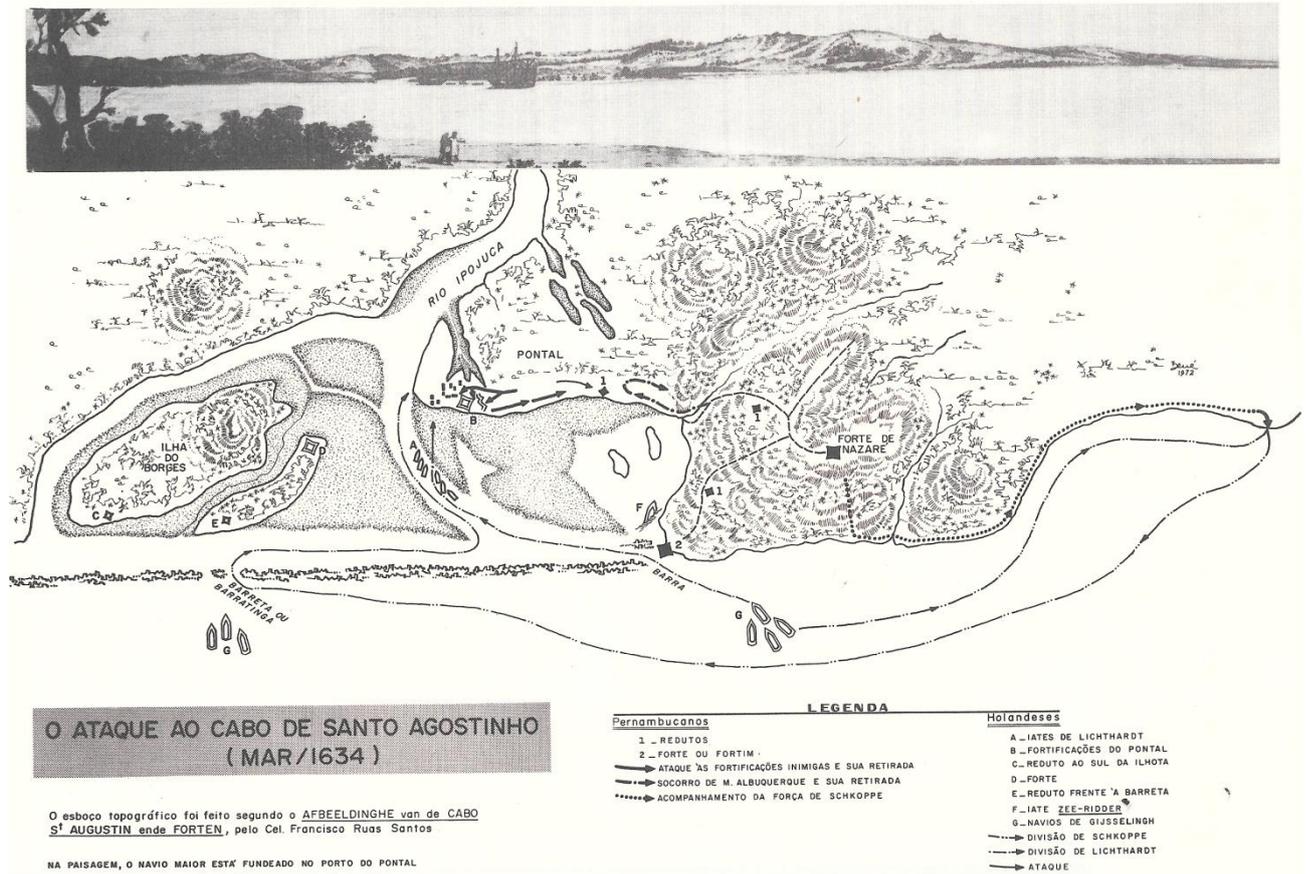




Golpe-de-mão em Recife

Na noite de 1.º de março de 1634, desferiu ousado **golpe-de-mão** sobre Recife o célebre capitão **Martim Soares Moreno**. Era o que se denominaria hoje **uma operação de comandos, para incendiar a povoação e destruir suprimentos**.

Com 500 homens, atacou o porto em pontos diferentes. A incursão espalhou morte, confusão e terror entre defensores, por atingir **o interior do recinto fortificado**.



Não ambicionava, logicamente, conquistar a praça, e, sim, obrigar o invasor a defendê-la melhor para, desse modo, enfraquecer as tropas que atuavam no litoral. De fato, depois dessa investida, conforme registrou Laet, os ocupantes viviam em contínuo sobressalto em Recife, cuja guarnição reforçaram com uma tropa do Cabo de São Agostinho.

Novo ataque ao Arraial

A 30 de março de 1634, os holandeses investiram mais uma vez contra o Arraial, sendo repelidos.

Conquista da Paraíba

Preparando a conquista da Paraíba, em outubro de 1634, os holandeses e tapuias aliados atacaram e conquistaram **um fortim na Barra do Cunhaú**.

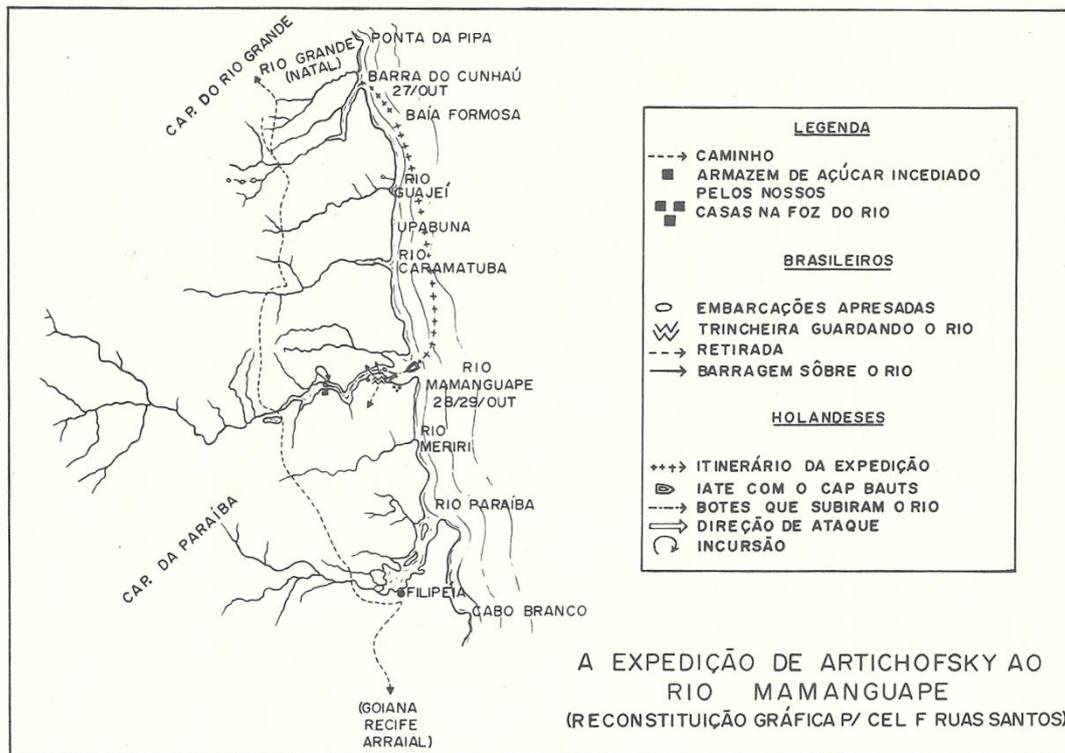
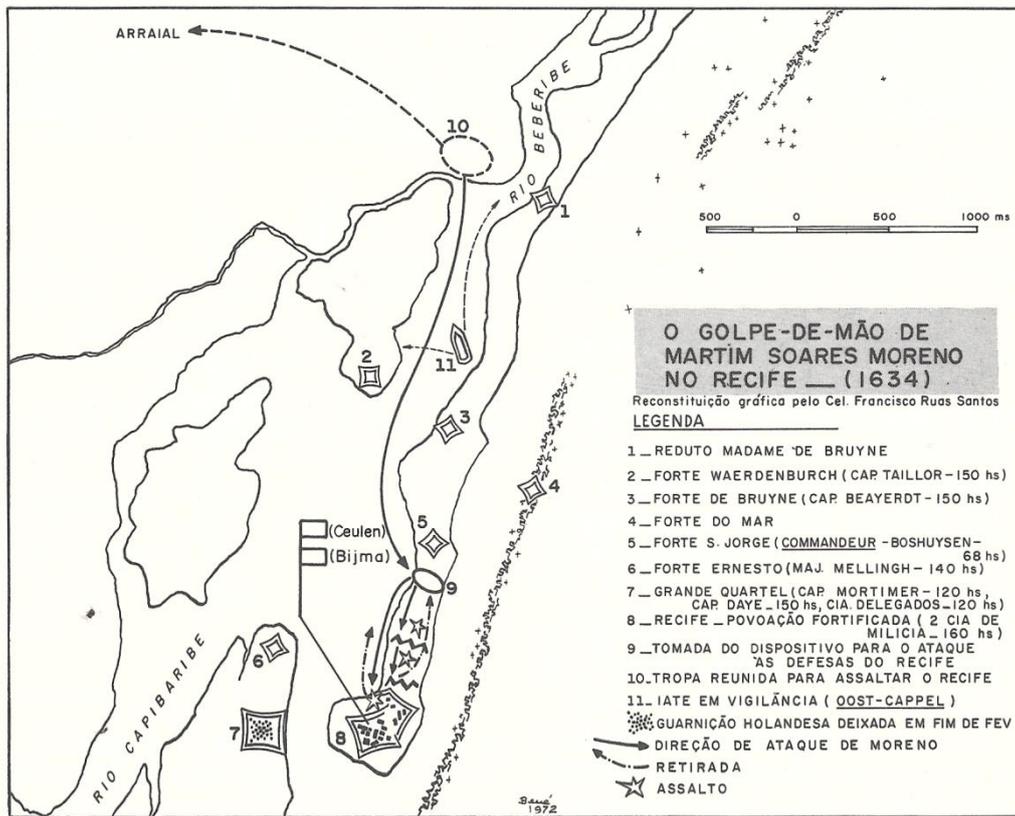
Prosseguindo em suas ações ofensivas, incursionaram no **rio Mamanguape**, ainda nesse mês. Entrementes, voltaram às Alagoas.

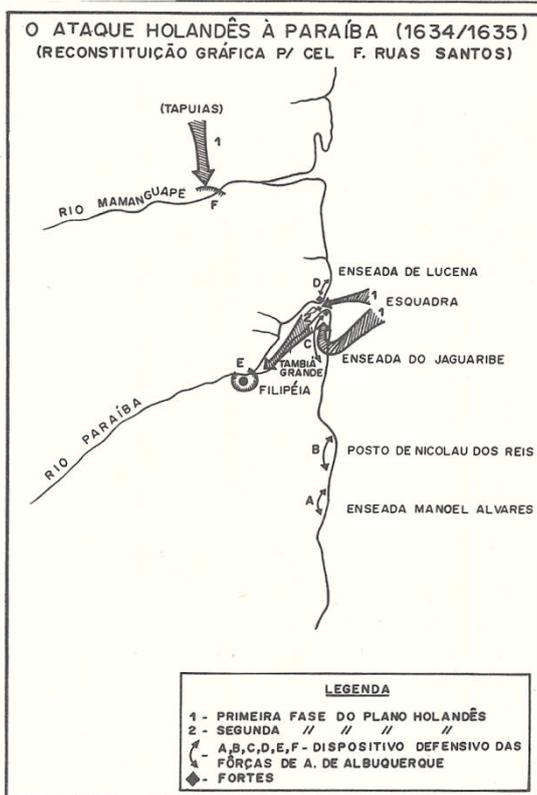
No dia 16 de dezembro, caiu em suas mãos, após quinze dias de assédio, o **Forte do Cabedelo, na Paraíba**.

Poderosas forças, comandadas por Von Schkoppe e Artichofsky, tomaram primeiro o **Forte da Restinga** que reagiu com bravura.

Seus defensores "foram **passados a fio de espada**", segundo Comelyn em seu diário, por não se terem rendido.

Ao Forte de Cabedelo, os holandeses enviaram carta intimando-o à rendição. A guarnição recusou, altivamente.





No outro dia, o forte, após ser atingido em cheio por três granadas que causaram muitos danos, capitulou.

O Forte de Santo Antônio, isolado pela manobra, rendeu-se.

O invasor marchou **sobre Filipéia, atual João Pessoa**, onde entrou, quase como libertadores, em razão dos excessos de toda natureza cometidos pelas tropas espanholas e italianas recebidas em reforço.

Estava conquistada a Paraíba. **Não para sempre.**

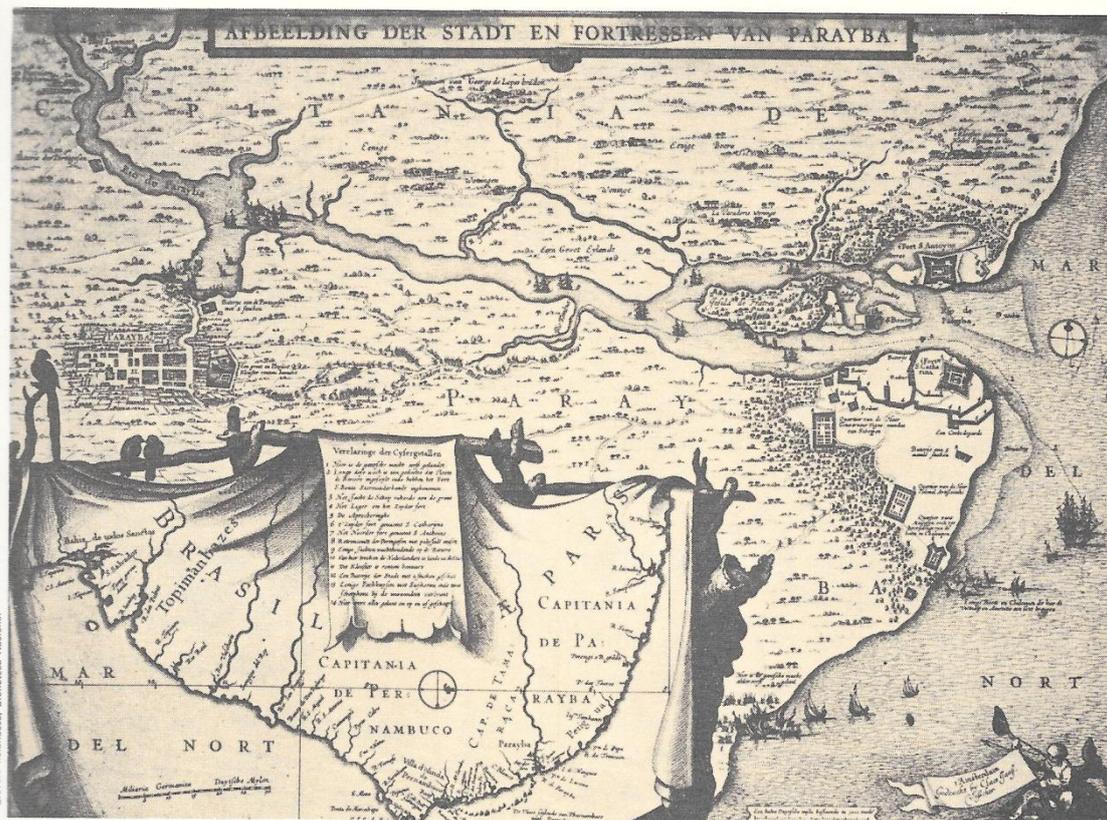
Reforços 30 por 1

No início de 1635, eram sombrias as perspectivas para os luso-brasileiros do nordeste.

O fiel da balança pendia para o adversário, que recebia reforços e mais reforços da Holanda, além da providencial ajuda de Calabar e dos índios seus amigos. Tudo favorecia a fixação em terra brasileira.

Os defensores estavam desamparados pela Metrópole e, segundo Rocha Pombo, **"A Holanda mandava para conquistar o Brasil forças numa proporção de 30 por 1, pelas enviadas pela Espanha para defendê-lo"**.

Uma diferença muito grande, mas Matias de Albuquerque mantinha-se fiel a seu juramento — **lutar até morrer.**



Execução do ataque holandês, 1634-5

Conservar os pontos vitais

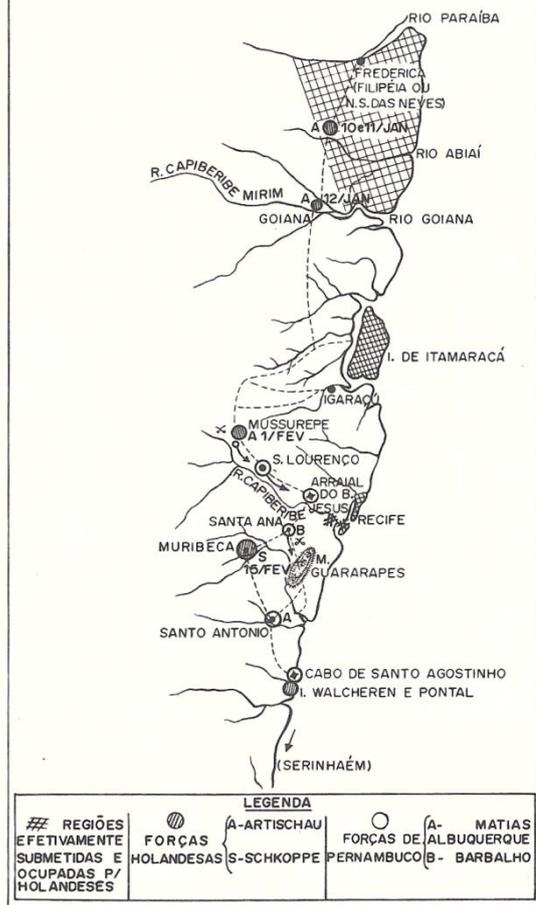
Com a força moral que lhe davam a solidariedade e o espírito de resistência do povo pernambucano, decidiu manter a todo o custo, até a chegada de reforços, os seguintes pontos vitais: **Arraial do Bom Jesus, Forte de Nazaré, Porto Calvo e Serinhaém**. No restante do território, onde houvesse elementos de reação, a idéia era causar o maior dano possível ao inimigo, retardando a conquista e destruindo o que lhe pudesse apresentar utilidade para firmar a ocupação. **Desenvolveram-se, pois, na faixa mais rica de Pernambuco, durante os primeiros meses de 1635, inúmeras ações de guerrilha, conduzidas por Martim Soares Moreno, Luís Barbalho Bezerra e outros experimentados capitães.**

O Forte de Nazaré, era o único ponto de comunicação com o exterior, de onde os defensores poderiam receber ajuda vinda por mar da Europa e Bahia.

Os demais portos estavam nas mãos dos holandeses.

Em Serinhaém, acorreram todas as famílias pernambucasas que, motivadas pelo amor à terra e pela fé católica, não aceitaram viver sob sujeição estrangeira.

CONQUISTA E SUBMISSÃO DO INTERIOR (ENTRE 12/JAN/1635 e 15/FEV/1635) (RECONSTITUIÇÃO GRÁFICA P/ CEL F. RUAS SANTOS)



Conquista de Pernambuco

Em princípio de março de 1635, o inimigo voltou-se contra os pontos vitais em mãos luso-brasileiras.

O almirante Lichthardt, por sugestão de Calabar, atacou e apoderou-se de **Porto Calvo**. O coronel Von Schkoppe sitiou a **Fortaleza de Nazaré**, que se rendeu a **2 de julho de 1635, após mais de quatro meses de cerco**. O coronel Artichofsky iniciou o assédio



ao Arraial do Bom Jesus, cuja resistência se tornou um dos episódios mais belos, emocionantes e heróicos das nossas gloriosas lutas coloniais.

Resistência imortal

Após um mês de luta furiosa e disputadíssima, o **Arraial foi cercado por 1.200 homens do coronel Artichofsky, protegidos por redutos fortificados que mandou construir em torno, à custa de muito sangue, vidas e sacrifícios.**

O Arraial abrigava em seu interior 547 soldados, e apreciável número de moradores, comando do coronel André Marin.

A partir de 19 de abril, o atacante, **apoiado por artilharia de grosso calibre,** tentou por diversas vezes escalar as muralhas do forte, **entulhando o fosso que o cercava. Repellido, sofreu pesadas baixas.**

As granadas lançadas no interior eram apagadas com couro molhado e água.

Já não se podendo contar com suprimentos de fora, **começou a lavrar a fome entre os sitiados, suportada com grande dignidade e estoicismo.**

Segundo Lopes Santiago, contemporâneo destes fatos, **” em três meses e doze dias, alimentaram-se de treze cavalos, couros de boi e outros produtos ou gêneros de circunstância.”**

Os soldados, a fim de manterem as forças para a resistência, **buscavam ervas existentes em alagadiços próximos.**

A farinha de mandioca foi inutilizada, pois encheu-se de terra, em consequência do abalo provocado pelos impactos de artilharia.

Mesmo assim, foi pacientemente peneirada e consumida até acabar.

Nesta luta caiu prisioneiro Artichofsky, **mas, transportado com suas armas, conforme acordo em vigor, faltou com a palavra de honra. Agrediu o soldado e fugiu.**

Finalmente, a **8 de junho de 1635,** após ter escrito página imortal, **com muito sangue, vidas, fome, renúncia, heroísmo e sacrifícios de toda ordem, o Arraial capitulou.**

Cumprira o seu dever durante **mais de cinco anos de resistência.**

Nele, a alma vigorosa do povo de Pernambuco, catalisada pelo ideal de defesa da terra e da fé católica, reunira-se para um longo, sofrido, imortal e épico protesto contra a invasão da terra brasileira.

Renderam-se com dignidade, esgotadas a alimentação e a munição, perdida a esperança de receberem qualquer auxílio. **Não há na longa história da guerra holandesa símbolo mais significativo do espírito de resistência.** Por isso, as ruínas existentes no atual Recife, **no sítio da Trindade,** devem ser percorridas e pisadas com respeito e reverência patriótica por todos os que visitarem o local. Os bravos que ali se bateram deram expressiva contribuição, no passado distante, para a conquista dos elevados objetivos de **Soberania, Integridade, Integração, Unidade e Preservação dos Valores Morais e Espirituais** pelos quais todos lutamos hoje. *

Êxodo

Com a queda do Arraial, Pernambuco não podia manter-se. As populações do interior abandonaram tudo, lar, terra e colheitas, e partiram à procura do Governador Matias de Albuquerque, em **Serinhaém.** Rendido o Forte **de Nazaré, a 2 de julho de 1635,** já no extremo limite da resistência, Matias de Albuquerque encetou a trágica e comovente **retirada Serinhaém- Alagoas.** Seguiram-no centenas de pessoas de Pernambuco que não quiseram viver sob as ordens do adversário, **deixando para trás anos e anos de**

trabalho fecundo e honesto, sonhos e esperanças desfeitas, em troca do desconhecido.



Casa-grande ou forte, nordestina, guerra holandesa. — Crônicas registram inúmeros combates envolvendo esse tipo de construção

Protegida por pequena força militar, **aquela imensa procissão, além do peso e humilhação da derrota, sofreu, ao longo do trágico itinerário, toda sorte de privações e sacrifícios.**

O percurso foi marcado por túmulos e cruzes de muitos retirantes que sucumbiram ao longo do caminho, de cansaço, fraqueza, fome e doenças.

Era o "**êxodo dos que não desesperavam**", na expressão de Capistrano de Abreu.

Perderam aqueles bravos uma batalha. Muitos retornariam para ganhar a guerra decisiva. Muitos tiveram a ventura de voltar e, dentre estes, **Antônio Dias Cardoso, para relevante e destacado papel.**

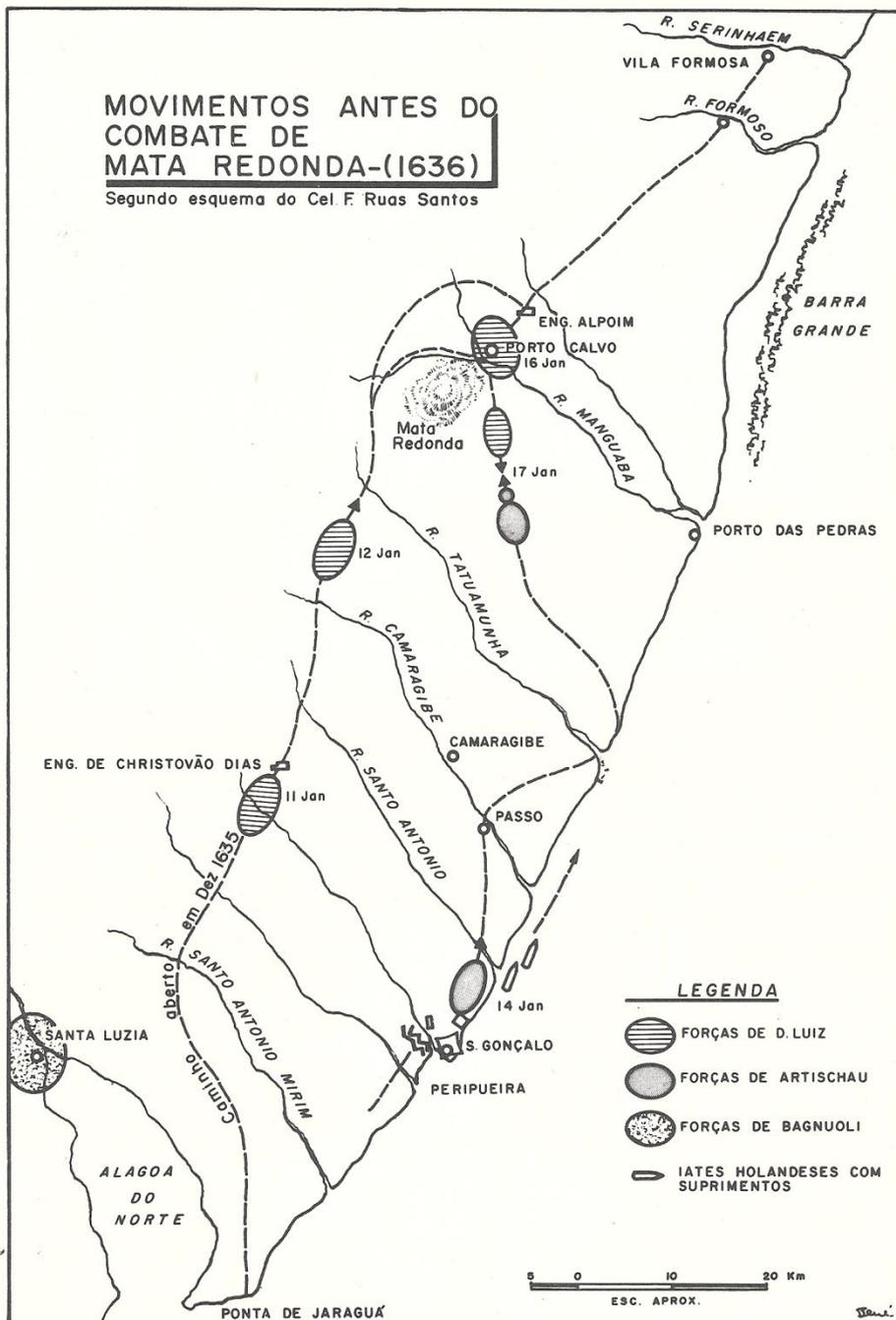
O preço da traição

A coluna de retirantes tinha de **parar em Porto Calvo**, em poder do invasor e **guarnecida por 400 homens**. Para completar a maliciosa trama que a fatalidade tecia, requintadamente, **com os infortúnios, o ódio e os desejos de vingança de um povo espoliado em suas propriedades e ameaçados em suas vidas, estava com os holandeses que ocuparam Porto Calvo, sua terra natal, o traidor Calabar.**

Matias de Albuquerque, informado disto, cercou-a, com o concurso do bravo capitão Sebastião Souto. Os holandeses fortificaram-se nas casas da povoação e na igreja. Após alguns dias de sítio, a **19 de julho de 1635, houve a rendição.**

Os capitulantes tentaram impor como condição salvar a vida do seu precioso colaborador, Calabar. Matias, irredutível, concedeu quartel a todos, **menos ao traidor de sua terra e do seu povo.**

Submetido a julgamento, foi condenado à morte. A coluna do sofrimento e da humilhação assistiu à execução e esquarteamento de Calabar, o responsável por tantos males causados a seus conterrâneos e à sua terra.



Escreveu Porto Seguro, "**dos males que causou à pátria, a História, a inflexível História, lhe chamará de infiel, desertor e traidor, por todos os séculos**".

À semelhança de Judas, na História da Cristandade, o nome de Calabar passou, para a do Brasil, como símbolo do traidor.

Após quase um mês de marcha, aqueles valentes reuniram-se em Alagoas a remanescentes das tropas do Conde de Bagnuolo.

Reforços para os defensores

Em fins de novembro, chegou da Metrópole expedição com reforços para a defesa do Brasil. Compunham-na cerca de **30 navios, que desembarcaram 2.400 homens, artilharia de diversos calibres e suprimentos, em Jaraguá, Alagoas.**

Era comandante o nobre espanhol **D. Luís de Rojas y Borja**, de alta linhagem e veterano de guerra na Europa, o qual vinha substituir **Matias de Albuquerque**, que recebeu **ordem para recolher-se à Metrópole.**

D. Luís de Rojas y Borja dividiu toda a sua tropa em dois terços, **um de castelhanos, outro de portugueses**, comandados, respectivamente, dos mestres-de-campo Juan Ortiz e Martim Soares Moreno; organizou e fortificou **sua base de operações em Alagoas**; mandou realizar reconhecimentos na direção do inimigo, **visando à ofensiva.**

Plano ofensivo de Rojas y Borja

D. Luís estava firmemente decidido a buscar uma batalha com os holandeses. Se a ganhasse, calculava, confinaria os holandeses em suas fortificações e aguardaria a chegada de expedição da Metrópole para expulsá-los; se a perdesse, manter-se-ia em Alagoas até que viessem reforços.

Bagnuolo opôs-se ao plano, mas foi voto vencido **em conselho de chefes**; e **recebeu a missão de guardar a base de operações, com 700 homens**.

No dia 6 de janeiro de 1636, D. Luís de Rojas y Borja marchou para o norte, levando uns 1.400 homens e os índios de Camarão, agora agraciado pelo rei com o título de Dom.

Batalha de Mata Redonda

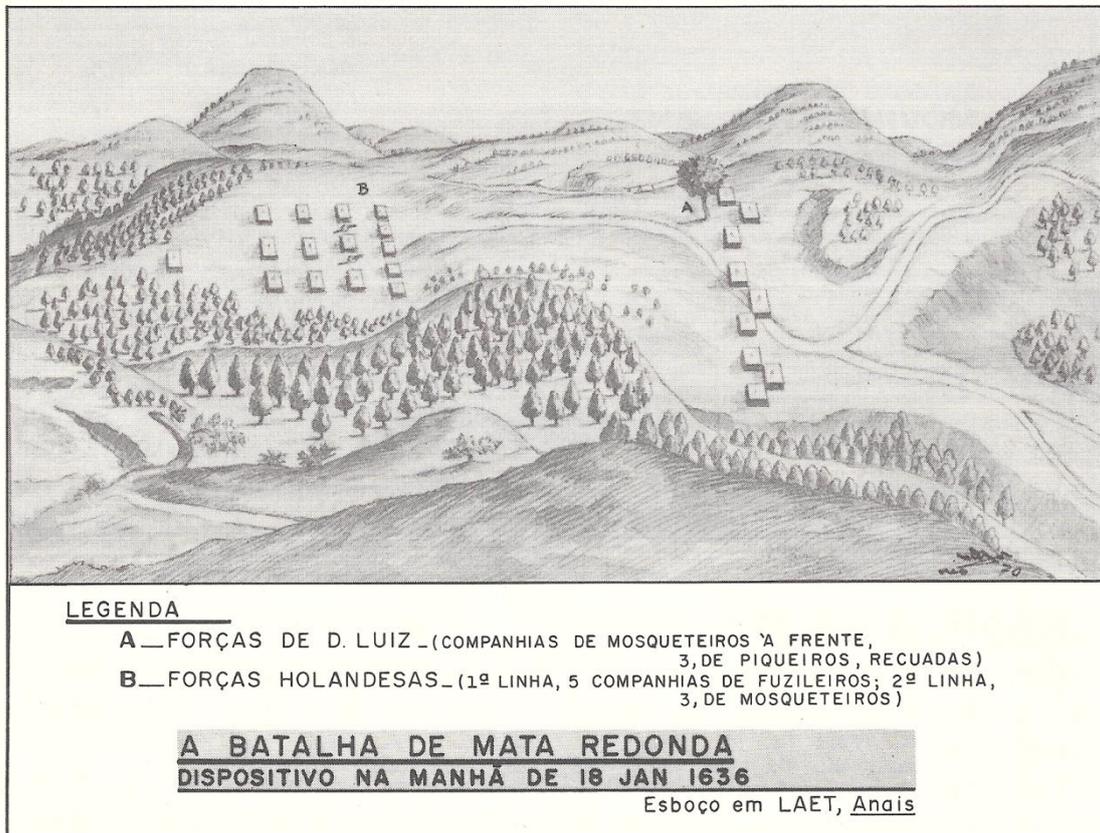
No dia 18 de janeiro, após haver Von Schkoppe **abandonado Porto Calvo** em mãos dos nossos guerrilheiros, feriu-se, próximo, a batalha buscada por D. Luís.

Os holandeses vinham com Artichofsky, **somavam cerca de 1.500 homens**, enquanto o efetivo de D. Luís diminuía, pois ficara destacado um contingente em **Porto Calvo**.

No ponto crítico do combate, **Rojas y Borja, atingido por um tiro, tombou morto**. A confusão dominou as nossas fileiras.

Sem liderança, os luso-brasileiros retiraram-se. Não se completou o desastre tático, graças **"aos bravos Rebelinho e Camarão que, na cobertura da retirada, praticaram prodígios de audácia e valor, criando condições para que os destroços do exército fossem acolhidos em Porto Calvo"**.

Os vencedores, por seu turno, depois de se recolherem a **Peripueira**, deixaram uma guarnição e rumaram para Serinhaém.



Valor de uma ofensiva

O malgrado D. Luís de Rojas y Borja tem sido injusta e cruelmente criticado por alguns historiadores desatentos, quanto aos aspectos militares da guerra.

Na realidade, as operações do general, marcadas de modo tão trágico no campo tático, foram, porém, no campo estratégico, de brilhantes conseqüências. Obrigaram, primeiro, o



Conde Bagnuoli

adversário a abandonar Porto Calvo mais uma vez, interrompendo, assim, a execução do seu plano de criar uma zona morta ao sul do Rio Manguaba. **Ocupada fortemente agora a região de Porto Calvo pelos nossos, -ficava Artichofsky, sem sua via de transporte terrestre, se não cortada, pelo menos seriamente ameaçada, o que ficou bem evidente com o retraimento do grosso, para Serinhaém.**

Outro resultado importante das ousadas operações de D. Luís, foi o abandono de Barra Grande, onde o reduto, assediado pela nossa gente, foi arrasado pelo inimigo, quando o abandonou.

Alento na resistência

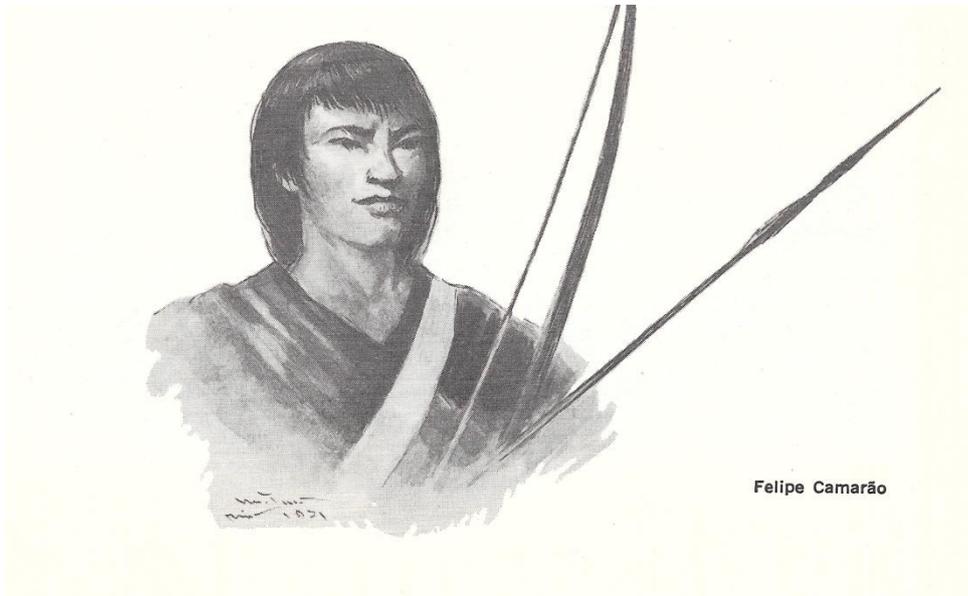
Bagnuolo assumiu o comando e concentrou a resistência **em Porto Calvo**, cobrindo-se da direção norte, na linha do rio Una.

A localidade atraiu quantos desejavam lutar contra o invasor, **reunindo 2.000 homens**, e tornou-se o mais poderoso baluarte da resistência, **centro de irradiação de lutas e**

última esperança de uma vitória.

Emboscadas em ação

Foram organizadas **companhias de emboscadas**, sob a liderança dos mais bravos e experimentados capitães: **Rebelinho, Sebastião Souto, Dias Cardoso, Camarão, Vidal de Negreiros, Domingos Fagundes** e outros. Irromperam, inesperadamente, em todos os pontos do território ocupado, **destruindo canaviais, tomando recursos, punindo colaboracionistas, mantendo viva, nas populações subjugadas pelo invasor, a esperança de liberdade.**



Felipe Camarão

O inimigo perdeu a possibilidade de locomover-se na conquista. Em todo canto e hora, **a morte rondava-lhe os passos, sob a forma de flecha ou bala.**

As iniciativas de soerguimento econômico da lavoura canavieira eram frustradas pelas emboscadas que tudo incendiavam.

Estas incursões traziam em seu regresso numerosos brasileiros desejosos de engrossar as forças de Porto Calvo.

Com este clima de insegurança, o adversário não pôde desenvolver a economia e ressarcir-se do enorme investimento militar, após cinco anos de guerra. Era preciso tirar lucros da conquista. Os acionistas da **Companhia exigiam os dividendos prometidos.**

GUERRA HOLANDESA — 3.º PERÍODO — GOVERNO DE MAURÍCIO DE NASSAU

Nassau — administrador e soldado

A 23 de janeiro de 1637, desembarcou em Recife, na condição de "**Governador, Capitão e Almirante-General das terras conquistadas ou a conquistar no Brasil**", o Conde João Maurício de Nassau — Siegen, conhecido em nossa história como Maurício de Nassau.

A Holanda o enviara, a fim de consolidar e expandir a conquista, **pois era administrador de larga visão e soldado excepcional, provado na paz e na guerra nos campos de batalha europeus.**

Sob sua direção abriu-se o terceiro capítulo deste conflito, encerrado com o seu retorno para a Europa, após ver fracassado, **por motivos alheios à sua vontade, o plano de recuperação econômica de Pernambuco**, através do qual pretendeu consolidar e expandir a conquista, **atraindo os luso-brasileiros para um dos valores de sua cultura — a dignificação do lucro.**

Ao chegar, reconheceu que era essencial eliminar o último foco de resistência — **Porto Calvo**, condição essencial para devolver a segurança, visando ao soerguimento da lavoura canavieira, **e destruir as derradeiras esperanças dos pernambucanos na reconquista da terra.**

Queda de Porto Calvo

Decorridos sete dias de seu desembarque, **Nassau reuniu todas as forças para um ataque a Porto Calvo.**

Enviou, por terra, uma coluna de 3.000 homens, comando de Von Sch-koppe e, por mar, 800, dirigidos por Artichofsky. Reforçou os fortes **e destinou mais 600 para dar combate às emboscadas das companhias, que operavam no interior de Pernambuco.**

A 17 de fevereiro de 1637, as duas colunas operaram junção após a travessia do **rio Una.**

Venceram as resistências apresentadas em **Barra Grande e sitiaram Porto Calvo.**

A fortaleza ofereceu heróica reação a vários ataques.

Nassau fez aproximar, através do rio das Pedras, **com imensa dificuldade, canhões de grosso calibre.**

Intimado a render-se, o forte recusou e **resistiu, durante quinze dias, ao violento e esmagador bombardeio.**

A 3 de março, caiu o último núcleo de resistência em Pernambuco, depois de uma luta desigual, numa proporção de 10 x 1.

Bagnuolo havia se retirado antes para Alagoas.



Rio São Francisco, a fronteira

O conde holandês progrediu para o sul e levantou, **na margem norte do São Francisco**, dois fortes, um na embocadura e outro maior em Penedo — o Forte Maurício. Bagnuolo, com os remanescentes do exército de Pernambuco, havia cruzado o rio.

Após neutralizar Porto Calvo, expulsar Bagnuolo para o sul desse curso d'água e, na sua margem esquerda, levantar aqueles fortes, **consolidava a conquista de Pernambuco iniciada há seis anos.**

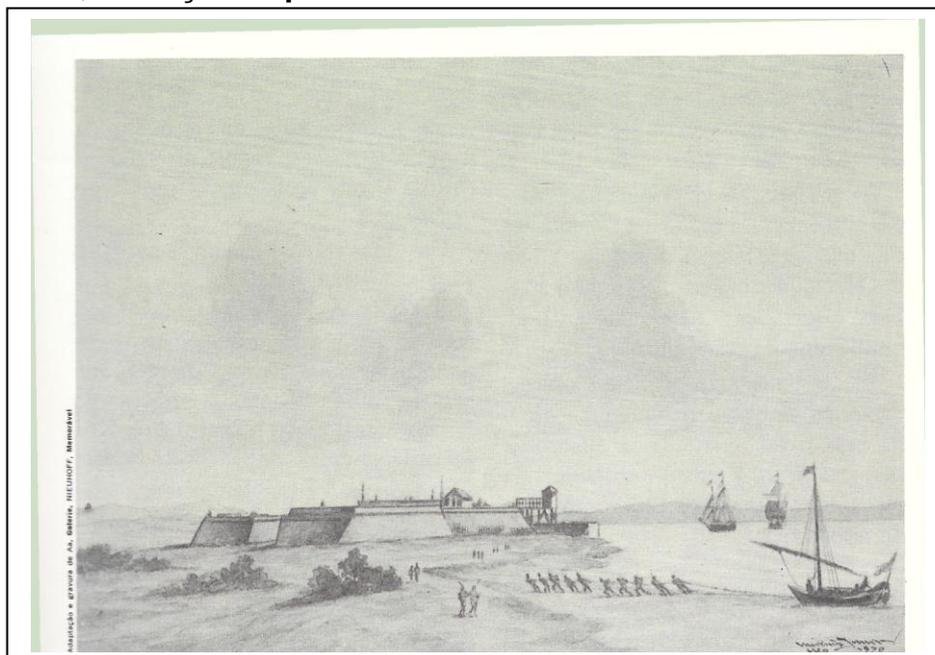
A Holanda dominava, agora, imenso, rico e estratégico território do Brasil, desde o Rio Grande do Norte até o rio São Francisco. Era preciso ainda alargá-lo.

Expansão de Nassau

Nassau retornou vitorioso a Recife e pôs em execução **medidas administrativas, econômicas, sociais e políticas**, visando **a conquistar a confiança, a simpatia e cooperação dos moradores.**

As perspectivas de rápida recuperação econômica da capitania, combinadas com tolerância religiosa mínima, e clima de respeito aos moradores, fizeram arrefecer o sentimento de revolta dos luso-brasileiros para com o invasor.

Em conseqüência, o novo Governador criou **ambiente tranqüilo em torno da base naval do Recife**, e aplicou-se, por outro lado, a estender o domínio da Holanda ao restante do Brasil, **começando pelo Ceará.**





A Bahia repele Nassau

Nassau foi informado de que a situação na Bahia era de indisciplina, envolvendo as tropas e descontentamento da população, **motivada por divergências entre o Conde de Bagnuolo e o Governador-Geral.**

Por esta razão, decidiu atacá-la e ampliar a conquista até lá.

A 16 de abril de 1638, com 5.000 homens, entre soldados e índios, transportados em 40 navios, penetrou na baía de Todos os Santos. A presença do inimigo transformou o motivo do ataque em ardente desejo de defesa da cidade.

O Governador-Geral, superando suas diferenças com Bagnuolo, entregou-lhe o comando das operações, durante todo o período do combate.

A expedição fundeou trente às praias de São Braz e da Escada, e iniciou o desembarque, sem nenhuma oposição.

Somente no dia 20 lutou pela posse da entrada norte da cidade — a Porta do Carmo. Repelida, mudou de tática. Decidiu o Comandante cercar Salvador.

Enquanto cessaram os choques, os baianos intensificaram a guerra de emboscadas e o trabalho de fortificações. Foi construído por Luís Barbalho o forte que leva o seu nome, levantado em forma de reduto, tempo reduzido, durante o qual se empregaram 1.000 homens, trabalhando incessantemente.

A partir de 1.º de maio, Nassau atacou Salvador, violentamente, mas as defesas resistiram.

Foi lançado ultimato aos defensores, dando-lhes três dias para se renderem. O Governador-Geral respondeu-lhe:

"As cidades de el-rei não se rendem senão com balas e espada na mão e depois de muito sangue derramado".

Nassau não conseguiu sitiar completamente a praça; deixou abertas algumas comunicações com o interior.

No dia 18 de maio, 3.000 holandeses investiram as trincheiras com fúria.

Após longas horas de disputado combate, ultrapassaram as trincheiras e chegaram junto aos muros e portas da cidade.

A luta transformou-se em verdadeira carnificina dada a pequena distância entre os combatentes.

Às 20 horas, a Porta do Carmo sofreu violento ataque, contido com extremo vigor pelos baianos, que haviam abandonado outros postos e reforçado o local.

No mais aceso da peleja, acometeu a retaguarda inimiga, de surpresa, o bravo capitão Luís Barbalho.

O contra-ataque obrigou o invasor a retirada precipitada, causando muitas baixas em suas fileiras.

A 26 de maio de 1638, por ter se tornado insustentável a permanência na Bahia, Nassau retornou a Pernambuco, humilhado com o insucesso da expedição, resultado de falso julgamento tático da situação no Recôncavo.

Nunca mais se aventurou por aquelas paragens com propósitos de conquista, da mesma forma que Pieter Heyn.

A vitória dos baianos contribuiu para lhes inculcar na mente o sentimento de confiança na inexpugnabilidade da praça fortificada e no valor militar dos bravos defensores.

Os holandeses já não eram invencíveis ou superiores. Mesmo liderados por chefes famosos como Pieter Heyn e Nassau, sofreram reveses indiscutíveis.

Na defesa das trincheiras de Salvador morreu o intrépido capitão Sebastião Souto, considerado o mestre da arte de guerra de emboscadas ou "guerra brasílica".

Sucedeu-lhe, no comando e na fama, neste tipo de guerra, Antônio Dias Cardoso, que tão assinalados serviços iria prestar à continuação da luta.

Esta expedição de Nassau era o terceiro malogro dos holandeses, no sentido de ocupar território baiano.

O Recôncavo estava defendido por 11 fortes, e a cidade envolvida por muralhas, protegidas por trincheiras.

Salvador era jardim com fortes muros e tesouro muito bem garantido.

Aprendera muito com a invasão de 1624.

Uma esperança de libertação

Em janeiro de 1639, chegou, ao litoral nordestino, a **esquadra do Conde da Torre, que veio ao Brasil com algumas missões, entre as quais a de libertação de Pernambuco.**

Aportou na Bahia, onde concertou o plano de libertação. Ordenou-se que **André Vidal de Negreiros, auxiliado por Antônio Dias Cardoso, partissem para a Paraíba, e Felipe Camarão, João Barbalho e Francisco Rebelo, Pernambuco.**

Tinham por incumbência atrair o inimigo para o interior, levantar as populações e destruir a economia canavieira.

Nestes locais, deveriam ficar em condições de apoiar o desembarque de tropas ao comando de Luís Barbalho, Henrique Dias e Francisco de Souza, o qual ocorreria no litoral enfraquecido. **Em seguida, operação combinada com a esquadra, procurariam recuperar Pernambuco e Paraíba.**



Antônio Dias Cardoso, um dos maiores chefes militares brasileiros, guerra holandesa. Desenvolveu processos de combate na luta de guerrilhas, responsáveis pelas vitórias na fase final do combate. Exemplo: tática adotada, batalha do Monte das Tabocas, fase inicial (ilustração em cores, início do capítulo)

O sul coopera para a recuperação do nordeste

O Conde da Torre tinha a intenção de montar **base de operações na Bahia** e aumentar o efetivo com gente do Brasil. Só depois, **atuaria em força, por terra e mar, contra os holandeses.**

Nessas condições, uma vez empossado, determinou fossem recrutados, nas chamadas capitâneas de baixo, combatentes para participarem das operações projetadas.

Eis por que foi constituído em S. Paulo um contingente, **no qual eram capitães nomes famosos das entradas de preia ao índio e devassamento do interior, como,**

por exemplo, Antônio Raposo Tavares. Chegando à Bahia, os paulistas incorporaram-se ao terço do mestre-de-campo Luís Barbalho Bezerra.

Segundo Washington Luiz, " *a Antônio Raposo coube recrutar gente no sul e teria sido ele quem conduziu os seus conterrâneos à Bahia*".

Aproveitou-se, pois, da experiência adquirida pelos sertanistas em suas expedições, cujo valor militar também assim se positivou.

Desastre naval

A 12 de janeiro de 1640, a esquadra do Conde da Torre, que tentava desembarcar tropas na praia de Pau Amarelo, foi impedida pela do almirante Cornelizoon Loos.

O Conde procurou evitar o combate e velejou para o norte, acochado de perto pelo inimigo. Após ser perseguido durante cinco dias, teve de aceitar combate **próximo a Cunhaú**, sendo completamente batido, e sua esquadra, dividida em várias frações, aportou em locais diversos. **Desastre completo.**

O comandante português, foi mandado preso para Lisboa, veio a ser destituído de títulos e honrarias e recolhido ao cárcere no Forte de Julião da Barra.

Morreu em ação nesta grande batalha **o almirante Cornelizoon Loos.**

Duas frações da esquadra, por falta de víveres e água, desembarcaram, **na enseada do Touro, as tropas de Luís Barbalho, e no porto da Pipa, a sete léguas de Natal, tropas de Henrique Dias e de Francisco de Souza.**

O desastre naval agravou a economia de Pernambuco em recuperação: fez desaparecer a moeda circulante, causou grandes destruições na lavoura e provocou a evasão de muitos moradores para a Bahia.

Feito épico

As tropas desembarcadas no litoral, 1.300 homens, **após operarem junção**, decidiram abrir caminho de volta à Bahia a ferro e fogo, **percorrendo 400 léguas de território ocupado.**

Ao fim de quatro meses de marcha, na retaguarda inimiga, assinalada por combates e padecimentos, **entraram triunfalmente em Salvador**, após vencerem inúmeros obstáculos, **relatados por Luís Barbalho e Henrique Dias, em documentos revelados por José Antônio Gonçalves de Mello Neto.**

Comandou este feito e com ele se imortalizou Luís Barbalho.

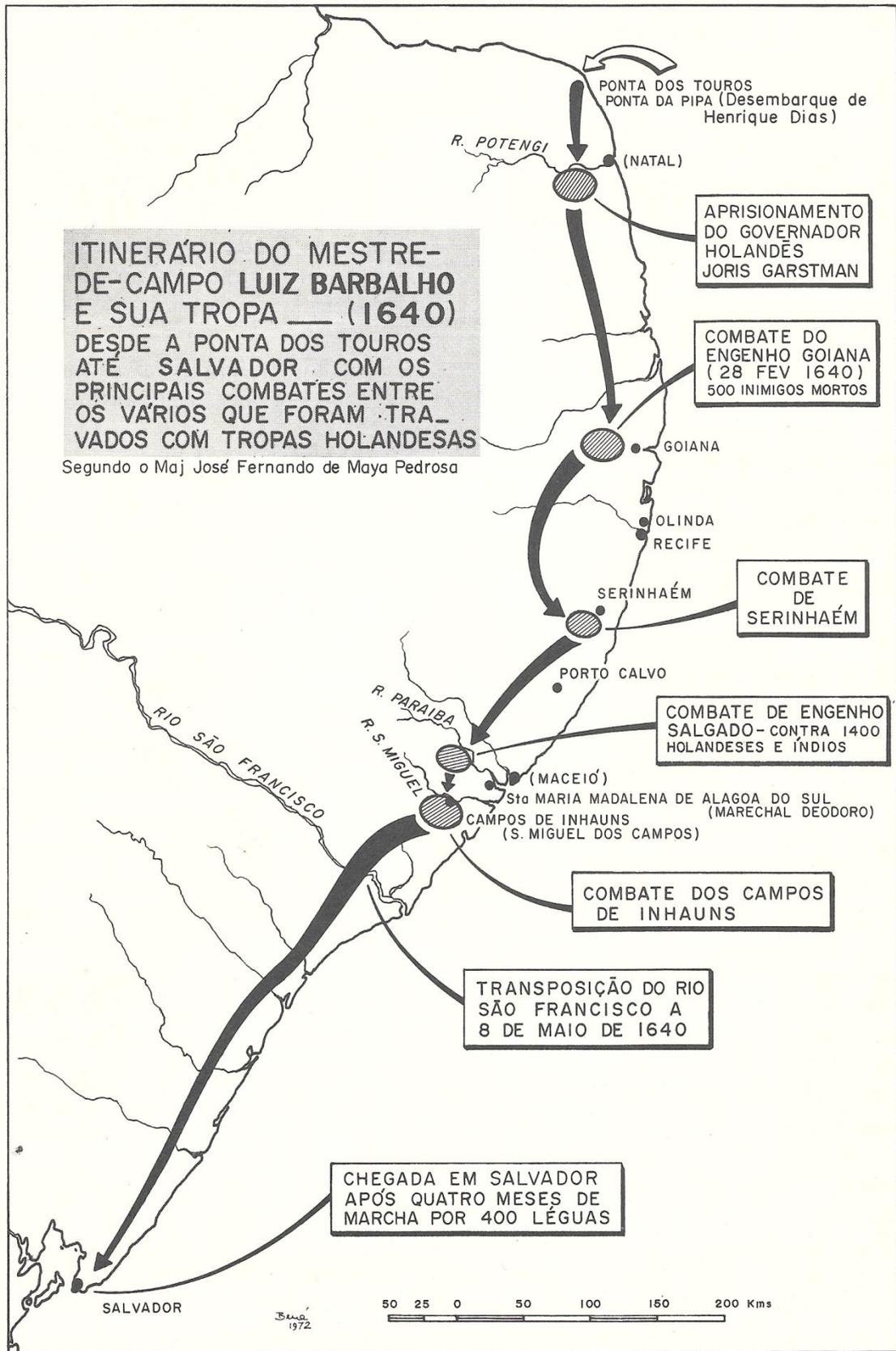
A coluna foi abrindo estrada, combatendo e engrossando suas fileiras com moradores, velhos, mulheres e crianças, que a ela se agregavam, em busca da Bahia e escapando ao invasor.

Foi aumentada, na Paraíba, com os efetivos de **Vidal de Negreiros** e, em Pernambuco, com **Felipe Camarão, Francisco Rebelo** e outros.

Consoante depoimento de Henrique Dias, a coluna atacou de surpresa, **em Goiana**, uma tropa inimiga de 1.300 homens, destruindo-a quase por completo. Dos 500 soldados mortos, **muitos eram da guarda pessoal do Governador.** Outro destacamento de 1.500 homens, mandado em seu encalço, **foi repellido com grandes baixas.**

Estes bravos e chegaram em tempo à Bahia **para fazer malograr uma expedição punitiva, reacenderam a chama da reação e causaram grandes prejuízos no plano de Nassau de recuperação econômica de Pernambuco, e deram às gerações brasileiras do porvir exemplo imortal de responsabilidade na defesa da terra.**

Nesta marcha participaram tropas de **São Paulo, do Rio de Janeiro e de outras capitânicas do sul**, que já ofereciam, assim, no passado distante, magnífico exemplo de solidariedade e integração, constante na história do povo brasileiro.



Represálias de Nassau

Em março de 1640, Nassau enviou à Bahia uma expedição punitiva de 1.300 homens, ao comando do almirante Lichthardt, recém-chegado da Europa.

Desembarcou no Recôncavo, incendiou, destruiu, saqueou e matou nos arredores de Salvador. Não atacou a cidade, porque já se encontrava aí a coluna de Luís Barbalho.

Igual procedimento teve Nassau em relação ao **Rio Real e Sergipe**, de onde o invasor foi repellido com muitas baixas.

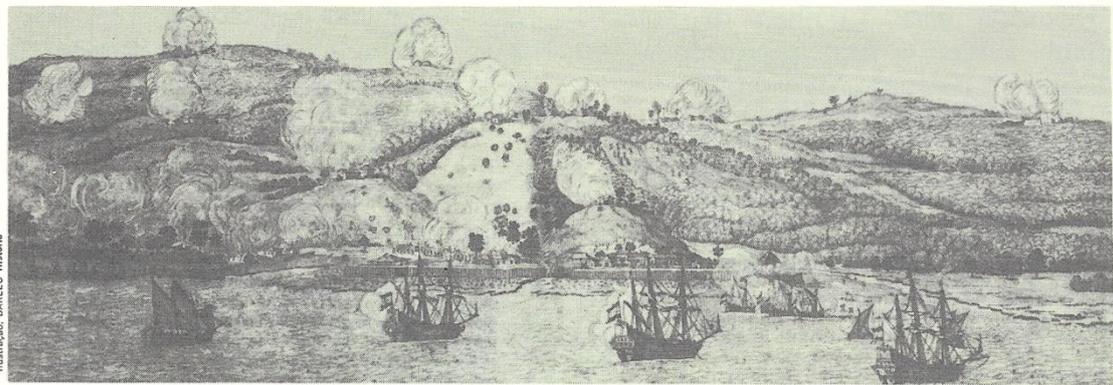
Também no Espírito Santo incursionaram os holandeses.

Restauração de Portugal

Em fevereiro de 1641, chegou à Bahia a notícia alvissareira de restauração do trono de Portugal sob D. João IV.

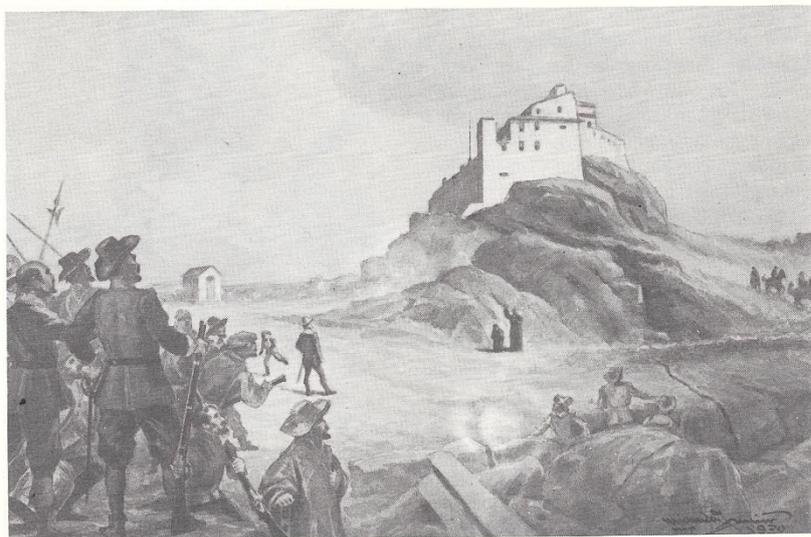


Henrique Dias. Reconhecimento pelos feitos realizados, ele, e a força de guerrilheiros de cor preta, vários corpos de tropa — período colonial — receberam a denominação de Henriques. Corporificou-se a outra componente da força terrestre brasileira, iniciada com índios e portugueses



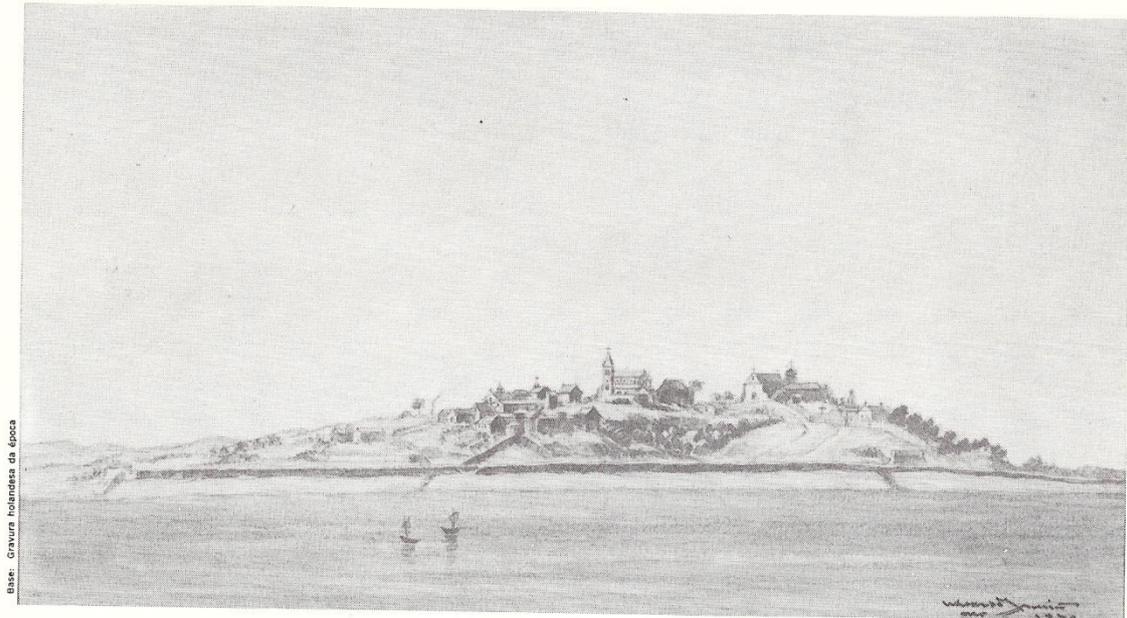
Ilustração, BARILEU História

Documento iconográfico: retrata incêndios de engenhos baianos pelos holandeses, numa das incursões, Recôncavo; evidencia aspectos de uma ação combinada, naval e terrestre; mostra uma estacada protetora de uma localidade brasileira, no litoral; valoriza a autoria, pintor Frans Post



Holandeses no Espírito Santo, 1640

Esperou-se a celebração de uma paz entre a Holanda e Portugal, ambos em guerra com a Espanha. Nassau deixou claro que, se isto acontecesse, não seria devolvido o que conquistara no Brasil.



Olinda, domínio holandês

Armistício Portugal-Holanda

Portugal não abdicou de suas colônias. **Impossibilitado de lutar ao mesmo tempo com Espanha e Holanda**, concordou em **celebrar tratado de aliança ofensiva e defensiva contra a primeira** e um armistício de dez anos nas lutas das colônias.

Reconheceu a conquista de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte e acedeu na cessação das hostilidades contra os holandeses no Brasil, enviando determinação expressa. **A Holanda comprometeu-se a não expandir suas conquistas no Brasil durante dez anos.**

Expansionismo de Nassau

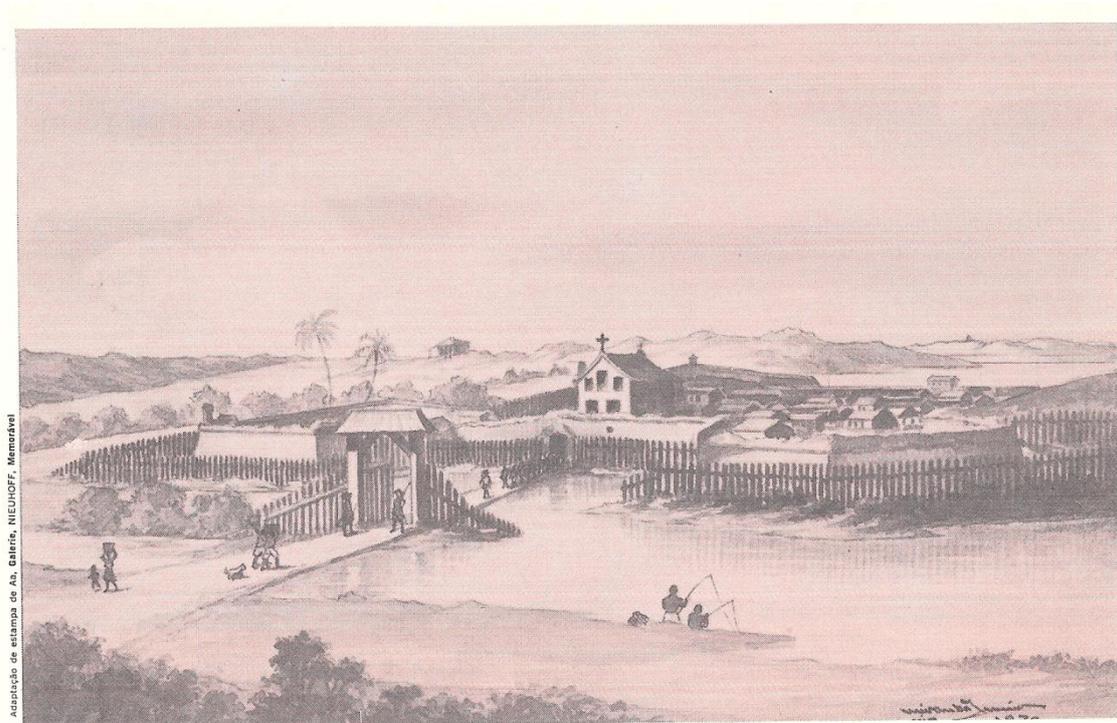
Enquanto era discutida na Europa a ratificação deste acordo, a Holanda ordenou a seu Comandante que tirasse proveito da guerra entre Espanha e Portugal para alargar os limites da conquista e expandi-la a começar pela ¹ Bahia.

Lembrado de seus insucessos no Recôncavo, Nassau, prudentemente, conquistou Sergipe em abril de 1641 e, em novembro, o Maranhão. Estas conquistas estenderam-se a domínios portugueses na África. **Angola, Ilhas de São Tomé e Ano Bom, Benguela** foram tomadas, num flagrante desrespeito ao tratado.

Após expandir-se, sem, no entanto, atacar a Bahia, onde recebera amarga e inesquecível lição, **fez publicar o tratado de paz**, celebrado dois anos antes.

Pelo acordo, ficava livre da ação das emboscadas, procedentes da Bahia e de revolta dos moradores. Procurou desarmá-los. **A paz chegou.**

Mandou recensear as populações das vilas, para controlá-las rigorosamente e, **assim, descobrir com base em sua movimentação, a presença de companhias de emboscadas partidas da Bahia ou de insurreição em marcha.**



Forte Príncipe Guilherme, construção holandesa. Afogados, Recife

Porta aberta à insurreição

O tratado em vigor deixou uma lacuna. **Aos luso-brasileiros foi assegurado o livre trânsito pelos domínios holandeses, sem desconfianças e constrangimentos.**

Disto se aproveitou o Governador Teles da Silva para enviar agentes, **a fim de agitar Pernambuco e concertar o plano de insurreição.**

Nassau parte para a Europa

Pressionado pelo fracasso **de seu plano econômico de recuperação da lavoura canavieira de Pernambuco**, Nassau embarcou para a Holanda, **julho de 1644**, na certeza de que o Brasil estava irremediavelmente perdido, por que era inevitável a revolução. Ao chegar à Holanda, assim traduziu o caos econômico em que deixou a terra conquistada:

"Situação de miséria e fraqueza, resultante de diversas causas, todas ligadas entre si: infidelidade dos pernambucanos, pobreza, escasso rendimento das terras, ruína do comércio, decadência do patrimônio e finanças da Companhia, emigração em massa, em 1635 e após, de moradores para a Bahia, a fim de fugir ao jugo do invasor, endividamento dos moradores luso-brasileiros e holandeses num total de 130 mil florins, dos quais metade era devida à Companhia".

E concluiu: ***"Todos os que negociam estão de tal modo endividados uns com os outros, que vindo um a falir arrastará na sua esteira dez ou mais"***.

A alma brasileira havia debilitado o negócio montado pelos ocupantes estrangeiros, em três lustros de resistência heróica e determinada.

E, deste modo, encerrou-se, aparentemente em paz, **o terceiro período da Guerra Holandesa, caracterizado pelo governo de Nassau.**

Até este momento, os filhos da terra tinham lutado dentro do contexto político do grande e poderoso império, formado por **Portugal e Espanha**. Lutaram brava e ferozmente, lado a

lado, com enormes contingentes portugueses, espanhóis e italianos, mandados em seu socorro.

Doravante, orgulhosos com a contribuição que deram para a defesa da terra, lutariam até o fim dentro de uma concepção política predominantemente brasileira, **contrariando, frontalmente, a orientação política e estratégica de Portugal.**

Restauração do Maranhão

A 25 de novembro de 1641, através de um estratagema sórdido, o invasor tomou o Maranhão, iludindo a boa-fé de seu povo e do governador **Bento Maciel Parente, que foi preso e exilado no Rio Grande do Norte.**

Os maranhenses não suportaram o jugo e insurgiram-se. Após uma série de vitórias, terminaram por cercar o inimigo no **Forte S. Felipe**, auxiliados pelos reforços enviados por Pedro de Albuquerque, Governador do Pará — **o herói de Rio Formoso.**

A 28 de fevereiro de 1644, o holandês partiu para Recife, abandonando em definitivo o Maranhão, sob violenta e determinada reação de seu povo, liderada pelo Governador Antônio Muniz Barreiros, Teixeira de Melo e outros bravos.

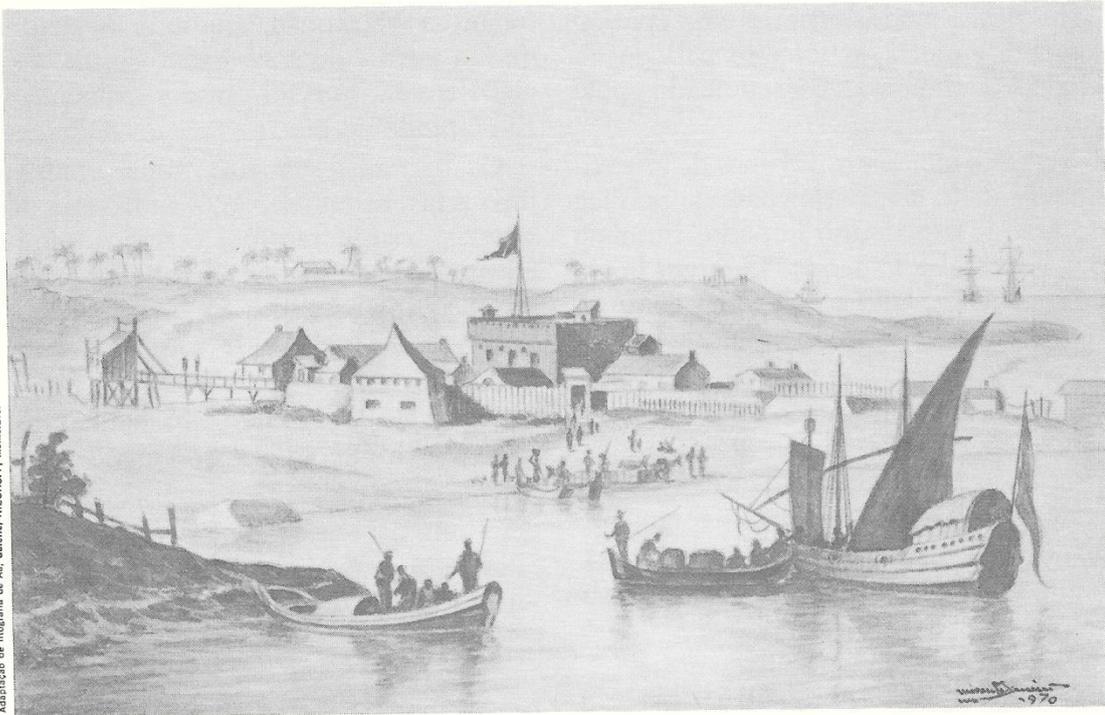
Este feito repercutiu em todo o Brasil, pois foi concretizado sem auxílio da Metrópole e por conta e risco dos luso-brasileiros.



Reprodução de quadro de Frans Post

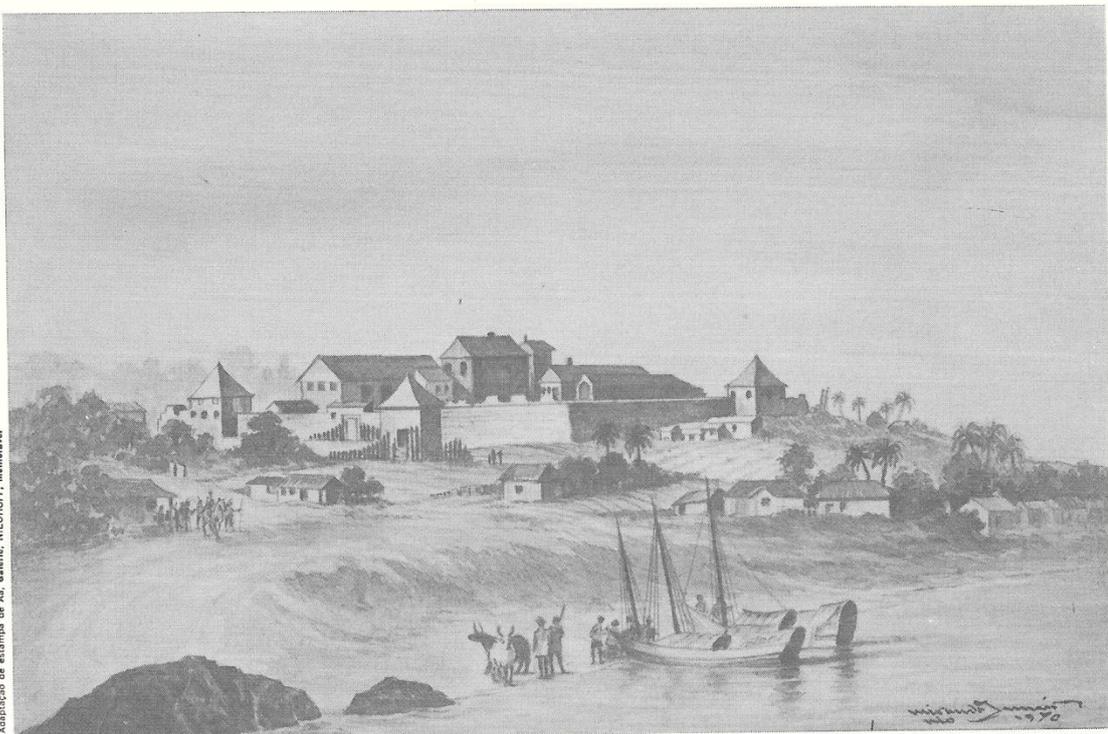
Casas holandesas em Recife

Adaptação de litografia de Aa. Galerie, NIEUHOF, Memorável



Itamaracá, domínio holandês

Adaptação de estampa de Aa. Galerie, NIEUHOF, Memorável



Forte Ceará, guarnecido pelos holandeses

Vingança indígena no Ceará

Gideon Morritz partiu do Ceará com 200 índios para a luta no Maranhão, sob promessa de grandes benefícios no retorno. No local, atribuiu as missões mais arriscadas aos silvícolas, resultando a morte de muitos e a deserção dos demais para o Ceará, jurando vingança.

A notícia do engodo espalhou-se entre aquela gente que, cheia de ódio e vingança, massacrrou toda a guarnição holandesa e o próprio Morritz.

Aliança índios-invasores

Os holandeses, para dominar os luso-brasileiros, procuraram sempre celebrar aliança militar com os índios. Na aldeia de Tapessirica, mandaram aprisionar e enviar para a Europa o cacique local, religioso e valente, por ter se recusado a dar combate às emboscadas, e possuir liderança capaz de chefiar uma rebelião.

A seguir, enviaram **para instrução militar na Holanda**, cercados de todas as atenções, os líderes **Pedro Poti, Carapeba e Paraubaba**.

Na iminência da insurreição, Nassau aconselhou a tomada de medidas políticas de grande repercussão, para atrair 1.200 nativos como aliados, em caso de guerra.

Pouco antes da sublevação, o invasor promoveu **em Tapessirica, no município de Goiana**, uma reunião, em que tomavam parte seus aliados, aberta com uma decisão holandesa de grande impacto e significado:



Companhia de Infantaria: índios do nordeste para combater ao lado dos holandeses

"Concessão de liberdade ampla e total a todos os índios brasileiros e ordem geral para que fossem libertados, imediatamente, todos os que tivessem retidos contra vontade".

Com este ato, conseguiram lançar as bases **de um exército indígena**, desferindo violento golpe político e militar na insurreição em marcha.

A medida, de alto alcance social para a época, embora ditada por motivos utilitários e não humanitários, constituiu marco importante na implantação de nova ordem.

Ausente Felipe Camarão, o invasor conseguiu mobilizar, na área que ocupava, **mais de 1.200 índios ao comando dos líderes que treinara na Europa**.

A partir deste momento, eles passaram a matar, sem condescendência, qualquer luso-brasileiro que lhes caísse em mãos, em combate, mesmo pedindo quartel, e, sob os olhos complacentes dos holandeses, **não poupando velhos, mulheres e crianças**.

No Rio Grande do Norte, em **Cunhaú**, liderados pelo **Judeu Jacob Raabe**, massacraram moradores reunidos numa igreja, matando-os todos da forma mais bárbara. Algumas vítimas tiveram o coração arrancado pelas costas. É um dos episódios mais revoltantes desta guerra. Incendiou os ânimos luso-brasileiros, por ocasião da insurreição, **ocasionando o revide de Casa Forte**.



GUERRA HOLANDESA — 4.º PERÍODO INSURREIÇÃO E RESTAURAÇÃO PERNAMBUCANA

Epopéia brasílica

Após a partida de Nassau, abria-se o capítulo final desta guerra, **com a insurreição do povo de Pernambuco, desejoso de libertar a terra e, nela, restabelecer o império da liberdade**.

D. João IV, secretamente, apoiou o movimento, até ver fracassado o objetivo de conquista rápida de Recife.

Os insurretos prosseguiriam a luta, sozinhos, desamparados e em desobediência à Metrópole.

Com esforço hercúleo, vontade inquebrantável, fé, sacrifícios indescritíveis e **processos de combate genuinamente brasileiros**, criaram condições para a recuperação de **Pernambuco e Angola** para Portugal, além de preservarem a **unidade física e espiritual do Brasil**.

Por esta razão, o presente capítulo, que poderia ser chamado **Epopéia Brasílica**, reveste-se da maior relevância do ponto de vista da **nacionalidade brasileira e das origens do Exército**.

Em 1945, a FEB, ao retornar vitoriosa da Itália, depositou **os louros da vitória no campo de batalha dos Guararapes** e seu comandante general Mascarenhas de Moraes proferiu estas palavras imortais:

"Nestas colinas sagradas, na batalha vitoriosa contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da nação brasileira".

As causas da insurreição pernambucana

— Insolvência de dívidas de luso-brasileiros e holandeses em decorrência do fracasso da lavoura canavieira, por circunstâncias adversas de toda ordem, determinando a queda das ações da Companhia das Índias Ocidentais, do valor nominal de 100 para 33.

— Agravamento da situação, por especulações extorsivas praticadas por comerciantes estrangeiros de Recife, operando em mercado paralelo à Companhia e fora do controle desta.

— Antagonismo religioso católicos x calvinistas, exacerbado com a partida de Nassau.

— Rivalidade moradores luso-brasileiros e holandeses do campo x Companhia e comerciantes de Recife, por terem ficado reduzidos, os primeiros, à condição de escravos econômicos dos segundos, em razão da insolvência de dívidas.

— Expansionismo da Holanda, ameaçando conquistar todo o Brasil e domínios de Portugal na África, em desrespeito a tratado celebrado, aproveitando-se da fraqueza militar de Portugal em guerra contra a Espanha.

— Malquerença política irreversível pernambucanos x invasores, resultado de seis anos de luta cruel e feroz pela posse da terra, sentimento abrandado com Nassau, e exacerbado com sua partida.

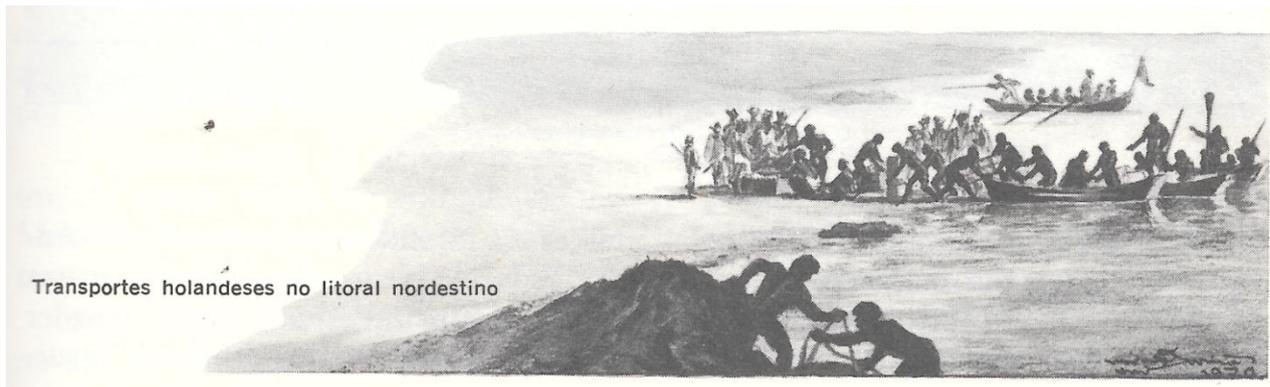
Para esta incompatibilidade muito contribuiu desrespeito do inimigo pela vida, propriedades, honra pessoal e familiar, fé católica, imagens de santos e padres, todos valores espirituais e morais da terra brasileira, bem como a quebra sistemática da palavra em assuntos políticos, pela negação de participação efetiva dos pernambucanos nos governos locais, e incentivo à inimizade índios x luso-brasileiros, que atingiu em 1645, proporções de ódio racial; ainda, por transformar, os primeiros, em principais instrumentos de guerra contra os segundos, após haverem decretado a abolição da escravatura dos índios, para atraí-los a aliança militar.

— Restauração do Maranhão, por conta e risco de seus filhos auxiliados pelo Pará.

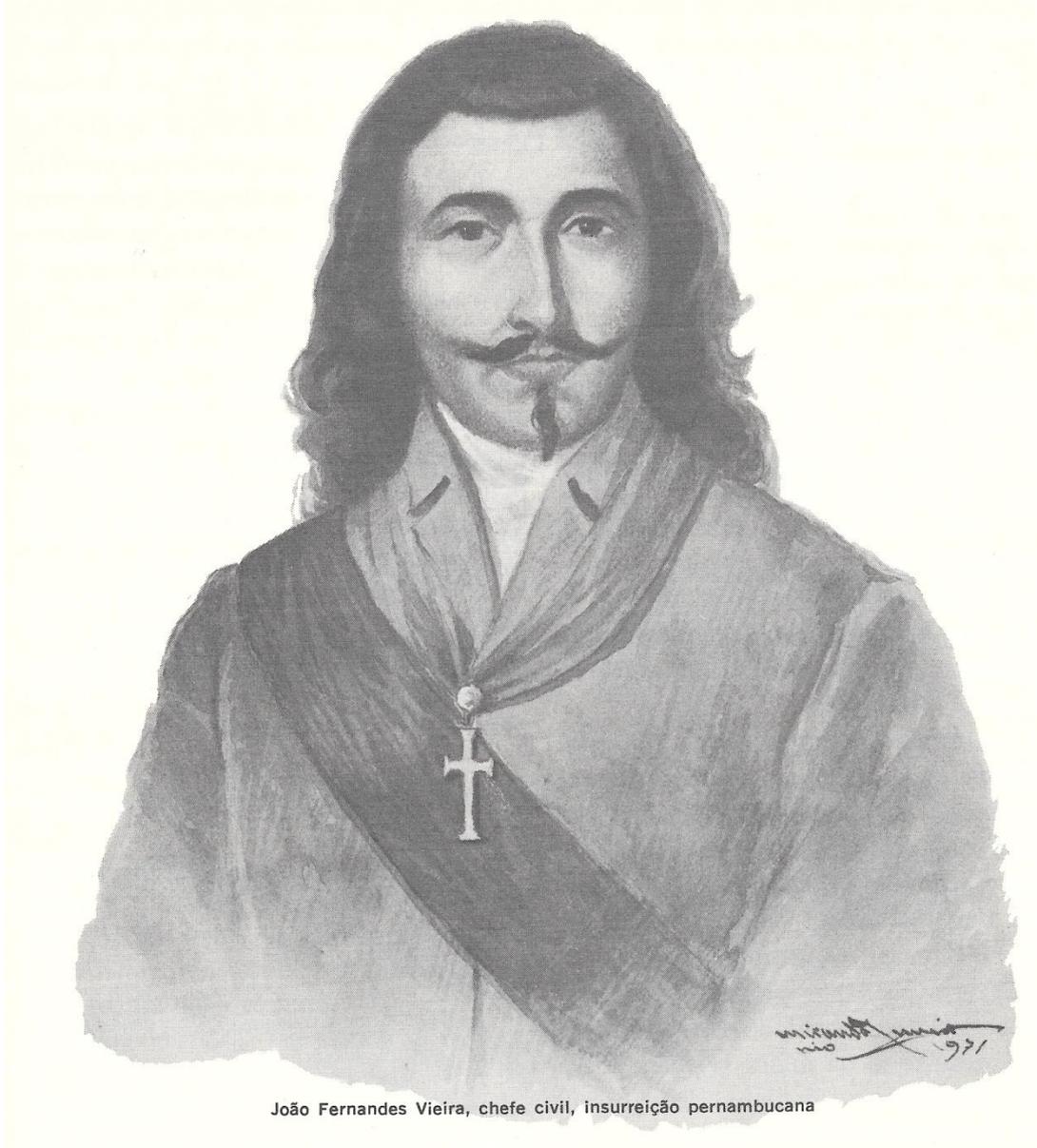
— Fraqueza militar do invasor em Pernambuco, reduzido em seus efetivos, em consequência de armistícios e compressão de despesas.

Astúcia X astúcia

Para responder à astúcia do conquistador, Portugal e patriotas elaboraram um plano secreto, que objetivava a conquista rápida de Recife, com a finalidade de expulsar os holandeses. Sem respeitar o tratado, continuavam expandindo suas conquistas no Brasil e na África.



Transportes holandeses no litoral nordestino



João Fernandes Vieira, chefe civil, insurreição pernambucana

Caráter secreto

Devia ser demonstrado por todos os meios ***que a insurreição era iniciativa única dos patriotas de Pernambuco, e à revelia de Portugal e da Bahia, tudo dentro da realidade diplomática da época, em que as palavras não correspondiam às ações.***

Se descoberto o apoio e incentivo de D. João IV ao plano, ficava em perigo a própria independência de Portugal.

Apoio externo de Portugal

Uma esquadra sob o comando do almirante Salvador Correia de Sá e Benevides foi enviada para as águas de Recife, simulando intenção de auxiliar os holandeses a debelar a insurreição, mas, na realidade, para desembarcar e consolidar a conquista dos insurgentes.



Basado em retrato, Biblioteca Nacional

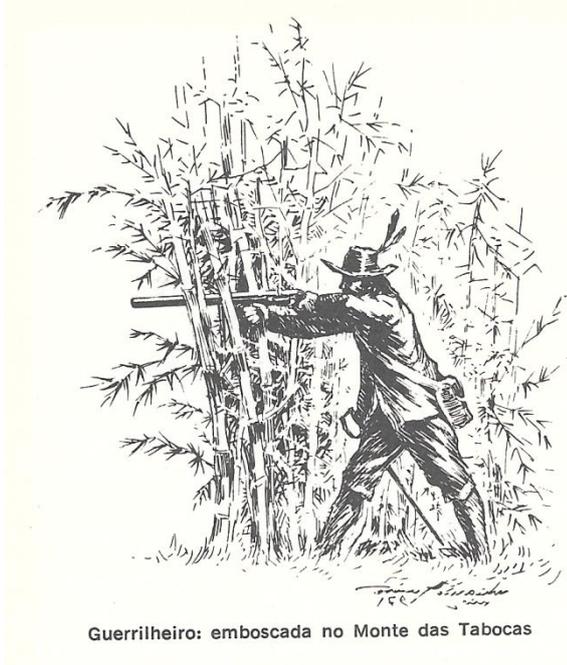
Salvador Corrêa de Sá e Benevides, restaurador de Angola

Enquanto isto, Portugal, através de manobras diplomáticas habilidosas, procuraria mostrar inocência na intervenção para evitar abrir frentes de luta com a Holanda, pois já guerreava com a Espanha.

Apoio externo da Bahia

Consistiu no envio do sargento-mor Antônio Dias Cardoso para, em seis meses, antes do início da insurreição, organizar e treinar secretamente o exército patriota na Mata do Brasil, em íntima ligação com o líder civil do movimento em Pernambuco — João Fernandes Vieira.

Aquela região compreendia os atuais municípios de **Vitória de Santo Antão, São Lourenço e Nazaré da Mata, onde era explorado o pau-brasil em Pernambuco, sob a direção e controle de Fernandes Vieira.**



Guerrilheiro: emboscada no Monte das Tabocas

Por outro lado, completou-se o apoio externo pela remessa para Pernambuco **das tropas de Felipe Camarão e de Henrique Dias, simulando-se que o primeiro se havia rebelado, e que o segundo fora mandado em seu encaço para prendê-lo e recambiá-lo para a Bahia.**

Finalmente, para completar o apoio, foram enviados, por mar, na flotilha de Serrão de Paiva, protegida pela esquadra portuguesa de Salvador de Sá, **dois terços de infantaria ao comando de André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, aduzindo que vinham prender João Fernandes Vieira, debelar a insurreição e, assim, obrigarem os pernambucanos a cumprir o tratado Holanda-Portugal.**

Papel de Pernambuco

— **Caracterizou-se pelo compromisso a ser assinado entre os moradores mais influentes, no sentido de empenharem seus recursos financeiros, e apoio de toda ordem, para a restauração da terra natal.**

— **Reunião de homens do povo para constituírem o Exército de Libertação a ser formado e treinado secretamente por Antônio Dias Cardoso.**

— **Organização de depósitos secretos, de armas, munições e alimentos na Mata do Brasil, destinados ao apoio logístico dos insurretos.**

Combinou-se dar início à insurreição no dia 24 de junho de 1645, durante o casamento simulado entre familiares de dois líderes insurrecionais, João Fernandes Vieira e Antonio Cavalcanti.

Na cerimônia seriam aprisionadas as mais altas autoridades holandesas, civis e militares no Brasil, que seriam postas em liberdade, mediante entrega da base naval de Recife.

A data escolhida, **dia de São João**, era homenagem ao líder civil do movimento — **João Fernandes Vieira** — e ao rei **D. João IV de Portugal**, e coincidente com época chuvosa o que dificultaria o movimento de tropas inimigas.

Ao primeiro sinal de insurreição, Amador de Araújo, e seu assessor militar, capitão Agostinho Fagundes, **sitiariam Ipojuca e Cabo, para fixarem importantes efetivos do invasor ao sul de Pernambuco, ou mesmo, atraírem sob si as forças da Companhia das Índias Ocidentais.**

Nos demais locais, os insurgentes, após imobilizarem as guarnições holandesas, **procurariam junção com Antônio Dias Cardoso para formarem o Exército Libertador e ocuparem Recife.**

O plano previa a adesão à causa de dois destacados militares holandeses: **Dirck Hoogstraten, comandante da Fortaleza de Nazaré**, ponto essencial para os luso-brasileiros receberem apoio externo, e **Gaspar Van der Ley**, comandante da tropa de milicianos holandeses, ao sul de Pernambuco.

O primeiro era católico e o segundo havia-se unido com uma brasileira, filha de prestigiosa família local.

Ambos, por dedicarem-se a negócios de plantação de cana-de-açúcar, tornaram-se devedores insolventes, como a totalidade dos engajados neste ramo de negócio.

Foram absorvidos pela cultura luso-brasileira. A vitória da insurreição representava uma solução para os seus problemas.

No Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe e Alagoas

Ao primeiro sinal de insurreição, deviam os insurretos locais organizar grupos de emboscadas para, sucessivamente, **imobilizar, sitiar e obrigar à rendição as diversas guarnições e fortes do inimigo, espalhados nestas áreas.**

Surge o ideal de Pátria

Os insurgentes adotaram como termo para designá-los, "**Independentes**", como senha a palavra "**Açúcar**" e como lema: "**Restauração da Liberdade Divina e da Pátria**".

Independentes, para demonstrar o desejo de se tornarem livres da Holanda, à qual tinham sido submetidos pela conquista, consolidada através de um tratado com Portugal. A senha **Açúcar**, relacionada com a maior riqueza da terra.

O lema continha **as idéias-forças** capazes de levar todos à luta. A primeira, o ideal coletivo de restabelecerem, em Pernambuco, **o império do ideal cristão católico**, sob séria ameaça da parte do ideal cristão reformado, **um e outro, defrontando-se, na Europa**, numa das guerras mais sangrentas da humanidade — a **Guerra dos Trinta Anos**. A segunda, o **ideal de restabelecimento da Pátria** que aglutinava diversas gerações de brasileiros, **brancos, pretos, índios, mulatos, caboclos e de muitos portugueses que vieram para ficar. A maioria já considerava Pernambuco como pátria, com o mesmo significado do Brasil de hoje.**

A insurreição, para a parte mais prestigiosa dos luso-brasileiros, devia ser conduzida dentro dum contexto nativista e **isto é provado com o termo-compromisso da restauração da pátria, assinado pelos patriotas.**

A Portugal, dentro do quadro estratégico mundial, interessava a conquista rápida de Recife. Uma luta prolongada era desaconselhável, altamente inconveniente e perigosa para seu destino como nação independente. Isto é essencial para o entendimento desta guerra.

Conspiração

No ano de 1641, logo **após a restauração de Portugal**, patriotas de Pernambuco enviaram, através de emissário especial, **proposta a D. João IV, no sentido de promoverem a devolução de Pernambuco a Portugal, à custa de recursos de seus moradores, desde que auxiliados externamente pela Metrópole.**

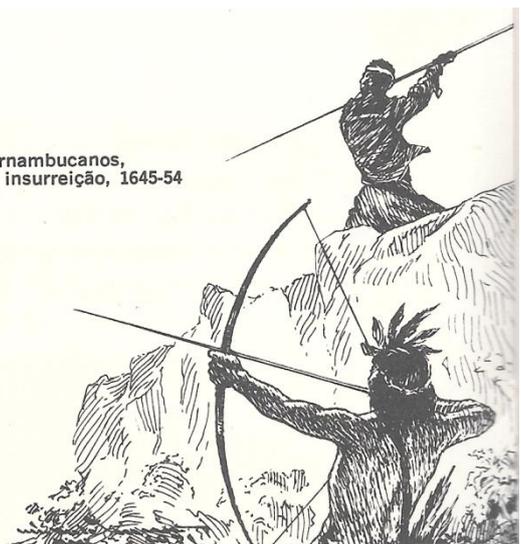
O rei português, sem comprometer-se ostensivamente, encarregou, no entanto, **o Governador-Geral da Bahia, Antônio Teles da Silva, de incentivar, apoiar e coordenar secretamente a insurreição.**

Teles, que via próxima a tentativa expansionista para a Bahia, combinou o plano com André Vidal de Negreiros.

Momento psicológico ideal

A partida de Nassau, o caos econômico e a fraqueza militar de Pernambuco, o êxito na restauração

Guerrilheiros pernambucanos, força brasileira, insurreição, 1645-54



do Maranhão, o retorno do clima de intolerância religiosa, a perseguição e execução violenta de dívidas dos moradores, permitida pela junta de comerciantes que substituíram Nassau, criaram o momento psicológico ideal para a Insurreição Pernambucana.

O Conspirador

André Vidal de Negreiros, a 18 de setembro de 1642, esteve em Recife, em missão diplomática. Encontrou-se secretamente com João Fernandes Vieira, com quem acertou detalhes.

A 27 de agosto de 1644, desembarcou em Recife com carta em que fingia ir despedir-se de seus pais na Paraíba, por ter que partir para outra missão.

Segundo J. A. Gonçalves de Melo, **"a permanência de Vidal de Negreiros foi de importância decisiva para planejar o movimento restaurador"**.

Após Vidal coordenar com João Fernandes Vieira o plano de apoio externo com o esquema local de insurreição, **retornou à Bahia depois de mais de um mês de intensa conspiração.**

Com Vidal de Negreiros desembarcara **o padre Inácio, da Ordem de São Bento, trazendo aos conspiradores a palavra de promessa de auxílio à insurreição, da parte de D. João IV.**

Vidal era portador de uma carta do rei ao Conselho Holandês do Recife, em que dizia ter sido informado por frei Estêvão de Jesus de que os católicos eram muito bem tratados, o que o enchia de satisfação. **Frei Estêvão havia sido mandado junto ao rei para anunciar-lhe o propósito de insurreição e pedir-lhe apoio.**

Obtida resposta positiva, embarcou, mas morreu em viagem, sendo substituído por frei Inácio.



Operação tipo forças especiais

Ao retornar à Bahia, Vidal de Negreiros prestou contas de sua missão ao Governador e Capitão General do Estado do Brasil Antônio Teles da Silva, **que lhe ordenou procurasse chefe competente, discreto e conhecedor de Pernambuco, para ali ser enviado com a incumbência de organizar e treinar secretamente os insurretos, em ligação com João Fernandes Vieira, líder civil de pouca experiência de chefia militar.**

O indicado foi o capitão Antônio Dias Cardoso que atuaria dentro de uma missão, hoje reservada a forças especiais.

Missão Dias Cardoso

Dias Cardoso fora bravo e experimentado militar, veterano das lutas do período 1624-1641.

Possuía excepcional folha de serviços, **aliada à reputação de mestre na arte de guerra de emboscadas. Profundo conhecedor da região, era estimado e respeitado, pela sua bravura, intrepidez e valentia, por Vidal de Negreiros, Camarão e Henrique Dias e pelo próprio Fernandes Vieira.**

O que foi a missão de Dias Cardoso até a insurreição contou o próprio Vidal de Negreiros. Forneceu-lhe carta em que dizia **ir ele fugido para Pernambuco, por ter desrespeitado ordem de seu general, para no caso de cair prisioneiro do invasor, ser-lhe poupada a vida.**

Dias Cardoso partiu através de 100 léguas de sertão e terreno difícil, passando muitas dificuldades e perigos de vida, ao cortar territórios hostis, dominados por quilombos ou índios rebeldes, e a nado, em rios caudalosos, para não ser pressentido pelos holandeses ou moradores.

Chegando a Pernambuco, transmitiu a João Fernandes Vieira as ordens que recebera de Vidal e do Governador-Geral do Brasil, e **as informações sobre o dispositivo inimigo, ao longo do itinerário percorrido.**

João Ferna

"Deu cumprimento às ordens que possuía, com fervor necessário a tão importante missão, começou a atrair e adestrar militarmente o povo para a insurreição em diversos locais, dispendendo com isto sete meses, todos passados nas matas ao rigor do tempo, para fugir ao inimigo que se pôs a buscá-lo, colocando em grande perigo sua vida".

Até há pouco desconhecido, emergiu de pesquisa histórica, realizada por J. A. Gonçalves de Mello Neto, pois fora mergulhado no esquecimento por obras posteriores, calcadas em Frei Manuel Calado, Lopes Santiago e Frei Rafael de Jesus, embora estas permitam ao analista militar, concluir da grandeza e relevância do papel decisivo de Dias Cardoso, no êxito da Restauração de Pernambuco.

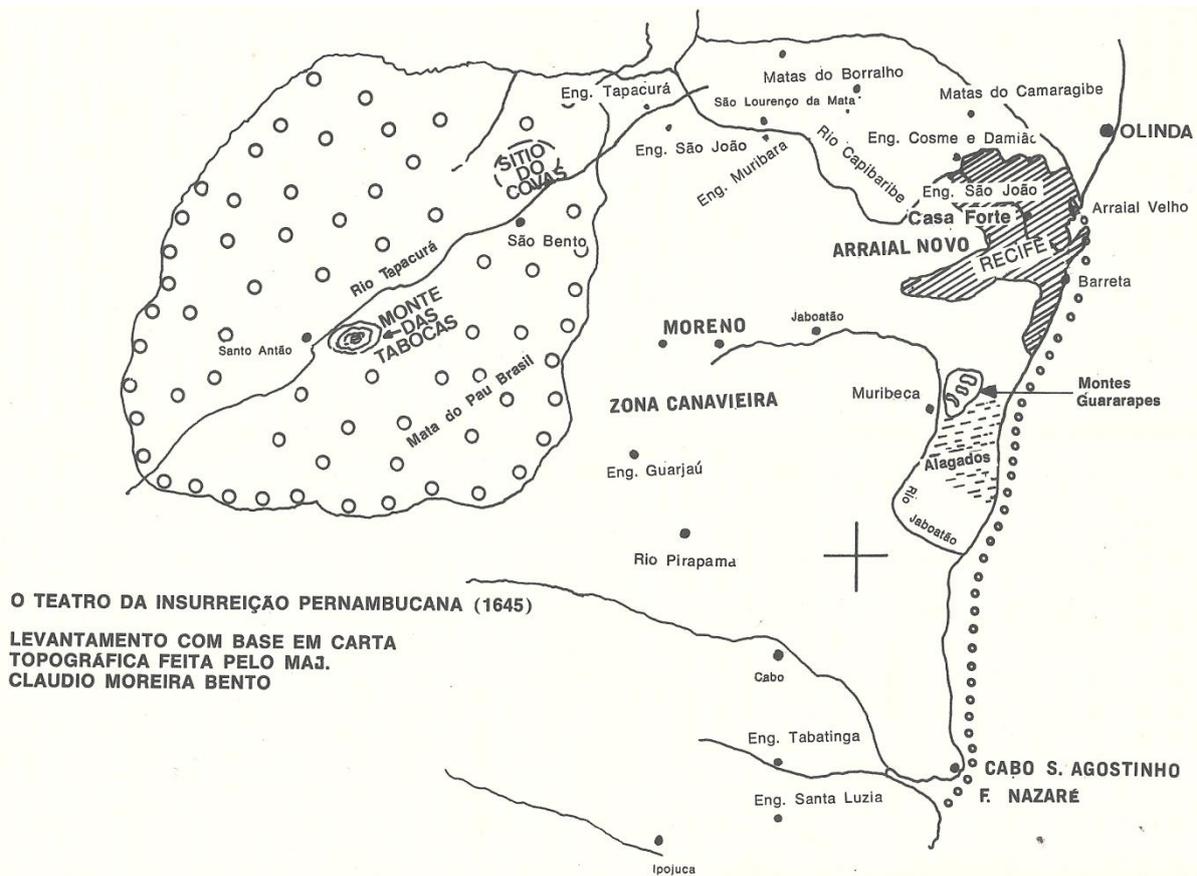
Compromisso imortal

No dia 23 de maio de 1645, 18 líderes insurretos firmaram este compromisso imortal:

"Nós abaixo assinados nos conjuramos e prometemos em serviço da liberdade, não faltar a todo o tempo que for necessário, com toda ajuda de fazendas e de pessoas, contra qualquer inimigo, em restauração da nossa pátria; para o que nos obrigamos a manter todo o segredo que nisto convém; sob pena de quem o contrário fizer será tido como rebelde e traidor e ficará sujeito ao que as leis em tal caso permitam".

Surgia assim pela primeira vez no Brasil, a palavra **PÁTRIA**, e a firme disposição de instaurá-la, a despeito mesmo de interferências contrárias de Portugal. Início, parecia, do processo irreversível de Independência, concretizado cerca de dois séculos após.

Muito merecido, foi, portanto, o epíteto de patriotas com que os insurgentes passaram à história, através das lutas memoráveis que por longos anos tiveram que sustentar com um inimigo forte e poderoso.



Nova traição

Faltando poucos dias para a insurreição, os patriotas foram traídos por Fernão Corte Real e Sebastião de Carvalho que repetiram o gesto indigno de Calabar.

Esta atitude faria malograr o plano de conquista rápida de Recife, prolongando a guerra por nove anos.

O invasor tratou de prender os principais vultos comprometidos, mas encontrou as casas vazias. Todos haviam fugido para as matas, onde, dentro em breve, se mobilizariam para a luta.

Grito de rebelião

Quatro dias decorridos da partida de João Fernandes Vieira com 50 companheiros para o interior, a fim de organizar o exército de libertação, a 17 de junho de 1645, partiu de Ipojuca o primeiro ato insurrecional armado, segundo Van de Broeck.

Liderados pelo senhor de engenho Amador de Araújo, com a assessoria militar do bravo soldado capitão Agostinho Fagundes, uma coluna de 400 homens cercou Ipojuca, e prendeu no interior do mosteiro, transformado em quartel, a guarnição holandesa, composta de civis que prestavam serviços militares como milicianos, à semelhança de uma guarda territorial.

Amador de Araújo atraiu, com movimentos e emboscadas, por cerca de 45 dias, todo o exército inimigo em campanha, constituído de 900 homens, aproximadamente.

Este longo período assegurou condições para a mobilização do grosso do exército, e tempo para que aguardasse a junção com as tropas de Camarão e Henrique Dias, em atraso, devido a fortes chuvas.

Povo em armas

No dia 13 de junho, partindo do engenho Cosme e Damião, os patriotas deram início à marcha que culminaria com a batalha das Tabocas.

A coluna, no trajeto, pelas matas do Borrvalho e Camaragibe, engenho Maciape, São Lourenço, engenhos Muriba-ra, S. João, Tapacurá, Sítio do Covas e Monte das Tabocas, conseguiu reunir cerca de 1.600 homens do povo, sem experiência militar e armados com 250 armas de fogo dos mais variados calibres.

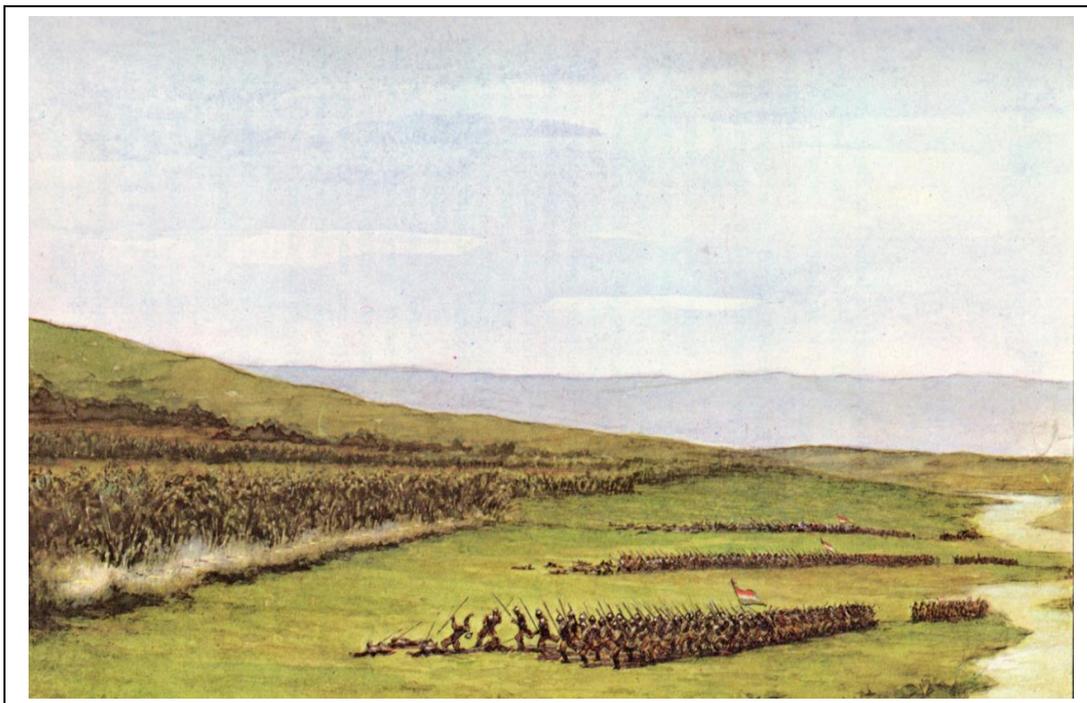
No engenho Maciape, a coluna recebeu o substancial apoio de 800 voluntários, conduzidos pela figura excepcional do capitão padre Simão Figueiredo Guerra, que possuía grande experiência na luta de emboscadas.

No Sítio do Covas, onde o exército de libertação acampou durante 22 dias, surgiu séria crise de liderança entre João Fernandes Vieira e Antônio Cavalcanti, em torno de pontos de vista diferentes sob o modo de conduzir a guerra, pondo em sério risco os destinos da insurreição. Vieira venceu sem lutar, graças a um artilheiro de Antônio Dias Cardoso que separou as duas facções prestes a um confronto armado, ao dar o alarma de que o inimigo se preparava para atacar o acampamento.

Arrefecidos os ânimos, pouco depois tiveram os insurgentes duas boas notícias, que lhes elevaram o moral: a chegada de Amador de Araújo e 14 índios de Camarão, e o aviso de que este estaria ali, dentro de breves dias.

A 31 de janeiro, a coluna, sob pressão inimiga, partiu para o Monte das Tabocas, local escolhido previamente por Dias Cardoso para travar a batalha.

Batalha do Monte das Tabocas



Entrar contingente do EXÉRCITO HOLANDÊS a serviço da Companhia das Índias Ocidentais e o EXÉRCITO DOS PATRIOTAS, constituído, principalmente, de civis pernambucanos.

Dias Cardoso, ao perceber a aproximação do adversário, despachou em sua direção pequena força de cobertura, ao comando do capitão João Nunes da Mata, com a finalidade de atraí-lo para o monte.

O inimigo bateu e dispersou esta força, prosseguindo até a margem do rio Tapacurá, quando carregou com enorme alarido e estrondo sobre a vegetação da margem, ao imaginar que existissem emboscadas,

A vanguarda atravessou o rio e Dias Cardoso foi ao seu encontro, a fim de jogá-lo nas emboscadas que preparara o intrépido capitão Agostinho Fagundes, no comando de 40 homens.

Após oferecer alguma resistência, esta fração foi obrigada a retrair, através de uma única passagem no áspero e impenetrável tabocal que corria na base do monte, envolvendo-o pelo oeste e sul.

O inimigo atravessou o rio e tomou formação de combate, numa larga campina entre a margem e o tabocal.

A seguir, com um flanco apoiado em cada lado, progrediu em direção à passagem do tabocal, de onde saíra novamente Agostinho Fagundes em seu encontro.

Tinha caído na armadilha de Dias Cardoso: três emboscadas.

A primeira, sob a direção do capitão João Gomes de Melo, num total de 25 tiros, foi disparada, à queima-roupa, sobre a retaguarda adversária, causando-lhe muitas baixas.

Continuando a avançar, foi disparada a segunda emboscada de igual valor, ao comando do capitão Jerônimo Cunha do Amaral.

A vanguarda inimiga continuou a adiantar-se e quando se aproximava da passagem do tabocal, Dias Cardoso ordenou o acionamento da última, sob a chefia do capitão João Paes Cabral, forte, de 40 tiros, desferida contra a testa adversária "e que lhes fez maior dano por ter mais gente".

Surpreso, e supondo que havia outras emboscadas, retraiu desordenado, para reorganizar-se na campina e partir para o segundo ataque.

Com a vanguarda, enfrentou Agostinho Fernandes, que saiu mais uma vez à campina, 80 homens e, com o corpo de batalha, investiu com repetidas e inúteis descargas.

Atrás da trincheira vegetal, 15 metros de espessura, e um único acesso "para dois homens lado a lado", Dias Cardoso adotou o dispositivo:

— Cerca de 90 armas em linha, ao longo do tabocal, em posições de tiro previamente preparadas, constituindo as emboscadas.

— Reserva, aproximadamente 50 homens em duas frações, em condições de reforçar as emboscadas ou a defesa da entrada da trincheira.

O restante das armas, 110, distribuiu-as com a força de cobertura, Agostinho Fagundes e frações da segurança de retaguarda e flancos.

Com a reserva, composta de 1.350 homens, para a defesa de Fernandes Vieira, deixou 30 armados.

A vanguarda inimiga, após grande resistência, obrigou Agostinho Fernandes a retrair e infiltrar-se no tabocal.

Parte do corpo de batalha conseguiu penetrar na passagem estreita, por cuja posse se travou luta feroz e demorada, sob a direção de Dias Cardoso, que substituiu os combatentes menos cansados pelos mais cansados até que repeliu o atacante.

A tentativa de envolvimento foi evitada pela segurança de retaguarda e por um atirador isolado da proteção de flanco, que atingiu, mortalmente, o comandante da vanguarda — capitão Falloo.

Após reorganizar-se, o inimigo partiu para outro ataque em toda a frente, visando a penetrar ao longo da linha do tabocal.

Progrediu e conseguiu, após muita luta, introduzir-se em diversos pontos da linha de resistência, isolando e fixando seus defensores, inclusive Dias Cardoso, que os investiu bravamente.

Fixada parte das tropas dessa linha, o inimigo começou a adiantar-se em direção ao alto do monte, onde se encontrava a reserva constituída do povo, desarmada, sob a direção do capitão padre Simão de Figueiredo, e o próprio governador da insurreição, João Fernandes Vieira.

Na iminência do perigo, este conclamou o povo ao esforço derradeiro, à luta pela honra de Deus, e prometeu liberdade a 50 servos de sua guarda pessoal se se mostrassem valorosos no combate.

Os escravos, na perspectiva de liberdade desceram o monte em duas partes, armados com arcos, flechas, lanças e facões, tocando flautas, atabaques e buzinas.

Na esteira destes bravos veio todo o povo, com os mais variados tipos de armas, na maioria instrumentos de trabalho.

E o contra-ataque transformou-se num corpo-a-corpo, feroz e desordenado, com patriotas a surgir de todas as direções, lançando-se aos magotes sobre o inimigo, obrigando-o a bater em retirada. Venceram os insurretos.

Projeção da batalha

O inimigo, após quatro horas de peleja, abandonou no campo de luta mais de 100 mortos e farta munição e armamento.

Fez transportar numerosos feridos para Recife e com 450 homens retirou-se para Casa Forte.

Entre os patriotas registraram-se 63 baixas: 33 mortos e 30 feridos.

João Fernandes Vieira, líder da insurreição, reconheceu que o mérito da vitória coube a Dias Cardoso, ao certificar em documento revelado por Gonçalves de Mello Neto:

"Graças ao sargento-mor Antônio Dias Cardoso e mediante favor divino, alcançamos vitória, tudo alcançado após Deus, pela boa ordem com que Dias Cardoso dispôs a batalha, dando a todos os oficiais muito exemplo com sua militar doutrina e conhecido esforço que, em quatro horas de batalha mostrou sem descansar, acudindo a todas as partes com bravo ânimo".

Batalha de Casa Forte

A 10 de agosto, o Exército Patriota operou junção com Henrique Dias e Felipe Camarão em Gurjaú e, no dia 16, no Cabo, com as tropas de Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno que desembarcaram a 28 de junho, em Tamandaré.

Marcharam para Muribeca e, depois, para Casa Forte: chegaram na manhã de 17 de agosto.

Coube a Antônio Dias Cardoso a concepção e disposição do ataque ao engenho de Ana Pais. Após breve período de combate renderam-se os remanescentes do exército da Companhia, efetivo de 450 homens, entre índios e brancos.

Aos 250 holandeses foi dado quartel e condições de regresso à Europa.

Os índios, somando 200, foram justicados sob o argumento de traição à fé católica, conforme as leis de guerra da época, e como exemplo aos demais. Punia-se, assim, também, o massacre do Cunhaú.

Morreu neste encontro o intrépido capitão Agostinho Fagundes, um dos fatores decisivos da vitória em Tabocas.

Henrique Dias, ferido gravemente.

Alastra-se o incêndio

Até 3 de setembro, o invasor havia perdido **Serinhaém, Cabo, Pontal e Nazaré.**

Ainda neste mês, caíram a fortaleza de **Porto Calvo, Maurício e Sergipe. Olinda foi reocupada.**

No final de 1646, os patriotas haviam obtido numerosos e brilhantes triunfos e os habitantes aderiram em massa ao movimento.

Resistiam em mãos do invasor **Recife, a ilha de Itamaracá e os fortes dos Três Reis Magos e Cabedelo.**

Apesar de todas estas vitórias, **o projeto fracassara para D. João IV.** Recife não fora conquistada rapidamente, por ter sido conhecido em Pernambuco o plano insurrecional e, após, em razão de a **esquadra de Salvador de Sá não ter executado a parte do plano que lhe estava reservada.**

Sem o concurso de artilharia de sítio, **Recife era fortaleza inexpugnável, separada da terra por largo e profundo fosso — o rio Capibaribe.**

Não foram aprisionadas as autoridades holandesas, cujo resgate seria a entrega de Recife.

Ocasão perdida

A esquadra de Salvador de Sá e a esquadilha de Serrão de Paiva, depois de desembarcarem as tropas de Vidal e Moreno, apresentaram-se, no dia 11 de agosto, frente a Recife, para **"conseguirem, por ameaça ou à força das armas, a rendição, a posse de Recife".**

Após troca de cartas e parlamentários no dia 13, a força de Salvador de Sá arvorou velas e rumou para Portugal, **levando, com ela, a última esperança da conquista rápida de Recife.**

Os motivos que impediram o ataque de Recife, defendido apenas por quatro navios e um iate, permanecem até hoje desconhecidos.

Entre a chegada e a partida da esquadra, o **Exército Patriota, depois de operar junção com Camarão e Henrique Dias, marchava em direção a Cabo para idêntico fim, com as tropas de Vidal e Moreno, já com duas vitórias — Tabocas e Serinhaém.**

Os remanescentes do exército de campanha holandês, reduzido à metade, encontravam-se **em Casa Forte.**

Plano descoberto

A flotilha de Serrão de Paiva, ao separar-se de Salvador de Sá, foi destruída, caindo em poder do invasor documentos que revelavam o apoio e incentivo de D. João IV à insurreição, e que; divulgados amplamente na Europa, deixaram Portugal em difícil situação.

Em Portugal, a opinião pública dividiu-se entre os que encareciam o Brasil como essencial para a sobrevivência da monarquia portuguesa e os que julgavam preferível sua perda, como imperativo da independência.

O padre Vieira, da última corrente, argumentava na Europa, com a impossibilidade de conquista de Recife pelos patriotas e, mesmo que o conseguissem, era assunto a ser muito estudado, pois além da guerra com a Espanha, teriam de aceitá-la contra a Holanda, vizinha de Portugal no **Brasil, Índia, China, Japão, Angola** e demais partes da terra e do mar, no qual, o poder deste país era o maior do mundo.

Duelo diplomático

Na Europa, teve início longa e sutil luta diplomática, na qual operou prodígios o embaixador Souza Coutinho, **para evitar a devolução de Pernambuco, cuja compra à Holanda chegou a ser proposta.**

Por volta de 1647, pressionado pela opinião pública de Portugal e Holanda, desabafou o embaixador, sem desanimar, no entanto, um só momento: a guerra de Pernambuco foi a ruína da reputação de Portugal, pois além de atrair o **ódio da Holanda, deixou-nos fora da paz de Metuen.**

Nesta fase, D. João IV pensou transferir-se para o Brasil, e aqui fundar um reino autônomo, como o faria, em 1808, D. João VI.

A 12 de agosto de 1647, vencido na luta diplomática, decidiu mandar restituir o que os patriotas haviam tomado no Brasil, com a condição de ser-lhe devolvida a ilha de Itaparica.

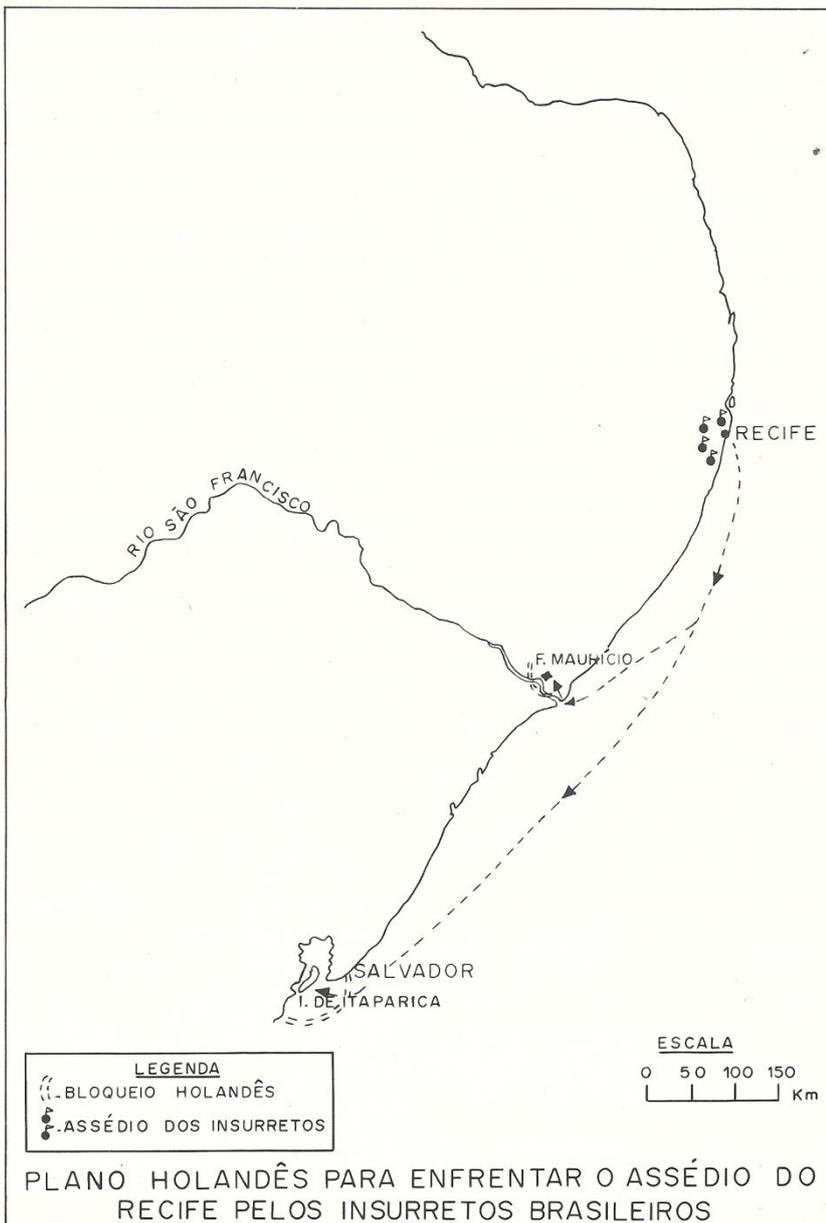
A Companhia foi reforçada, quando havia perspectiva de paz com a Espanha, e ameaçou reconquistar, não só o terreno perdido em Pernambuco, como todo o Brasil. Poderia atrair, tanto a Holanda, como a Espanha.

Perigavam a independência de Portugal e todo o esforço dos patriotas do Brasil.

Patriotas em dupla rebeldia

D. João IV, com o seu tesouro exaurido e em luta com dois gigantes, operou prodígios para socorrer os patriotas de Pernambuco; mas os reforços que enviou não conseguiram, na maior parte, furar o bloqueio naval holandês do nordeste.

A luta no Brasil prosseguiu e a ordem para a sua cessação, emanada de Portugal, recebeu a seguinte resposta dos patriotas:



"Combateremos até o fim, e somente após expulsar o invasor, iremos a Portugal receber o castigo pela nossa desobediência".

Os pernambucanos clamaram por auxílio da Metrópole e, não sendo atendidos, ameaçaram pedi-lo a outro rei católico, o da Espanha, em guerra contra Portugal.

Arraial Novo do Bom Jesus

Não contando com o bloqueio naval e apoio de artilharia esperado de Salvador de Sá, sem o que seria inútil *qualquer tentativa de conquista de Recife*, decidiram os insurgentes cercá-lo, adotando o mesmo expediente de Matias de Albuquerque.

Foi construído o **Arraial Novo do Bom Jesus**, onde se abrigaram os patriotas e a alma da resistência. Idêntico à ocasião de sua conquista, Recife **foi cercado por estâncias, as quais tinham a missão de ali fixar o inimigo e retardá-lo, até o recebimento de reforços do Arraial, em caso de rompimento do cerco ou de ataque a qualquer delas. Os insurretos ficaram com liberdade total na campanha, com o porto de Nazaré para comunicar-se com o exterior.**

O forte do Arraial Novo foi desenhado **pelo coronel holandês Dirck Hoogstraten, comandante da Fortaleza de Nazaré, que se rendera conforme plano estabelecido e se incorporara à insurreição com todo o seu regimento, prestando assinalados serviços à causa.**

Disposição de um povo heróico

Na madrugada do Ano Novo de 1646, Recife foi acordado com o troar ensurdecedor dos canhões do Arraial, tomados dos holandeses em Porto Calvo, que anunciavam ao inimigo a disposição de um povo heróico. **"Não vos iludais, senhores, que o Brasil não foi feito para vós, não percais tempo, voltai para casa"**, foi o que disseram os nossos, pela voz de um dos seus chefes.

Do heroísmo e disposição dos bravos do Arraial diz este depoimento holandês: **"Apesar de suportarem duramente reveses do mar, muita necessidade de vestiário, carne e de tudo, e de viverem em contínuo sobressalto, recusaram o perdão que lhes oferecemos, nenhum veio ter conosco, persistem obstinados em sua rebelião".**

À projeção histórica dos Montes Guararapes liga-se intimamente o Arraial, abrigo sagrado do espírito de resistência.

Por esta razão, devem ser preservadas suas ruínas, para que nelas as gerações do Brasil de hoje e de sempre reverenciem a memória das gerações de ontem **"que escreveram a sangue o endereço da pátria"** em Tabocas, Casa Forte, Guararapes e tantas outras lutas desta guerra.

Cerco de Recife

De acordo com Jordão Emerenciano, **"cerco de Recife tornou-se rigoroso em junho de 1646, e a situação da praça angustiada e insustentável."**

Foi estabelecido racionamento severo para enfrentar a fome com todos os seus horrores. A penúria era tamanha, que atingiu as pessoas mais influentes.

Consumiram-se ratos, cães e gatos; os escravos foram vistos desenterrando cavalos mortos de inanição para alimentarem-se; os oficiais batavos, no leito em vazante do Capibaribe, disputando com o povo um caranguejo.

Nesta ocasião, os escravos dos holandeses, premidos pela fome, engrossaram em grande número as fileiras dos patriotas.

Quando a praça estava prestes a capitular, chegaram da Europa reforços e víveres.

O arrogante e severo Von Schkoppe

Com o auxílio, retornou ao Brasil o coronel Von Schkoppe, criticando acicamente os defensores, por terem permitido que bandos de desordeiros **encurralassem, em Recife, tropas de linha de um dos melhores exércitos do mundo**. Ao tentar diversas operações na área próxima, viu-se frustrado em todas e recolheu-se à praça, aguardando novos reforços, **convencido de que a gente bisonha, com que combatera antes, se transformara em valentes e experimentados guerreiros**.

Bombardeio e sítio de Recife

Von Schkoppe resolveu investir a Bahia, onde conquistou a **ilha de Itaparica, praticando toda sorte de represálias e vinganças**.

Os baianos tiveram frustrado um ataque contra a ilha, na noite de 17-18 de março de 1647.

Voltando à carga, sob a liderança do capitão Francisco Rebelinho, na madrugada de 10 de agosto, após luta feroz e desigual, recuaram com pesadas baixas. **Von Schkoppe tornara Itaparica fortaleza inexpugnável. Qualquer ataque partido da terra teria idêntico destino**.

Os patriotas pernambucanos, por seu turno, aproveitando o enfraquecimento de Recife e com a saída de Von Schkoppe para a Bahia, urdiram ousado e inteligente plano.

Secretamente, durante vinte e três noites, levantaram a fortaleza do Asseca, no atual cais da Aurora, nela trabalhando, indistintamente, oficiais, soldados e civis, não tendo sido admitida mão escrava.

Concluída, **na manhã de 7 de novembro, rompeu bombardeio sobre Recife, acompanhado de toque de tambores e gritos**.

Este feito causou enorme surpresa ao invasor, vendo surgir, como por encanto, aquela fortaleza junto às suas defesas, vomitando fogo e atingindo Recife.

Do que foi este bombardeio e seus efeitos, diz bem Lopes Santiago:

"O inimigo desocupou os sobrados e refugiou-se em abrigos que construiu nas lojas onde passaram a dormir, e as naus holandesas que entravam e saíam pela barra eram atingidas. Essa resolução foi uma das coisas mais importantes que se fez neste Estado"

Uma partida patriota, aproveitando-se da confusão, **numa ação de comandos, penetrou na praça e invadiu o antigo palácio de Nassau, matando muitos e trazendo diversos troféus**.

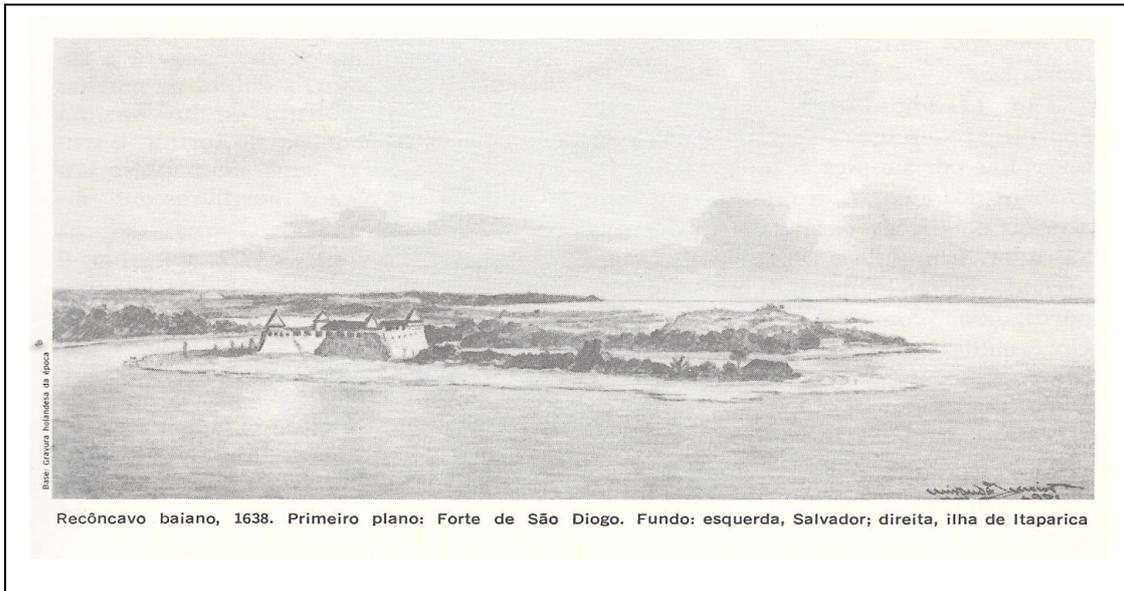
O Conselho de Recife chamou com urgência Von Schkoppe, que abandonou Itaparica onde resistira a dois ataques, para vir socorrer a cidade, sob séria ameaça dos patriotas de Pernambuco.

O comandante holandês tudo tentou contra o bastião dos libertadores, o qual somente cessou o bombardeio no final do ano, **por falta de munição de artilharia**.

Tão grandioso feito militar teve enorme repercussão estratégica, pois fez voltar por simples ação de presença, às mãos dos baianos, **a ilha de Itaparica e criou condições para que aportasse a Salvador, tranqüila e sem luta, furando o rígido bloqueio naval, uma esquadra portuguesa, com reforços e o novo Gcfvernador-Geral, D. Antônio Teles de Menezes**.

Heroínas de Tejucopapo

A 24 de abril de 1646, ocorreu em Tejucopapo belo e comovente episódio, no qual mulheres e jovens imberbes enfrentaram o invasor com determinação e bravura.



Em consequência de fome em Recife cercado, uma esquadra holandesa partiu para incursões no litoral, visando a obter alimentos.

Após ancorar em **Maria Farinha** e **atrair as defesas patriotas para Igarçu**, velejou ainda à noite e desembarcou soldados num ponto desguarnecido da costa, **com destino a Tejucopapo**.

Dado o alarma, toda a população buscou abrigo num **fortim de pau-a-pique**, erguido em ponto dominante, sob a proteção de alguns bravos.

O moço Mateus Fernandes reuniu trinta jovens voluntários e se propôs emboscar o inimigo, procurando retardá-los até a chegada de reforços solicitados a Igarçu.

Sofrendo pesadas perdas das emboscadas de Mateus Fernandes e seus companheiros, o invasor investiu furioso contra o fortim, abrigo de mulheres, velhos, moças e crianças.

O desespero tornou-se grande, ante aquela avalanche de ódio.

Percebendo que se desagregara a resistência, **o agressor, a golpes de machado, iniciou a abertura de brechas na paliçada para penetrar no fortim, e trucidar e desonrar seus ocupantes, em represália aos efeitos mortíferos das emboscadas.**

Nesse momento crítico, em que o pânico começou a lavrar, destacou-se uma brava mulher com crucifixo na mão; percorrendo o reduto, concitou as outras a pegar em armas, e correr à paliçada, para morrerem juntas, lutando pela Liberdade Divina e pela Pátria.

Seu apelo foi atendido; todas, apanhando foices, porretes e tudo que estava ao alcance das mãos, lançaram-se aos magotes sobre o adversário, que já penetrava no reduto por brechas abertas na paliçada, obrigando-o a retroceder.

Outras começaram a lançar nos rostos dos invasores, que se aplicavam em alargar as brechas, água com pimenta-malagueta.

A despeito de denodada reação dessas bravas mulheres, o inimigo começou a penetrar no reduto e a trucidar seus ocupantes e as defensoras mais agressivas.

Empenhado se achava nessa faina de trucidamento de inocentes, quando recebeu um ataque lançado em sua retaguarda por Mateus Fernandes e seus trinta comandados.

Julgando tratar-se de maiores reforços, ordenou a retirada e reembarcou para Recife, humilhado e abatido.

Tejucopapo é um dos poucos episódios conhecidos de participação coletiva armada, da mulher e da juventude brasileiras, em defesa do solo pátrio.



Francisco Barreto de Menezes

Fatos importantes

A 23 de janeiro de 1648, fugiu de Recife, onde se encontrava preso havia quase um ano, o general Francisco Barreto de Menezes, mandado a Pernambuco, por D. João IV, para comandar a guerra.

Barreto foi recebido no Arraial com grande alegria. Assumiu a chefia das operações. Sua experiência militar brilhava também pela sua participação na epopéia da marcha de Luís Barbalho, do Rio Grande do Norte à Bahia.

A 18 de março, aportou em Recife, poderosa esquadra da Companhia, composta de 41 barcos, transportando víveres e 6. 000 soldados.

Com este poderio, o invasor decidiu romper o cerco e marchar na direção sul, zona de retaguarda patriota, conquistando Cabo e adjacências, com a finalidade de controlar bases de suprimentos próximas, cortar nesta região o apoio externo aos patriotas, e criar condições de prosseguimento por terra, para conquista da Bahia. Ao executar esse grandioso plano ocorreu a primeira batalha dos Guararapes.

Primeira batalha dos Guararapes

Ao clarear do dia 18 de abril, o exército da Companhia das Índias Ocidentais, ao comando do tenente-general Von Schkoppe, marchou na direção Afogados—Barreta—Guararapes, com 6.300 homens. Ao atingir Afogados, fez uma finta para demonstrar que sua intenção era um ataque ao Arraial, para aí fixar os patriotas.

Dias Cardoso, mandado para esclarecer a situação, descobriu o verdadeiro propósito. Em conselho de guerra, os luso-brasileiros decidiram: retardar o invasor na Barreta, travar batalha o mais distante de Recife, e defender o Arraial contra ação diversionária.

Em cumprimento à decisão, O general Barreto, prudentemente, confiou aos seus chefes imediatos a condução pormenorizada das ações, pois eles conheciam melhor o terreno e a tática desenvolvida naquela luta.

Após um conselho de guerra para decidir impasse entre Vidal e Vieira sobre o local adequado para a batalha, e atendendo a sugestão de Dias Cardoso, *"na qualidade de soldado mais prático e experiente em tudo"*, rumaram para o Boqueirão dos Guararapes, que foi ocupado até as 10 horas da noite 18-19 de abril..

O Exército de patriotas, composto de 2.200 homens, rumou ao sul para, em caminho, interceptar o invasor e travar a batalha decisiva.

O Exército inimigo, após vencer uma resistência na Barreta, degolando barbaramente muitos de seus bravos defensores, seguiu tranquilo e vagaroso para o sul, esperando encontrar 200 patriotas à sua frente, de guarnição em Guararapes.

Na manhã de 19, no momento em que os da Companhia das Índias Ocidentais se aproximavam de Boqueirão, passagem estreita, mas longa, entre o monte central e os alagados em sua base, saiu-lhes ao encontro Dias Cardoso, no comando de 200 homens, enquanto todo o restante do exército permaneceu escondido. Com imprudência e entusiasmo, os holandeses desdobraram-se e partiram para atacar a fração de Dias Cardoso, o único inimigo que esperavam encontrar. Este retraiu pelo interior do Boqueirão, tentando envolver, através dos alagados e montes, a vanguarda e corpo de batalha. No momento em que o adversário progredia nos alagados e em grande número no interior do Boqueirão, com drástica redução de frente, teve enorme surpresa; caíram em grande emboscada, executada com habilidade por Dias Cardoso, reeditando o seu feito em Tabocas.

O exército luso-brasileiro até então semi-escondido, à ordem de "Às espadas", atacou inesperadamente e com grande fúria.

O terço de Pernambuco, o mais forte, ao comando de Vieira, auxiliado por Dias Cardoso, investiu no Boqueirão, rompeu o grosso inimigo e envolveu a ala nos alagados.

O de Camarão assaltou a ala direita e o de Henrique Dias a esquerda, ficando o de Vidal de Negreiros em reserva, junto ao Boqueirão.

O primeiro embate foi vencido, ocasionando muitas mortes e deserções nas fileiras batavas.

Refeito da surpresa, o inimigo acometeu com a retaguarda, forte, de 1.200 homens, a ala de Henrique Dias, na proporção de 1 para 3. Contido, em seguida, atacado violentamente pela reserva comandada por Vidal de Negreiros.

Após luta feroz de quatro horas, os patriotas impuseram-lhe a retirada, com Von Schkoppe ferido e muitos oficiais mortos. As perdas holandesas totalizaram 1.038 homens, entre mortos e feridos, contra 480 dos patriotas, dos quais, 80 tombaram para sempre.

A batalha, confronto enaltecido

A primeira batalha dos Guararapes é notável feito das armas brasileiras que muito bem justifica o relevo que se procura dar à sua periódica comemoração.

Estudada no quadro de sua época e guardadas as proporções, é acontecimento militar, digno de figurar com realce entre os que deram renome de insignes capitães a Gustavo Adolfo, Turenne, e outros chefes militares do século XVII.

A análise das ações desenvolvidas, de um e outro lado, e o confronto entre os dois comandos na batalha, levam-nos a essa conclusão.

Realmente, desde os preliminares, até os últimos instantes, os brasileiros foram sempre superiores aos holandeses, quer em espírito ofensivo, quer na própria direção e coordenação dos combates.

É necessário ressaltar que a firme determinação daqueles homens de travar batalha decisiva, era idéia revolucionária, na época, tanto que os próprios chefes holandeses, portadores da mais aperfeiçoada instrução do tempo, **não tinham outras preocupações, que não fossem os objetivos geográficos ou as praças fortes. Ao saírem de Recife, buscavam apoderar-se de Muribeca ou do cabo de Santo Agostinho, com a intenção de cortarem as comunicações e os recursos dos patriotas concentrados no Arraial e na Várzea. Agiam, dentro das idéias estratégicas, vigentes no século XVII. Os brasileiros, entretanto, pela sua admirável intuição, mostravam-se avançados de mais de um século, em relação aos chefes e às idéias militares contemporâneas.**

Adequação de uma escolha

Não menos revolucionária e digna de admiração foi a escolha pelos chefes luso-brasileiros de um campo de batalha adequado às armas e ao modo de pelejar dos soldados. Por esse motivo, não se preocuparam em tomar posse dos montes que dominavam a planície e os alagados, ao sul. O que interessava era, primeiro, esconder a importância ou valor dos seus efetivos, para conseguir uma surpresa sobre o inimigo; segundo, atrair os holandeses para luta em terreno estreito, entre os montes e os brejos, onde perdessem a vantagem da superioridade numérica e de armas de fogo. Com o seu modo de combater, em pequenos grupos separados, e de preferência, a arma branca, avançando e recuando, armando ciladas, o Exército luso-brasileiro foi senhor de todas as ações, no dia 19. Aproveitando a surpresa obtida tanto pelos seus efetivos, avaliados em três mil homens, por Von Schkoppe, como pelo terreno, alagadiço, inseguro, não foi difícil a Barreto de Menezes, Dias Cardoso, Vieira, Vidal de Negreiros, Henrique Dias e Camarão investirem confiantes sobre os adversários com o propósito, alcançado, de lançá-los e destruí-los de encontro aos brejos.

No que respeita à direção da luta, os documentos oficiais estabelecem contraste dignificante para Barreto de Menezes. Realmente, acompanhou, seguro, todas as ações que se desenvolviam tanto na baixada, como nos montes e, por três vezes, pelo menos, interveio oportuna e sabiamente: primeiro, quando empregou sua reserva primitiva, para reforçar e apoiar Henrique Dias, o que não deu resultado, por motivo alheio à sua vontade e determinação; segundo, ao começar a reunir elementos dispersos, uns, retirantes da frente da luta, outros, organizando com eles nova reserva, para atender as circunstâncias; terceiro, para decidir o curso da batalha, lançou essa última tropa contra os Regimentos flamengos, em plena desordem e confusão, no terreno alagadiço, onde foram impiedosamente massacrados.

Enquanto isto, que fazia Von Schkoppe? A leitura de seu sucinto relatório e a descrição do combate feita pelo coronel Van den Brande deixam entrever que o general holandês não comandou seu exército na batalha, parecendo que apenas em um momento

fez intervir e valer sua vontade, para transmitir o comando àquele coronel, com a recomendação de manter-se nos montes até a noite.

Crítica infundada

Alguns historiadores têm assinalado como falta cometida pelos chefes luso-brasileiros o fato de não terem estes perseguido os holandeses após a batalha.

Não parece justa a crítica. De acordo com as idéias estratégicas dominantes, não havia a preocupação de perseguir e aniquilar o inimigo, batido numa batalha travada pela conquista ou defesa de uma cidade, de uma praça forte. Apesar disto, o general Barreto de Menezes procurou manter o contato com o exército adversário durante a noite, para impedir que se retirasse sem ser pressentido. O cansaço da tropa e a chuva torrencial que desabou sobre o campo de batalha, como se depreende perfeitamente dos documentos oficiais e das narrativas dos contemporâneos, não permitiram ao comandante luso-brasileiro o acabamento da batalha, isto é, a perseguição e o aniquilamento final.

Destarte, sem nenhum exagero patriótico, mas, ao contrário, à luz da palavra oficial dos que tiveram a responsabilidade de dirigir a batalha que se travou nos Guararapes, **aos 19 dias do mês de abril de 1648, podemos observar que tanto o comando como as tropas luso-brasileiras demonstraram nítida superioridade moral e profissional em relação ao comando e às tropas holandesas.**

A vitória dos Guararapes nesse dia não foi, portanto, obra fortuita dos acontecimentos, mas resultado da ação vigilante e decidida dos chefes, da bravura e espírito combativo dos soldados que constituíam aquele indomável exército de patriotas.

Sonho frustrado

Essa magnífica vitória reduziu sensivelmente a capacidade ofensiva terrestre e naval do inimigo, além de deitar por terra, em definitivo, os sonhos de lucros da Companhia, ao ver fracassar, destruída moralmente, a caríssima expedição que enviara a Pernambuco. Esperando que o empreendimento obtivesse recursos locais, abandonou-o à própria sorte, agravando mais o estado de indisciplina em Recife da parte dos soldados mercenários, que perderam muitos de seus oficiais na batalha.

Da situação no local, diz bem um depoimento holandês:

"Recife sitiado é e continua sendo a cidade da fome. Vivemos aqui como bestas e morremos como porcos".

Os patriotas apertaram o cerco. Além de reconquistarem Olinda, reforçaram sejas meios com copioso material bélico capturado. Conseguiram também diminuir, no litoral, as incursões da esquadra, em dificuldades de víveres e aguadas.

Este grande feito repercutiu em Portugal, onde passaram a ser mais admirados, respeitados e ajudados.

Reconquista de Angola

A diminuição da capacidade de ação estratégica e naval holandesa criou condições para a libertação de Angola.

A 12 de maio de 1648, partiu do Rio de Janeiro, ao comando de seu Governador, Salvador de Sá, uma expedição composta de luso-brasileiros, com destino a Angola, para devolvê-la a Portugal.

Após furar o bloqueio flamengo, atingiu a África e, através de vitoriosas manobras militares contra uma força superior e bem fortificada, em São Paulo de Luanda reconquistou aquela possessão, em agosto do mesmo ano.

Maio de 1648 e janeiro de 1649, os holandeses, através do almirante With e do coronel Van den Branden, respectivamente, desfecharam dois ataques contra o Recôncavo na Bahia, sem no entanto molestarem Salvador.

Incendiaram, saquearam, mataram e retornaram a Recife, sem grandes resultados.

Segunda batalha dos Guararapes

A 17 de fevereiro de 1649, 3.650 holandeses, ao comando do coronel Brinck decidiram deixar Recife e ocupar os Montes Guararapes, de onde atrairiam os luso-brasileiros, com seus 2.640 homens, a uma batalha decisiva.

Após marcha forçada, estacionaram nos Guararapes, numa cópia da manobra usada pelos libertadores, na primeira batalha.

O exército de patriotas, ao ver ocupado o Boqueirão, infiltrou-se durante a noite de 18 através de passagens existentes a oeste dos montes. Postou-se pela manhã à retaguarda do exército da Companhia das Índias Ocidentais sem revelar sua força e dispositivo.

Frustrados em seu plano e castigados pela sede e sol inclemente, decidiram retornar a Recife no início da tarde de 19, **na crença de que os patriotas, muito enfraquecidos, segundo informações recebidas, não interfeririam na manobra.**

À tarde, após retirar quatro regimentos de posição, para iniciar a marcha de retorno a Recife e deixar somente dois para cobrir o retraimento, foi atacado de surpresa.

Os luso-brasileiros, com seis unidades de infantaria, comandadas por Vieira, Henrique Dias, Camarão, Figueroa, Vidal de Negreiros e Dias Cardoso e duas companhias de cavalaria chefiadas por Antônio Silva e Manoel de Araújo, atacaram em toda a frente, saindo de locais onde se mantiveram ocultos.

Surpreso, o exército batavo, após esboçar reação, desintegrou-se por completo. Confusão, desordem, pânico

Este desastre militar foi descrito por Van Goch, oficial holandês durante a batalha:

"Tivemos que recuar por causa da excessiva força do inimigo que atacou com tanta impetuosidade que nossas tropas começaram a fugir e acharam-se logo na maior confusão, que nem palavras nem força puderam retê-las, apesar de todos os esforços dos oficiais. As nossas tropas, entregues à desordem, à deserção e à confusão, dispersaram-se aqui e ali, por diversos caminhos, em direção ao mato e ao rio".

Von Schkoppe, ausente da batalha, assim se referiu ao último grande fracasso militar terrestre da Companhia, no Brasil:

"A Cavalaria e a infantaria se lançaram sobre os nossos regimentos e causaram tanta desordem que nem os oficiais, quer inferiores quer superiores, nem os soldados, puderam cumprir o seu dever, o que provocou tal consternação entre os

nossos que a pena não poderia descrever. . . e a maior parte de nossas tropas se pôs a fugir, deixando-se matar sem resistência, como crianças".

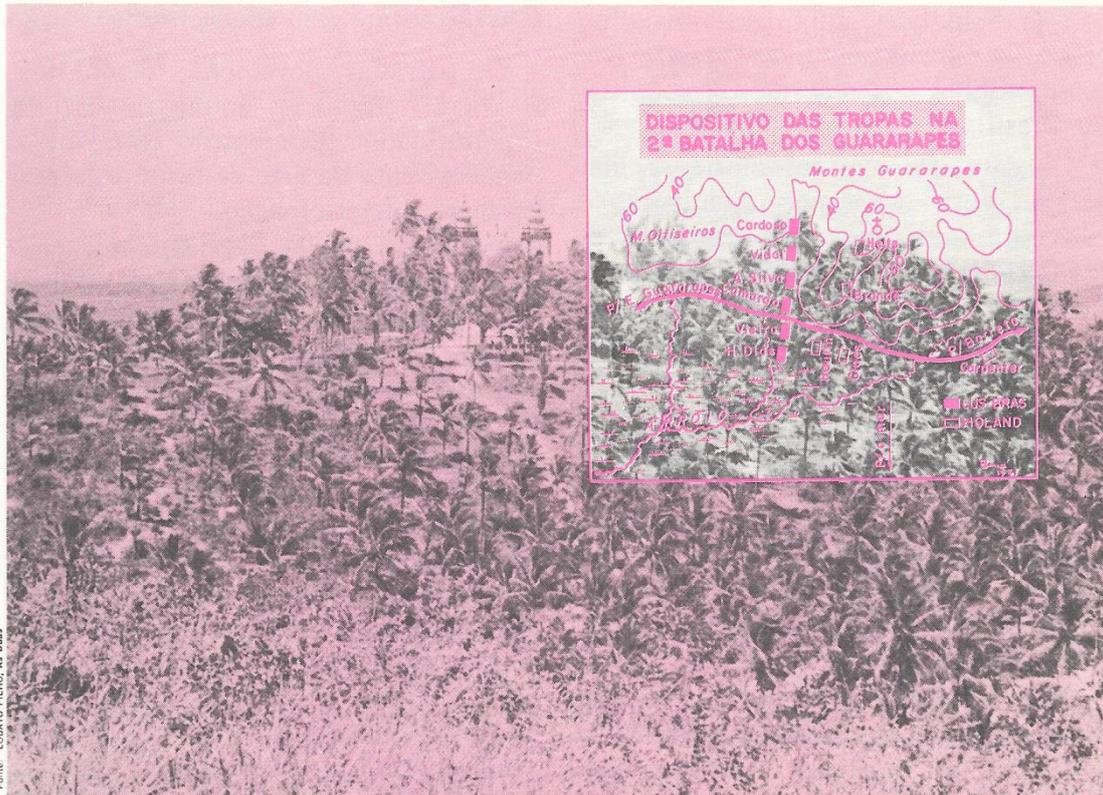


Foto: Montes Guararapes, direita. Cortesia do Maj José Geraldo Martins Peixoto, QG IV Exército

E um comentarista luso-brasileiro, contemporâneo da batalha: ***"A destruição não foi maior na perseguição porque cansados estavam os holandeses de fugir e os patriotas de matar e vencer"***.

Souza Júnior, no final da análise desta vitória memorável escreveu: ***"Mais uma vez os patriotas, inferiores em número mas superiores como combatentes, derrotaram esmagadoramente os soldados de um dos melhores exércitos da Europa"***.

O exército da Companhia das Índias Ocidentais retirou-se na maior desordem para Recife, com **1.544 baixas, sendo 927 mortos, 89 feridos e 428 prisioneiros, representando 44% do efetivo presente à batalha, contra 45 patriotas mortos e 245 prisioneiros.**

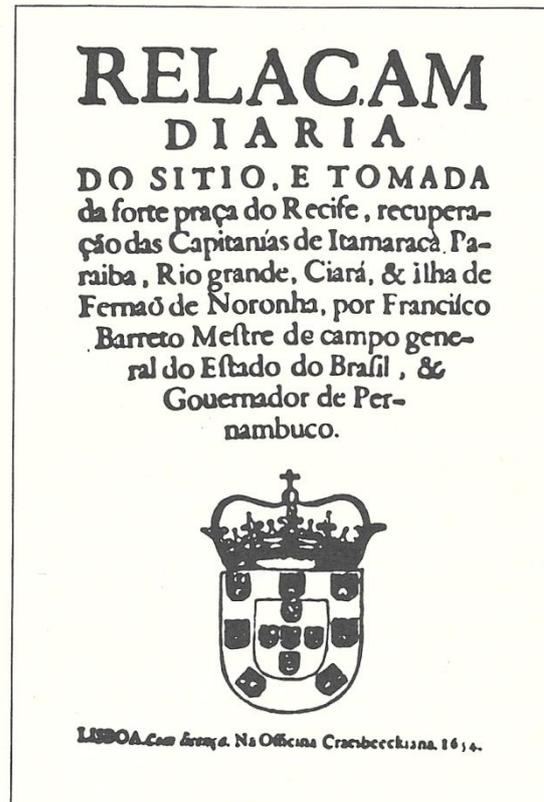
Guerra antiga com idéias novas

Os patriotas, novamente, demonstraram em relação ao inimigo, **absoluta superioridade em espírito combativo, conhecimento da arte de fazer a guerra, coragem e determinação.**

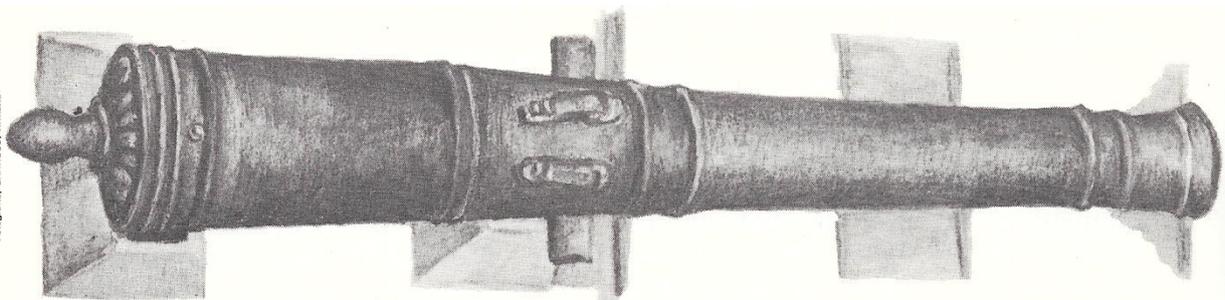
Do lado holandês, houve, como sempre, ausência de plano seguro. Depois de estar com o exército em formação de batalha nos Montes Guararapes, resolveu o coronel Brinck regressar à Barreta, sem dar combate, a fim de receber ali novas ordens do tenente-general e dos conselheiros que se encontravam em Recife. **Foi, indiscutivelmente, erro imperdoável que lhe custou bem caro: a própria vida, a derrota, o maior desastre das armas holandesas no Brasil.**

Do lado luso-brasileiro, tudo se passou consoante plano previamente traçado e resolvido, dentro de rígida linha de fidelidade às suas idéias, que não podemos ainda hoje deixar de admirar e realçar. **Primeiro, estava decidido que era preciso travar batalha com o inimigo, e daí a marcha para os Guararapes, assim que chegou ao Arraial a notícia do movimento do exército da Companhia das Índias Ocidentais para aquela região. Segundo, o dar batalha, com o desejo de vencer, implicava em escolher terreno adequado, favorável e em eleger o momento oportuno; eis por que o exército se apresentou ao sul, não ao norte dos montes, e somente atacou, apesar de muitas vezes provocado, quando pôde colher e golpear o inimigo em flagrante delito de mudança de atitude e de formação.**

Outras medidas sábias e eficientes tomadas pelos chefes patriotas, que merecem ser assinaladas, porque não eram próprias da época, e constituem, hoje, preceitos normais, foram a busca de informações e o reconhecimento do terreno e do inimigo, tendo em vista o ataque projetado. Durante a noite e pela manhã, não descuidaram em manter-se bem informados sobre o adversário. Golpes-de-mão e pequenas partidas foram lançadas, não só para inquietação como para reconhecimento. Tão estreito era o contato entre as duas forças, e tão vigilantes estavam as nossas, que logo as tropas flamengas começaram a abandonar os montes, tomando o dispositivo de marcha para Barreta, o Comandante recebeu a informação precisa do que se passava.



General Francisco Barreto não se limitou à conduta das operações para expulsar os holandeses



Fotografia, BARROSO, Armada

Colubrina de bronze, holandesa, século XVII

Reconhecimento providencial

Quanto ao reconhecimento do terreno e do inimigo, encontramos em Lopes Santiago minudências esclarecedoras. **"Tanto que amanheceu o seguinte dia, 19 de fevereiro", escreveu o cronista da Guerra de Pernambuco, "se acordou em Conselho se reconhecesse o inimigo, a forma em que estava e assim ordenou o mestre-de-campo general Francisco Barreto de Menezes a todos os mestres-de-campo e ao tenente-general Felipe Bandeira e aos sargentos-maiores do terço, a saber: Antônio Dias Cardoso, do de João Fernandes Vieira; Paulo da Cunha, do de André Vidal de Negreiros;**

Jerônimo de Enojosa, do de Francisco de Figueiroa, com o capitão de cavaleiros Antônio da Silva, para que reconhecessem o inimigo, e viram que estava na mesma forma que o dia de antes, situado nas eminências dos Montes Guararapes, podendo socorrer uns aos outros.

Recolhidos os mestres-de-campo, havendo notado e visto a disposição dos holandeses, se chamou a Conselho donde se tornaram como dantes a resolver que não convinha buscar o inimigo, por estar bem formado e senhor assim das eminências dos montes, donde socorriam uns aos outros como da baixa do boqueirão, porque não havia em nosso exército poder para contê-lo por oito ou nove partes, como estava formado, e que para cometerem por duas ou três partes seriam os nossos logo cortados e facilmente destruídos, mas que estivessem com muito cuidado para que tanto que o inimigo se movesse, ou para marchar para diante, ou para se ir para Recife, investissem, não convinha estar a nossa infantaria à sua vista formada, para não reconhecer o nosso poder; e com este acordo e parecer se ajustou o mestre-de-campo general Francisco Barreto de Menezes".

Esboço de guerra moderna

Não parece absurdo concluir que, respeitada as proporções, nas pugnas do Recôncavo aos Guararapes **existe bem nítido um esboço do quadro da guerra moderna, total.**

Não representa de fato exemplo de política de terra devastada, tão empregada modernamente, **o que fizeram os insurgentes na Paraíba e Rio Grande do Norte, para tirar aos invasores qualquer sorte de recursos?** "Ao retirar-se", descreveu Rocha Pombo, **"destruíram os moradores tudo quanto pudesse ser útil aos flamengos. A devastação foi completa, como se uma tormenta houvesse varrido aquela terra, agora deserta".**

Não constitui, realmente, **a ação dos guerrilheiros soviéticos, dos maquis franceses e dos partigiani da Itália,** uma reprodução em grande escala **das terríveis intervenções das famosas companhias de Emboscadas, que não permitiam que o invasor saísse sem perigo das suas praças fortes?** "Quanto ao resto", mandavam dizer para a Holanda os Conselheiros da Companhia, **após a batalha dos Guararapes, "Estamos encerrados aqui em Recife, não tendo mais lugar ainda do que a praça e a fortaleza que o inimigo abandonou. O inimigo conserva-se pelas vizinhanças com todas as suas forças".** E mais adiante clamavam: **"O inimigo nos mantém aqui tão fechados, que para bem dizer está com a espada sobre o nosso pescoço".**

Em busca de uma batalha decisiva

O princípio de concentração de esforços, em contraposição ao de dispersão de meios empregados pelos holandeses, não se apresenta concretizado na reunião de todos os recursos dos patriotas na Várzea e em derredor de Recife? **"Os mestres-de-campo Fernandes Vieira e Vidal de Negreiros",** relatou Lopes Santiago, **"trataram de defender a campanha, convocando todos os soldados, provendo as estâncias fronteiras e postos mais perigosos, e considerando que a primeira guerra se perdeu por estar o poder que havia tão dividido, que se estivera junto não ganhara o inimigo".**

A procura de uma batalha decisiva, característica fundamental da guerra moderna, não se encontra materializada nas duas batalhas dos Guararapes?

Apesar de fatores restritivos, como os recursos e meios limitados, não podemos deixar de assinalar, nos últimos anos da guerra contra os holandeses, **o aparecimento de nova**

forma de conduzir as operações em campanha, que se não coadunava com os reduzidos conhecimentos da arte militar contemporânea. Em pleno século XVII, longe dos campos de batalha da Europa, já se fazia, em o Novo Continente, guerra de movimento e de destruição do inimigo, **mercê da inteligência, vivacidade e intuição dos bravos chefes militares do Arraial Novo do Bom Jesus que, durante quase dez anos ininterruptos de luta implacável, combateram, sem desânimo, e venceram, com honra, um dos melhores exércitos da época.**

Derrocada

Ao rude golpe militar e econômico sofrido pelo invasor nas duas batalhas dos Guararapes, somam-se outros: a organização **em Portugal da Companhia Geral de Comércio do Brasil**, a **guerra entre Inglaterra e Holanda**, e a **ruína da Companhia das Índias Ocidentais**. Tudo isso contribuiu para que a Holanda perdesse a supremacia naval, no litoral do nordeste.

Libertação

A 14 de janeiro de 1654, em ação combinada, exército de patriotas e esquadra da Companhia de Comércio do Brasil, composta de 44 navios, teve início o assédio de Recife. Em 10 dias de operações, a cidade caiu em mãos dos luso-brasileiros.

No dia 26, na Campina do Taborda, fronteira ao Forte de Cinco Pontas, os holandeses assinaram a rendição de todas as suas forças no Brasil. A guerra chegara a seu final.

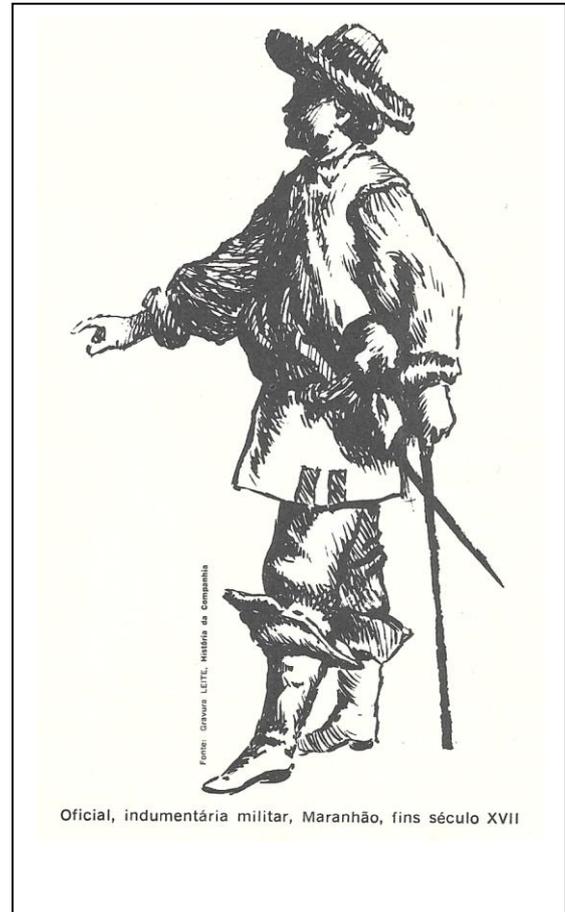
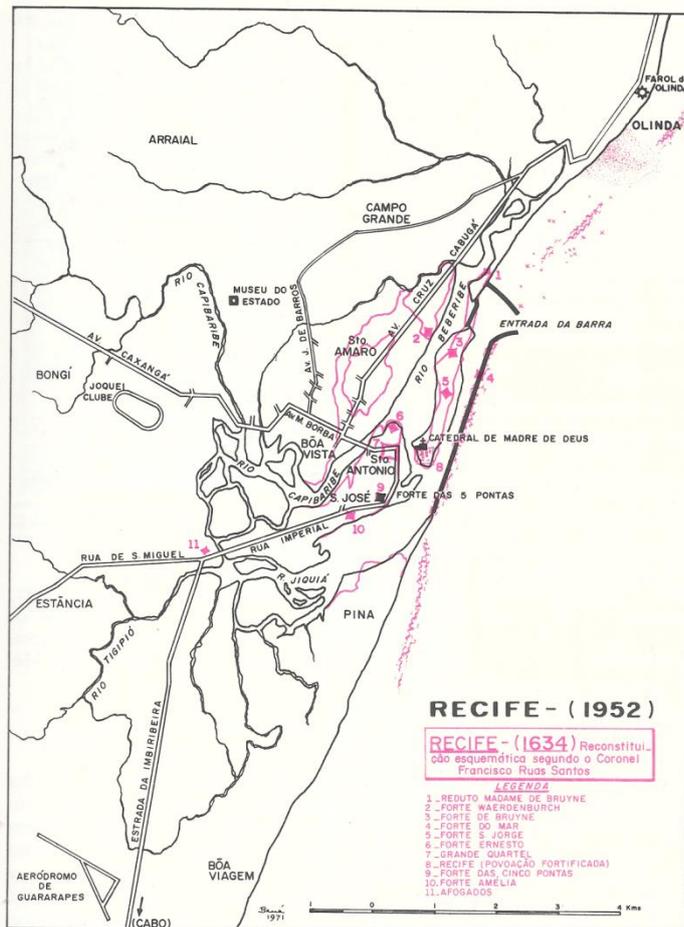
Os patriotas ocuparam Recife, a 27, e, dia 28, após 23 anos em mãos do invasor, nela entrou, triunfante, o mestre-de-campo general Barreto de Menezes.

A guerra contribuiu para o fortalecimento militar do Brasil

A guerra acarretou o aumento das guarnições militares dos principais núcleos populacionais brasileiros. Já **em 1640, por exemplo, o Rio de Janeiro possuía guarnição respeitável para a época.** E segundo Miralles, em sua célebre **História Militar**, nessa mesma ocasião **contava a Bahia seis terços e uma unidade de artilharia, além das unidades de guerrilheiros e pernambucanos.**

Tempos depois do término da guerra, o Governador de Pernambuco, cumprindo determinação régia, deu nova organização militar à capitania. **Com os militares fora do serviço ativo instituiu uma tropa de 6.500 infantes, 800 cavalarianos e um trem de artilharia de campanha. Cada comarca passou a dispor de um terço, e cada freguesia, uma companhia. Mais tarde, durante o governo do Conde de Óbidos, tomaram-se novas providências, dentro do espírito da antiga organização das Ordenanças.**

Não obstante, a conseqüência de maior relevo da guerra holandesa, no tocante à organização militar, foi que o povo, muito particularmente da Bahia para o norte, **passou a encarar a força terrestre com maior simpatia, admitin-do-a, realmente, como um meio para a sua defesa e a dos seus bens.** Isto se refere de modo especial às **Ordenanças, que receberam muito maior atenção da Metrópole, e passaram a apresentar maior eficiência militar.**



Oficial, indumentária militar, Maranhão, fins século XVII

NOTAS DO AUTOR EM 2017 35 ANOS DEPOIS DESTA TRABALHO

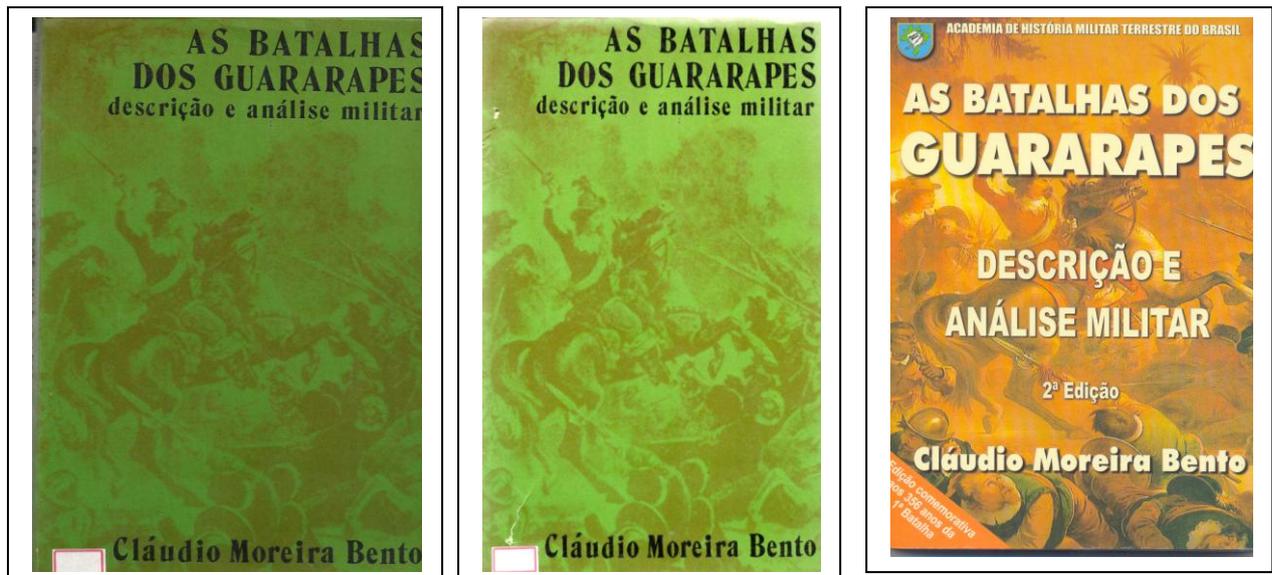
Data de 1941, o nosso interesse por História e em especial História Militar, aos compulsarmos deslustrado o livro O ESPIRITO DAS ARMAS BRASILEIRAS oferecido a meu pai Conrado Ernani Bento, por seu amigo o Dr Fernando Luiz Osório Filho, neto do General Osório e filho de de Fernando Luiz Osório, nomes de ruas em meu berço Natal Canguçu-RS que eistiam eleitores de ambos e ligados a minha família desde meu bisavo Professor Antônio Joaquim Bento, do Partido Liberal e professor régio para meninos e hoje nome do Teatro Municipal..

E sempre me interessava pela História de minha terra natal que deparei perdida ,esquecida por completo , a qual em cerca de 60 anos consegui restaurá-la por completo e fundar e presidir desde 1988 **A ACADEMIA CANGUÇUENSE DE HISTÓRIA** cujo brasão figura no alto a esquerda de meus artigos e como **ACANDHIS**, a qual hoje abriga grande acervo da História local e, da do Exército, a qual me dedico ha 60 anos, de corpo e alma para resgatá-la e interpretá-la a luz dos **Fundamentos da Arte e Ciência Militar**, conforme pode ser verificado no site da FAHIMTB, criado e adiministrado por meu filho Capitão-de Mar e Guerra Carlos Norberto, hoje instrutor de NAVEGAÇÃO na Escola Naval e autor de livro didático **NAVEGAÇÃO INTEGRADA** e articulista de assuntos profissionais em revistas da Marinha. desde o **Colégio Naval** e também o projetista das capas da maioria das ca, tendo como mais constante parceiro nestes livros o historiador **Cel Inf QEMA Luiz Ernani Caminha Giorgis** e inclusive em nossos livros hoje, o mais completos dicionários de nossas **Lutas Externas e Internas** disponíveis para serem baixados em Livros no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br

Ao preparar-me para o concurso na ECEME mergulhei fundo e com prazer no estudo dos subsídios históricos fornecidos aos candidatos pela ECEME.E nesta sempre atento

as aulas de História ministradas pelo então **Major José Fernando de Maia Pedrosa** e as sobre **Arte e Ciência Militar e seus fundamentos** nas obras valiosas do **Cel Amerino Raposo filho**, fundamentais para mim da Arma de Engenharia. Enveredar para a solução de questões formuladas que exigiam raciocínio e não formulas classicas usadas no 1º ano por integrantes das armas básicas. Na ECEME assisti uma grande e competente explicação dos trabalhos da **Seção de História e Geografia do EME** ainda no Rio.

Ao chegar ao **IV Exército em 1970** Recife, constatando meu comandante **Gen Ex Arthur Duarte Candal da Fonseca** meu potencial e grande interesse por História Militar me deu a missão, sem prejuizo de minhas funções, de coordenar de fato o **Projeto ,Construção e Inaguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes** e de escrever um livro sobre as **Batalhas dos Guararapes**, livro no qual nos honrou com o seu estimulante prefacio a um jovem historiador que estreitava, obra cuja capa apresento abaixo e que atraves de sua editora UFPE, foi distribuido a universidades mundo a fora e e inclusive para o meu **Colegio N.S Aparecida em Canguçu** onde eu estudara 1938-1944. E minha professora e amiga Irmã Franciscana Firmina Simon, agradeceu ao Reitor da UFPE orgulhosa de seu ex-aluno,



Duas capas a esquerda, são de meu livro sobre as Batalhas textos e esboço das batalhas e, a da direita é a capa da segunda edição em 2004, 33 anos depois, em um só volume e que incorporou **mapas das batalhas desenhadas** por meu filho **Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Stumpf Bento** que fora premiado pelo CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO por video sobre as Batalhas dos Guarapes. Livro em comemoração aos 356 anos da 1ª Batalha, no qual, na 4ª capa, publicamos o **DECRETO PRESIDENCIAL** de 24 de março de 1994 que instituiu **o dia da 1ª Batalha dos Guararapes 19 de abril, como o Dia do Exército Brasileiro.**

Abraçamos com alegria a difícil e muita prazerosa missão militar recebida, de coordenar o **Projeto. Construção e Inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes** e da elaboração de um livro sobre as Batalhas dos Guararapes e usando as manhãs de folga sem expediente do QG do IV Exército. Batalhas muito pouco conhecidas e estudadas as abordando **de forma inédita a luz dos Fundamento da Arte e Ciência Militar**, até então abordadas descritivamente. E com apoio nos fundamentos da Arte e Ciência Militar apreendidos e aplicados em casos esquemáticos na **Escola de Comando e Estado –Maior do Exército**, os quais aplicamos as obras de historiadores contemporâneos. Em especial os **que participaram em 1949 das comemorações dos**

300 anos das Batalhas do Guararapes promovidas pelo **ARQUIVO PUBLICO DE PERNAMBUCO** sob a direção do historiador Jordão Emerenciano e publicados em sua **Revista** por Jordão Emerenciano, Pedro Calmon, Câmara Casado, generais Antônio de Souza Junior e Lauro Alves Pinto e, mais de Jordão Emerenciano seus estudos sobre as duas batalhas em 1949 e mais as preciosas obras sobre as guerras holandesas de José Antônio Gonçalves de Mello Neto e biograficas dos restauradores de Pernambuco as de José Honório Rodrigues e Carlos Boxer, F.A Pereira da Costa, discurso de Gilberto Freire como deputado federal **com a projeção das batalhas na unidade do Brasil**. E muita atenção **nas partes de combate** de lideranças militares que se confrontaram nas batalhas. Acreditamos que num ano e meio nos tornamos um expert em Guerras Holandesas sobre as quais muito publicamos nos jornais do **Commercio e Diário de Pernambuco** e sempre muito prestigiado por Mauro Mota e outros intelectuais pernambucanos.

Ao sermos transferido para o Estado- Maior do Exército por ato de meu ex-comandante no Batalhão Ferroviário Gen Div Dirceu de Araujo Nogueira **Sub Chefe do Estado-Maior do Exército** fomos designado para integrar a **COMISSÃO DE HISTÓRIA DO EXERCITO –EME** como Adjunto de seu presidente **o historiador Cel Francisco Ruas Santos**, o qual ,em razão de sua antiguidade ficou subordinado direto ao **Chefe do Estado-Estado –Maior do Exército o Gen Ex Alfredo Souto Malan**,(hoje patrono de cadeira na FAHIMTB) e ter a citada comissão entre várias missões apresentar a **HISTÓRIA DO EXERCITO BRASILEIRO –PERFIL MILITAR DE UM POVO** como contribuição do Exército as comemorações do **SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA** com inicio em **21 de abril de 1972**, cuja edição histórica do **CORREIO BRAZILIENSE** neste dia foi a min confiada . na qual tei a contei a **História do Exército em Brasilia** e a história do **Patrono da Imprensa Hipólito da Costa** e com minha sugestão reiterada de seus restos mortais **serem trazidos de Londres para Brasília**,junto ao Jornal que levava o nome de seu jornal editado em Londres e de grande projeção na Independência do Brasil.

Além de meus encargos na Comissão de História do Exército fomos convidados pelo **Chefe do Estado-Maior General Malan** para escrever o capitulo sobre as **Guerras Holandesas** que traduzi no presente trabalho. E entre os seguintes e ilustres convidados responsáveis pelos demais capítulos

REVISORES DOS ASPECTOS HISTÓRICOS DAS MONOGRAFIAS BÁSICAS E SUA REDAÇÃO

ADAÍLTON SAMPAIO PIRASSINUNGA — GENERAL, — ADOLFO MORALES DE LOS RIOS FILHO — PROFESSOR—AMERINO RAPOSO FILHO — CORONEL—ANTÔNIO LUIZ PORTO ALBUQUERQUE — CAPITÃO-TENENTE—ARTHUR CÉSAR FERREIRA REIS — DOUTOR—CARLOS MAUL — DOUTOR--CLÁUDIO MOREIRA BENTO — MAJOR - ELBER DE MELLO HENRIQUES — CORONEL— EPAMINONDAS FERRAZ DA CUNHA — GENERAL-DE-BRIGADA —FERDINANDO DE CARVALHO — CORONEL—FREDERICO AUGUSTO RONDON — GENERAL—GERMANO SEIDL VIDAL — CORONEL-GLAUCO CARNEIRO — JORNALISTA —JOÃO BATISTA PEIXOTO — GENERAL— JOÃO FALCÃO DA MOTA — JORNALISTA—JOÃO DO PRADO MAIA — ALMIRANTE —JOAQUIM VITORINO PORTELA FERREIRA ALVES — CORONEL —JONAS DE MORAES CORREIA FILHO— GENERAL —

MÁRIO FERREIRA FRANÇA — ALMIRANTE — MOACIR RIBEIRO COELHO — GENERAL — NELSON FREIRE LAVENÈRE-WANDERLEY — TENENTE-BRIGADEIRO — NEWTON CORRÊA DE ANDRADE MELO — CORONEL — SALM DE MIRANDA — GENERAL — TÁCITO THEÓFILO GASPAR DE OLIVEIRA — GENERAL-DE-BRIGADA WALDEMIRO PIMENTEL — GENERAL WASHINGTON PERRY DE OLIVEIRA — ALMIRANTE

Foi para mim grande Honra figurar como jovem Major entre historiadores consagrados, Generais, Almirantes, Brigadeiro do Ar e Jornalistas e um Capitão Tenente, desta responsabilidade, no meu caso de abordar as Guerras Holandesas para a qual estava bem preparado. Este meu trabalho junto com as monografias elaboradas por alunos da ECEME constam de uma pasta encadernada que destinei ao acervo da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) que possui um grande acervo de História do Exército, do Rio Grande do Sul e de Canguçu-RS que se soma ao meu acervo de publicações na Biblioteca do Colégio N.S Aparecida para onde sempre envie meus trabalhos. Meu trabalho em foco foi ilustrado com esboços do Coronel Francisco Ruas Santos, meu presidente na CHEB-EME, Major Jose Fernando Maia Pedrosa e trabalhos de minha autoria. Ou orientação. A revisão final de meu trabalho foi do General Antônio de Souza Junior, Diretor do Projeto, e revisor dos trabalhos dos historiadores convidados e no meu caso aprovado

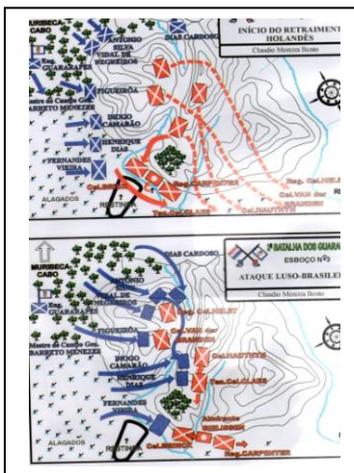
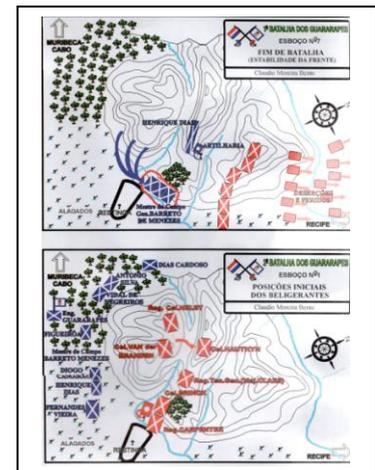
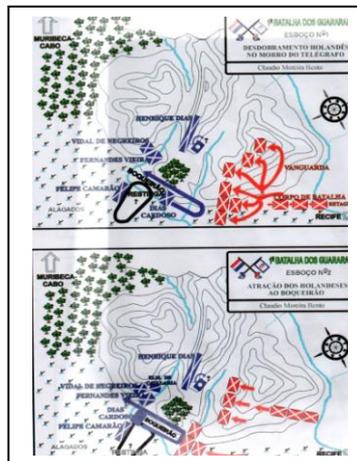
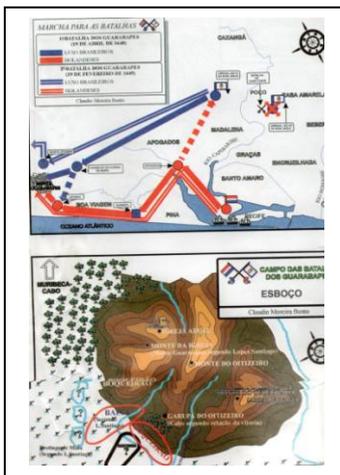
Dos alunos da ECEME que colaboraram com este projeto e que depois se envolveram em História Militar destaco os seguintes: hoje coronéis Mario Rosas e Flávio Sandoli Brito como instrutores de História Militar na AMAN, Edu Campello de Castro Lucas autor de livro sobre a TURMA AVAI lançado em 2016, para o qual fui honrado como autor do Prefácio, Cel Tiago Castro de Castro autor de obras de interesse profissional. Gélio Augusto Fregapani com livros sobre a Amazônia, Guerra na Selva e comentarista de assuntos geopolíticos. Pedro Shirmer editor e articulista do Jornal mensal OMBRO A OMBRO no qual publicamos vários artigos. Reginaldo Moraes Miranda, estudioso de História Militar e Tirteu Frota que contribuiu para obra por nós coordenada em 1996 a PRESENÇA MILITAR NO VALE DO PARAIBA, do qual conservamos exemplar encadernado na AMAN na sede da FAHIMTBb

Dos citados são patronos ou academicos da FAHIMTB na ordem em que foram citados. Patronos de Cadeira; Gen Antonio de Souza Junior, Cel Francisco Ruas Santos, Gen Adaiton Pirassinunga, Pedro Calmon Gen Jonas de Moraes Correa Filho, e gen Vet Waldemiro Pimentes, José Antônio de Cel Germano Seidl Vidal, Cel J.V. Ferreira Alves. Cel Edu Campello de Castro Lucas.

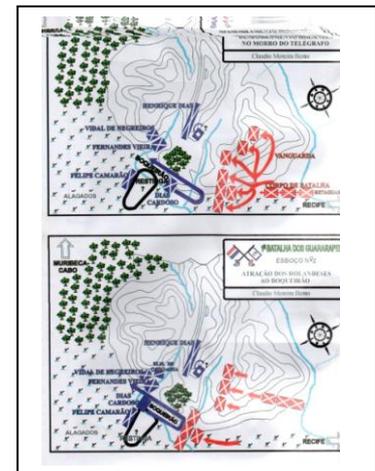
Em 1998, decorridos 26 anos foi lançada também no Forte do Brum a obra patrocinada pela ODEBRECHT, a obra O Exército na História do Brasil em 5 volumes magnificamente ilustrados e pela Biblioteca do Exército e a ao contrario da HISTÓRIA DO EXERCITO BRASILEIRO PERFIL MILITAR DE UM POVO que envolveu enorme equipe para produzi-la, a obra O EXÉRCITO NA HISTÓRIA DO BRASIL foi realizada com uma pequena equipe coordenada pelo Diretor da BIBLEX, a qual as p.15/18 relaciona todos os que contribuíram com seus estudos para tornar possível tornar realidade a obra, Relação na qual figuramos na pagina 15 e dela estão ausentes na bibliografia a HISTÓRIA DO EXERCITO PERFIL MILITAR DE UM POVO do ESTADO-MAIOR DO EXERCITO que contem o nosso trabalho em foco sobre as GUERRAS HOLANDESAS bem como do nosso livro AS BATALHAS DO GUARARAPES

DESCRIÇÃO ANÁLISE MILITAR lançado na inauguração do **PARQUE HISTÓRICO NACIONAL DOS MONTES GUARARAPES** em 19 de Abril de 1970 pelo Presidente **Emílio Médici** e realizado segundo o seu desejo. E na bibliografia so figurou dois artigos nossos dentre os muitos que publicamos na imprensa pernabucana e somente dois artigos do coronel **Francisco Ruas** e somente dois sobre assunto do General **Antônio de Souza Junior** grandes experts no assunto e respectivamente responsáveis pelo **PLANO DA OBRA E SUA COORDENAÇÃO**, através da **COMISSÃO DE HISTÓRIA DO EXERCITO DO EME** e **PELA COORDENAÇÃO DO PROJETO**. E de se extranhar esta omissão de parte do Diretor da **BIBLIOTECA DO EXÈRCITO** de parte de seu Diretor **Cel Paulo Macedo De Carvalho**, num gesto muito seu. Que a História o julgue! Nos fomos uma das vítimas de sua preferencia. Mas esta é outra História!.

ESBOÇOS DAS BATALHAS DA 2ª EDIÇÃO E REFORMULADOS NA 1ª EDIÇÃO



Esboço das batalha na 2 edição elaborados com apoio nos da 1ª Ed para concorrer a concurso do C.COM S Ex o hoje Capitão de Mar –e –Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento ,um dos premiados pelo concurso, do Exército no Forte do Brum em Recife onde o acompanhei como seu convidado



Aos lados deste quadro os nossos dicionario de Lutas Externas Internas do Brasil ampliação expressiva de trabalhos sobre este título que elaboramos para a ECEME para o seu Curso de Preparação para Admissão na ECEME e que elaboramos para fins didáticos profissionais no qua contamos com a parceria do Cel Luiz Eduardo Caminha Giorgis e capas e contracapas de nosso filho citado no quadro acima e disponíveis ora ser baixados em LIVROS no site da FAHIMTB WWW.AHIMTB.ORG.BR

